



VORLENSTE



"São os do Norte que vêm..."

A REVOLUÇÃO PRAIEIRA

AMARO QUINTAS

Conferência lida no Teatro Santa Isabel, no dia 7 de novembro de 1948:

HA precisamente um século, no dia de hoje, em Olinda, às 10 horas da noite, o delegado do termo de Olinda e coronel da legião da Guarda Nacional José Joaquim de Almeida Guedes e o subdelegado da freguesia de São e tenente-coronel do 1.º batalhão João Paulo Ferreira iniciaram o movimento praieiro fazendo marchar em direção a Igarapé o batalhão que o segundo comandava. Jam juntar-se às forças que Manuel Pereira de Morais, senhor do engenho Inhaman, e homem de grande prestígio na zona Norte da província, poderia mobilizar.

Diz Figueira de Melo que tinha sido acertado nos clubes praieiros e dia 7 de novembro "para não reventar a rebelião", talvez pelo fato dessa data lembrar o começo da Sabinada. Parece-me, no entanto, que a data fixada era a de 19, tendo havido, assim, certa precipitação. Num documento que encontrei na seção de manuscritos da Biblioteca Pública do Estado, o major Inácio de Siqueira Leão Silva Cruz dirigindo-se ao presidente da província, Herculano Ferreira Pena, diz de Rio Formoso, no dia 10-11-1848, quando a revolução já tinha começado em Olinda: "Existe aqui um grande número de pessoas desaffectedas ao Governo, e que nutrem rancor fidalga a todas as mais, as quem denominam guabirú que defendem o Governo a quem ellas odeio. Dessa Capital, armamento tem vindo clandestinamente; assim como muito cartucho, e pólvora com que se elle tem aqui feito e distribuido, pelos anarquistas, em poder de quem existe em differentes lugares, bem sabido pelas pessoas que me informão... Desgraçadamente, alguns destas mesmas pessoas, que á custa da propria vida devião sustentar, e manter as instituições do País, e consequentemente o Governo, por terem sido por elle constituídas autoridades; seduzem as q. lhe estão subordinadas, as subornão e inculcão para a revolta, concluindo por diserem-lhes - Quando mais não seja estejam prontas para o dia 19". Em todo o interior de Pernambuco lavrava intensa agitação, prenúncio da revolta que iria eclodir. Era uma fase pré-revolucionária com todos os característicos desses períodos de turvação social. Rio Formoso, Serinhãem, Una, Água Preta, Pau-d'Alho, Nazaré, Goiana, Bonito, Brejo, Flores, por toda a parte desenvolvia-se o fermento revolucionário. Diz Segismundo Nemésio Mariz de Sá, em carta, também por mim encontrada na seção de manuscritos da Biblioteca Pública do Estado, datada de Ilha Grande, 7 de Novembro de 1848 e dirigida ao presidente Herculano Pena: "Tenho a honra de dar sciencia a V. Exa. que tenho encontrado noticias desagradaveis sobre a Villa d' Agua-Preta, q. um celebre Castano Alves da Silva, em compa. do Capm. do 2.º Bm. de Arta, apé Pedro Ivo e de outros reuñem povos pa. obstarem a entrada de alg. força de linha q. appareça pa. a indicada Villa p. lhes contar que o Delegado, hoveira requisitado a V. Exa". Tal situação é idéntica em outras partes. Os documentos officiaes mostram que nas cidades e vilas do interior manifestara-se essa mesma tendência de preparação e sobretudo de crescente irritação e desobediência ás medidas do governo. Não foi possível aguardar-se o dia 19 para deflagrar a rebelião. Irritados com a attitude filo-guabirú de Herculano Pena e de suas decisões contrárias à Praia, José Joaquim de Almeida Guedes e João Paulo Ferreira não mais suportaram a sequência dos fatos e provocaram o momento histórico do começo da Praieira. Olinda, cujo belo passado é uma glória para a história de Pernambuco e concomitantemente do Brasil, possui na sua nobilitante tradição mais essa prioridade: foi o ponto inicial da revolução de 1848.



Allegria a Nuno Machado publicada no "Heraldico Brasileiro e estyria" "O ETNA" (Ano II - N.º 5, de 4 de fevrieiro de 1882 - Recife)

bediência ás medidas do governo. Não foi possível aguardar-se o dia 19 para deflagrar a rebelião. Irritados com a attitude filo-guabirú de Herculano Pena e de suas decisões contrárias à Praia, José Joaquim de Almeida Guedes e João Paulo Ferreira não mais suportaram a sequência dos fatos e provocaram o momento histórico do começo da Praieira. Olinda, cujo belo passado é uma glória para a história de Pernambuco e concomitantemente do Brasil, possui na sua nobilitante tradição mais essa prioridade: foi o ponto inicial da revolução de 1848.

Era devesas grave a situação politica e social de Pernambuco naquele ano de 1848, marcado pelo destino a ser o ano das grandes agitações no mundo. Cair, com a ascensão do gabinete ultra-reacionário de Araújo Lima, o partido liberal. Desceza do poder o elemento politico que sustentava a Praia em Pernambuco. E se para outras provincias o fato não teria maiores consequências que uma mudança de funcionarios nos postos chaves da administração, aqui o acontecimento significava uma transmutação completa, não somente de valores, mas principalmente de situação social. Não se poderia aplicar em relação ao caso pernambucano aquella frase irônica do nosso Visconde de Albuquerque de que "não há nada mais parecido com um luzia do que um saquarema". Havia muita diferença entre um "praieiro" e um "guabirú". A inversão que iria se processar em Pernambuco representava mais do que uma substituição de partidos; significava uma inversão total no processo de desenvolvimento sociológico da provincia. O nosso problema era mais local do que geral. Bem raro teve o Dr. Antônio Vicente do Nascimento Feitosa quando, no seu jornal *O Mascaboo*, ao estudar as causas da Revolução Praieira, destacou as causas locais como superiores ás gerais. Incontestavelmente a facção politica que ficou na História conhecida por partido praieiro não se pode identificar com o liberal ou luzia, assim como os Guabirú não são rigorosamente saquaremas ou conservadores. Nascimento Feitosa no seu *Mascaboo* n.º 12 de 1849 referindo à Praia, diz: "Era um partido formado com cores locais, era uma liga da provincia contra uma parte dela, e a sua situação era a mais falsa possível. A politica geral dividida pelo sul em Saquarema e Santa-Luzia era impotente para a provincia de Pernambuco. Se dominava a politica saquarema, tinhamos o sr. barão da Boa Vista, Sebastião do Rego & Cia.; se dominava a politica Santa-Luzia, lá estava o sr. Holanda, lucrando sempre a família Rego-Barros-Cavalcanti, e o generoso partido praieiro sempre em apuros sempre lutando, e só subsistindo pela propria força". Joaquim Nabuco, com aquele sentido agudo de ver as coisas, também afirmou: "Os Praieiros têm uma história politica singular. Eles não eram liberais doutrinarícos, como foram posteriormente os liberais de Pernambuco... No todo não eram nem os restos do antigo republicanismo de 1824 e de 1831. O partido praieiro foi um partido sem direção e sem disciplina, porque propriamente não foi senão um movimento de expansão popular" (*Um Estadista do Império*, t. I, pag. 75 e 76).

Quanto aos Guabirú, comenta o *Diário Novo*, (Continua na 3.ª pag.)



"Recife romântico de um século atrás, nos seus becos sombrios, nas suas ruas tortuosas, nos seus sobrados esgulos" (Da conferência do prof. Amaro Quintas publicada neste número)

TÓPICOS

O I CENTENÁRIO DA REVOLUÇÃO PRAIEIRA

O governo e o povo de Pernambuco estão comemorando com interesse e entusiasmo o I Centenário da Revolução Praieira. O Governo do Estado traçou um programa de conferências que se vêm realizando desde 7 de novembro de 1948, cobrindo o prof. Amaro Quintas — o historiador da Praieira no Recife — inauguradas com o magnífico estudo que abre a presente edição de "Nordeste". Em seguida vieram as conferências dos profs. Estêvão Pinto — também incluído neste número — e Ovílio Montenegro, da qual publicamos alguns trechos, transcritos, aliás, do "Diário de Pernambuco".

A convite do Instituto Histórico Brasileiro, o escritor Barbosa Lima Sobrinho pronunciou, no Rio, uma longa conferência sobre o movimento praieiro, divulgada nos jornais desta capital, que transcrevemos não só pelo seu valor documental como pela vicinidade com que o conferencista estudou o sentido político e social da Praieira.

Incluímos, também, nesta edição, o discurso do sociólogo Gilberto Freyre, representante do povo pernambucano na Câmara Federal, que é um modelo de síntese e de precisão em torno do conteúdo histórico e sociológico desse movimento que tanta repercussão vem tendo entre os estudiosos atuais da história pernambucana.

Chamamos a atenção dos nossos leitores para as fotografias históricas, não só dos homens da época como também do Recife de 18, além dos fac-símiles de inúmeros jornais que circulavam durante o período revolucionário da Praieira, destacando-se uma espécie de historieta em quadrinhos a respeito da vida heróica de Nunes Machado, de época posterior, mas que indica não ser privilégio da imprensa norte-americana as tais historietas em quadrinhos...

Com este número — em que, através das conferências e dos artigos, está bem viva a inteligência pernambucana analisando a Revolução Praieira como expressão histórica e sociológica — Nordeste abre as suas páginas aos estudiosos para que, nela, possam surgir novas pesquisas, análises e interpretações, à luz dos documentos históricos, daqueles já distantes e agitados anos de 1818-42 e que, hoje, comemoramos com grande emoção cívica o seu primeiro centenário.

ATIVIDADES TEA.

TRAIS EM 48

O cronista de arte do "Jornal do Commercio", num dos seus "A propósito", referiu-se com absoluta razão e com equilíbrio aos aspectos literários nos suplementos que se toca à vida teatral. Na verdade, ti-

vemos um ano bem cheio de boas peças encenadas e representadas com êxito pelos grupos teatrais do Recife, destacando-se, entre outros, "A Casa de Rosmer", de O'Neill, representada pelo Teatro do Estudante, sob a direção de Hermilo Borbosa Filho, e "A Casa de Bernarda Alba", de Lorca, dirigida pelo cronista acima referido, sr. Waldemar de Oliveira. Dois grandes escritores de teatro que tiveram intérpretes à altura de suas criações numa cidade que possui um único teatro, o Santa Isabel, sem esquecermos a barraca móvel dos pioneiros do teatro popular entre nós — O TEP.

O INCOMPREENDIDO ANTONIO PEDRO DE FIGUEIREDO

Dentre as personalidades de 1848, a figura ímpar do mulato de Igarapé avulta como a de um homem incompreendido pelos "praieiros" e pelos "guabirbas". Quem primeiro tratou de Antônio Pedro de Figueiredo foi, incagavelmente, Alfredo de Carvalho, mas o historiador pernambucano analisou-o quase que como jornalista. Quem revelou o "Cossin Fusco", tornando-o conhecido dos intelectuais brasileiros e acentuando a sua importância como militante social, foi, sem nenhum fator, o sociólogo Gilberto Freyre no seu livro "Nordeste" e depois em "Um engenhoso francês no Brasil". Os trabalhos posteriores de Ovílio Montenegro e Amaro Quintas têm contribuído para dar projeção ao vulto do grande mulato socialista, — ambos os escritores seguindo o caminho desbravado pelo autor de "Casa Grande & Senzala".

Antônio Pedro de Figueiredo foi politicamente um incompreendido na sua época e vítima não somente dos ataques e das perseguições dos "praieiros", como também dos próprios "guabirbas". Como se não bastassem as desventuras provocadas pela gente da Praia, o nosso inteligente "Cossin Fusco", por causa de suas idéias republicanas, foi demitido em maio de 1848 do corpo redacional do "Diário de Pernambuco", onde dirigia a seção estrangeira, perdendo o seu ganha-pão. Era, assim, uma vítima das duas facções em luta.

Com a publicação de seus estudos sociais, da sua revista "O Progresso", cuja reedição já está no prelo sob a direção do prof. Amaro Quintas com a colaboração do sr. Ivan Seixas, da seção semanal que o "Cossin Fusco" (era assim chamado pelos seus adversários pelo fato de ter traduzido do francês a filosofia de Victor Cousin) mantinha no "Diário de Pernambuco", denominada "A Carteira" e da qual o prof. Quintas está organizando uma antologia, veremos revelada, em corpo inteiro, a estranha personalidade de um verdadeiro sociólogo que, como nenhum outro homem de seu tempo, se preocupou com os problemas objetivos de sua província.

UM ARTISTA PERNAMBUCANO MORRE NA INDIGENCIA



LUIZ SOARES — fotografia de Hélio Feljö

Ainda um dia desses um cronista da imprensa diária lembrava a necessidade de se amparar a velhice do artista pernambucano Luiz Soares que vivia no Rio em completa miséria. Um outro cronista pernambucano, residente no Rio, o sr. José Condé, pelas colunas do "Correio da Manhã", também fez um comentário "apelo ao sentimento" no sentido de que fosse concedida uma pensão ao pobre pintor dos nossos "trevos", "maracatás" e coqueirais de Olinda.

Nada disse impediu, no entanto, de que Luiz Soares lamentavelmente internado numa casa de indigentes sem que até agora tenhamos notícias do destino que tomaram as suas produções.

"Nordeste" veio a atenção do governo de Pernambuco, representado no diretor do Museu do Estado, para a pintura sentida e popular e pernambucana de Luiz Soares já que, enquanto o artista vive, nenhum gesto houve de simpatia para com a sua miséria.

CENTENÁRIO DE NABUCO



Coube ao deputado Gilberto Freyre, com o seu discurso sobre Nabuco na Câmara Federal, agitar os meios intelectuais em torno das comemorações que se devem fazer pela passagem do primeiro centenário do nascimento do grande campeão do abolicionismo brasileiro. E ainda conseguiu para o nosso Estado a criação do Instituto Joaquim Nabuco que irá ser o primeiro centro de pesquisas sociológicas do Brasil.

A Diretoria de Documentação e Cultura, da Prefeitura Municipal do Recife, e o Diretório Acadêmico de Direito instituíram concursos de monografias sobre Joaquim Nabuco, a vida e a obra, com prêmios desde dez mil a trinta mil cruzeiros.

De nossa parte também iremos comemorar o primeiro centenário do nascimento de Nabuco com uma edição a ele dedicada, dentro da modestia de nossas possibilidades.

OBRAS COMPLETAS DE ASCENSO FERREIRA

Por iniciativa de um grupo de amigos do poeta, tendo à frente o sr. Souza Barros, sairá, ainda este ano, um volume de poemas de Ascenso Ferreira com toda a sua produção até hoje publicada e mais o que está inédito, além de um disco com alguns poemas musicados que irão anexos à edição das "obras completas" desse grande intérprete

ASSOCIATIVAS E POR TÍTULOS	OPORTUNIDADES DE SERVIÇOS	OPORTUNIDADES DE SERVIÇOS	OPORTUNIDADES DE SERVIÇOS
ADVERTÊNCIAS	RECLAMAÇÕES DE EMPRESAS	RECLAMAÇÕES DE EMPRESAS	RECLAMAÇÕES DE EMPRESAS
RECLAMAÇÕES DE EMPRESAS	RECLAMAÇÕES DE EMPRESAS	RECLAMAÇÕES DE EMPRESAS	RECLAMAÇÕES DE EMPRESAS

PARTE OFICIAL

ASSEMBLEIA PROVINCIAL
Sessão de 11 de Agosto de 1947
A sessão foi aberta às 10 horas da manhã, presidida pelo Sr. Bispo, e teve a seguinte ordem de trabalhos:

1. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.
2. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.
3. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.

4. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.
5. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.
6. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.

7. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.
8. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.
9. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.

10. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.
11. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.
12. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.

13. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.
14. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.
15. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.

16. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.
17. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.
18. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.

19. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.
20. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.
21. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.

Comunicações

Prezados senhores, venho por meio desta comunicar a vossa presença na sessão de 11 de Agosto de 1947, presidida pelo Sr. Bispo, e a seguinte ordem de trabalhos:

1. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.
2. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.
3. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.

4. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.
5. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.
6. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.

7. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.
8. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.
9. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.

10. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.
11. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.
12. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.

13. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.
14. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.
15. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.

16. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.
17. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.
18. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.

19. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.
20. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.
21. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.

Correspondência

Senhor Bispo, venho por meio desta comunicar a vossa presença na sessão de 11 de Agosto de 1947, presidida pelo Sr. Bispo, e a seguinte ordem de trabalhos:

1. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.
2. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.
3. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.

4. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.
5. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.
6. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.

7. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.
8. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.
9. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.

10. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.
11. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.
12. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.

13. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.
14. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.
15. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.

16. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.
17. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.
18. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.

19. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.
20. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.
21. - Leitura e aprovação do relatório do Sr. Bispo sobre a situação da província.

1.ª página do jornal "Diário Novo", órgão dos Irmãos

SITUAÇÃO DIFÍCIL

— Não se diga que estou ficando velho, porquanto minha agilidade e sincero empenho de bem servir os mesmos. Mas, há circunstâncias especialíssimas inflando no meu ânimo, que reduzem minhas forças. Além de ter de prestar serviços de notória complexidade, enfrente, neste momento, dificuldades de toda sorte. Minha folha de pagamento me sustenta, e embora muito deseje que meus dedicados auxiliares sejam convenientemente remunerados, a "gaita" vai ficando escassa. E, para ampliar meus serviços precisos, também, de muito dinheiro, hoje tão difícil de obter — diz "Seu" Kiowati, o criado eletrônico.

PERNAMBUCO TRAMWAYS

Fone 2141 — Recife

NORDESTE

REVISTA DE CULTURA

Editado pela Empresa JORNAL DO COMMERIO S. A

Redação e gerência: RUA DO IMPERADOR, 463

1.º andar — Recife — Pernambuco

REPRESENTANTES:

França (Paris): Cicero Dias
Estados Unidos (New York): Artur Coelho
Rio de Janeiro: José Irineu Cabral
São Paulo: Enio Silveira
Alagoas: Sálvio de Macedo
Bahia (Salvador): Jota Soares
Parahyba (João Pessoa): Gambarra Filho
Rio Grande do Sul (Porto Alegre): Sílvio Ducan
Rio Grande do Norte (Natal): J. Gonçalves de Medeiros
Minas Gerais (Belo Horizonte): Lara Rezende
Paraná (Curitiba): Dalton Trevisan
Ceará (Fortaleza): José Edésio Albuquerque

Número avulso Cr\$ 4,00

Número atrasado Cr\$ 6,00

A REVOLUÇÃO PRAIEIRA

(Continuação da 1.ª pag.)

n.º 30 de 1848: "Na facção que hoje se ostenta orgulhosa e soberba existem três grupos diversos e muito distintos — o da família Cavalcanti-Rego Barros, vulgarmente chamado guabirú; o da prais-nova; e finalmente dos sauzanenses propriamente ditos. Este grupo (o 1.º) não tem princípios, não tem pensamentos: quer o poder, seja como for; seu fito é avassalar o país e seus caprichos e desvarios, seu fim é dominar tudo e tornar-se um grupo de Suzeranos, e para conseguí-lo serve a todos os partidos, vive em contínua contradição e inconseqüência, e ora é lizista, ora é retrogrado, ora é republicano, conforme o rumo em que corre o vento". Não é outra coisa o que assevera Nascimento Feltoza no n.º 17 de 1849 do Macebo: "não tendo bandeira política (o partido Guabirú) se compõe dos fidalgos Rego-Barros-Cavalcanti, dos ambiciosos e aventureiros ciganos".

Nessas características dos dois partidos pernambucanos estão focalizados os problemas da província. Os guabirús significavam o domínio dos Cavalcanti-Rego Barros, o governo nas mãos de uma oligarquia representativa dos interesses da aristocracia rural, do latifúndio. Daí a quadra incisa de Jerônimo Vilela da Castro Tavares:

"Quem viver em Pernambuco Deve estar desenganoado, Que ou há de ser Cavalcanti, Ou há de ser cavalgado".

Antônio Pedro de Figueiredo retrata objetivamente a situação do nosso meio agrário: "Hoje mais de 1/3 da população da nossa província se acha concentrada à beira do mar e numa profundidade de 10 a 15 léguas; mas lá, quase com poucas exceções, todas as terras pertencem a um pequeno número de grandes proprietários que delas mal cultivam uma mínima parte e recusam vender o resto. Dá vem que 200 ou 300.000 dos nossos concidadãos, mais porventura, vivem em terras de que podem ser despejados, dentro de poucas horas; humildes vassallos do proprietário, cujos ódios, partido político, & C., são obrigados a esposar.

Neste facto da grande propriedade territorial, nessa nova latifúndia, deparamos nós a base desta feudalidade que mantém diretamente, sob jugo terrível, metade da população da província, e oprime a outra metade por meio de imenso poder que lhe dá esta massa de vassallos obedientes". Significativo é que Antônio Pedro de Figueiredo, sem ser praieiro, condenava, do mesmo modo, o domínio do latifúndio e seus malefícios. Somente é que, enquanto a Praia acusava unicamente os Cavalcanti como causadores do desequilíbrio reinante, o "Cousin Fusco" via mais fundo, tinha uma compreensão mais nítida da questão e considerava o sistema de exploração rural, e não a única família, como o responsável por todo o desajustamento social existente na província. E por isso não dizia nas páginas lúidas do Progressor: "este regime arbitrário provem da organização actual da propriedade no Interior... mata o despotismo na pessoa da grande propriedade territorial".

Ao mesmo tempo representavam os "baronistas" a protecção ao comércio controlado pelos portugueses. Além de domos do "gênero caudal" de que nos fala o Padre Mestre Miguel do Sacramento Lopes Gama no seu Sêre de Setembro, eram eles, também, os protectores dos "marinheiros" monopolizadores da nossa actividade mercantil. "O commercio de grosso-trato — afirma Antônio Pedro de Figueiredo — exige grandes capitais e por isso se acha nas mãos dos capitalistas europeus. Quanto ao commercio a retalho, que entre nós tem por base o credito, poderá offerecer preciosas saídas a grande numero de nossos concidadãos, ora reduzidos ao papel de solidadores de empregos publicos, está sujeito ao mais exclusivo monopolio de facto dos antigos colonizadores do país".

E ainda o "Cousin Fusco" reconhece, não obstante a sua amizade por Francisco do Rego Barros, que durante o governo dos barões de Sauzana e da Boa Vista, eles tinham atraído a si "a maior parte dos negociantes e grandes proprietários". Governo, assim, exercido em função dessas duas classes sociais. O partido praieiro representava a reacção a tudo isso. No seu programa dois pontos destacavam-se: a luta contra a grande propriedade rural e contra a influencia estrangeira, sobretudo a portuguesa. Os seus corifeus batiam-se por essa ideia. Nunes Machado, o mais gigantesco de seus vultos, o Grande mártir da Democracia no Brasil, defendeu a nacionalização do comércio em plena Câmara dos Deputados e, segundo nos diz Joaquim Nabuco, "desejou repartir o solo pernambucano pelo maior numero de famílias" (Discurso publicado na Província de 2-2-1898). Desde que esse partido foi, com a reacção conservadora de 29-9-1848, abatido, derrubado de seu poder, era inevitável, aqui em Pernambuco, o levantamento popular. O povo que tinha visto, sob o domínio do governo de Chichorro da Gama, a aristocracia rural ser dominada e humilhada e o elemento estrangeiro ser refreido nas suas abusivas pretensões, não poderia ficar indiferente diante de tão brusca mudança. Porque a verdade é que a Praia possuía, no seu lado, a grande maioria da provincia, era de facto um partido dotado de grande base popular. Nabuco informa: "o visconde de Camargo disse uma vez ao conselheiro João Alfredo que a Praia tinha tirado aos conservadores nove décimos da população, e que o cavalcantismo tinha degenerado pelo crime dos feudatários, senhores de engenho". E o autor de "Um Estadista do Império" ainda acrescenta: "a Praia dispunha da massa popular". Em discurso memorável publi-

cado em A Província de 2 de Fevereiro de 1898, Nabuco reafirma: "a Praia representava a população de Pernambuco em sua vasta maioria; era a encarnação da alma, do sentimento, da aspiração popular". A revolta de 48, em lugar de ter sido um movimento feito pelos líderes do partido praieiro, foi, antes, a expressão do desespero do povo na perspectiva do retorno à uma situação de opressão económica e politica. Felix Peixoto de Brito e Melo, o bravo do Brigadeiro Eduardo Gomes, anos depois, quando o ímpeto das paixões já estava amortecido, analisava o facto, em carta de Cadix dirigida a Nascimento



Fotografia inédita de Manuel Pereira de Moraes, senhor do engenho Inhaman e chefe militar praieiro. Era antepassado do politico pernambucano Manuel Borja

Feltoza, datada de 4 de Dezembro de 1856; "Permita-me V. S. que lhe diga, que avança uma falsidade, quando afirma que os chefes do partido praieiro provocaram a revolução: não há um só acto anterior a ella que o demonstre. A revolução praieira principiou como todas as revoluções, foi uma grande reacção, foi um acto de desespero". Para destacar essa justa explosão popular, acrescenta: "E não pense V. S. que o povo é uma besta que só se possa conduzir pela arrastada, o povo tem a sua linguagem, tem a sua lógica, e também raciocina; o povo possui sobretudo um instinto maravilhoso". Não é outra a afirmação do "O Liberal" de 5 de Maio de 1872 quando diz que a revolução de 48 foi provocada pelo "povo espelhado por uma oligarchia de família, pela compressão de leis vexatórias, e pelo brutal ascendente de um feudalismo repugnante". Em poucas palavras dá o jornal pernambucano uma magnifica síntese da origem do movimento. A Revolução Praieira projecta-se na nossa História, não rica de movimentos libertários e democráticos, como um levantamento popular que resultou de um desajustamento económico-social, criando da situação agrária da provincia e da ingerência do elemento alienigena. A mudança ministerial trazendo a alteração nos quadros politico-administrativo iria sublevar a Praia que, ainda no dizer de Nabuco, "era a maioria, era quase o povo pernambucano todo".

Há quem confunda lamentavelmente os factos julgando que accentuar a importância da causa económica num determinado acontecimento signifique interpretação marxista da história, como se, nos dias hodiernos, o historiógrafo, ou melhor, o estudioso de filosofia da história pudesse desprezar o valor do factor económico no desenvolvimento da humanidade. A confusão resulta, com toda a certeza, da compreensão errônea do que seja o materialismo histórico, conceituado por Marx no seu Manifesto Comunista e na sua Critica à Economia Política. Na obra do judeu alemão o que se observa é a subordinação dos fenómenos sociais ao económico, que passaria a ser, assim, o único fenómeno social, sendo os demais meros epifenómenos. O instrumental, as formas de produção seriam o centro director da movimentação da vida politica, jurídica, estética. A infra-estrutura económica dominaria, por completo, a supra-estrutura social.

Toda essa concepção de ordem filosofica implica numa interpretação unilateral ou monocausal da história. E pela complexidade extraordinária do facto histórico chegava à evidencia de que toda explicação unilateral da história é falsa, quer ela se baseie no dominio do ideológico, como tentaram fazer Guizot e o grupo de Action Française na França e Sardinha e o Integralismo Lusitano em Portugal, pensamento base representado hoje na figura de João Azevedo quer ela se fundamente no despotismo do económico, como querem os marxistas ortodoxos, isso porque os "renegados" como Jaurès, Bernstein e outros reagiram contra essa visão estreita e discrecional de encerrar a filosofia da história. Em verdade nada há de mais anti-cientifico que tentar interpretar a História por meio dessas tendências exclusivistas.

Uma coisa é mostrar a importância do factor económico, outra coisa é subordinar tudo a ele. O moderno critério de investigação histórica não pode prescindir da influencia dos vá-

rios fenómenos sociais, inclusive do económico.

Já vai longe o tempo em que a história se com batalhas e tratados de paz, e a uma seqüência de acontecimentos políticos, todos despidos de figuras que lembravam varões plutarqueanos — heróis carlylescos ou super-homens nietzschianos. Imprescindível torna-se, hoje em dia, a investigação acurada e honesta da contribuição do elemento económico no desenvolvimento dos acontecimentos. Sem que isto venha a significar uma ditadura sua, desmas que o aprêzigue de 18 lançou no mundo, sobre os outros fenómenos que atuam na sociedade. Já dizia o sr. Tristão de Ataíde, cuja autoridade intelectual e moral não se pode discutir: "Haverá um erro tão grande em julgar que o factor espiritual é suficiente para explicar a marcha da história, e portanto a formação de um povo — como há nas doutrinas que accentuam o factor material em detrimento do outro... No estudo da formação de um povo, portanto é tão falso queremos conhecer esse povo exclusivamente por sua história espiritual, como tão somente pela sua formação económica (Estudos, 4.ª série, pag. 284, 285). E termina o grande líder católico brasileiro: "O estudo da história económica de um povo é tão fundamental como o estudo de sua história religiosa. O essencial é não reduzir uma coisa a outra, falsificando a ambas. (Obr. cit., pag. 286).

E, justamente, fugindo às tendências unilaterais de interpretação histórica que vemos o movimento de 1848. Não desprezando a causa imediata que foi de ordem politica. Mas não esquecendo aquilo que algum tanto negligenciaram os seus cronistas, como Figueira de Melo, Urbano Sabino e Melo Rego, mas que Nascimento Feltoza e Nabuco genialmente anteviram: a causa social. Não era possível que, num ano como o de 1848, ano dramático para a evolução da humanidade, de revoluções despotando em toda parte e tendo o seu foco de irradiação em Paris, ano que deu a primeira grande revolução social da história, Pernambuco ficasse indiferente à expansão das idéias novas e não procurasse reajustar a sua situação social, tão desequilibrada por contingências de sua formação baseada na monocultura açucareira e no braço escravo.

Pouco se tem destacado a repercussão do movimento francês de 48 na preparação ideológica da Praia. A Revolução de Fevereiro de tão intensa ressonância na Europa, agitando a Hungria, levando-a a batalhar, sob a direcção de Kossuth, pela sua independência, levantando Vienna e forçando Metternich, o simbolo perfeito do reacionarismo, a fugir, erguendo o patriotismo de italianos e alemães no anseio da realização de sua unidade, não passaria despercebida ao idealismo de nossos avoengos que, no Recife, sonharam com idéias reformadoras, absterendo-se por completo na doutrinação dos pensadores franceses da primeira metade do século XIX.

A vibração que se desprende de Paris é grande naquele ano de 1848 de tão intensa fermentação revolucionária. Disse Felix Pontell num arguto estudo sobre a Revolução de Fevereiro: "Em 1848, Paris a les allures d'un centre révolutionnaire international". afirmou Nabuco, uma vez, com rara felicidade, que "todas as nossas revoluções foram, dir-se-ia, ondulações começadas em Paris" (Um Estadista do Império, vol. I, pag. 72). Os nossos movimentos libertários tiveram, quase todos, na revolução francesa os seus grandes modelos e nos intellectuaes gaulaises os seus grandes guias espirituais. Isso desde os tempos coloniais quando uma aspiração de independência se concretizava numa repulsa sempre crescente contra o reino. Está exigido a atenção acurada dos nossos historiôgrafos a possível relação entre elementos franceses e pernambucanos nesse levante, que, em 1710, ensanguentou a capitania e que ficou na História com o nome de Guerra dos Maaçates. Na época, navios franceses — desenhando-se na Europa a guerra de "Sucesso de Espanha" — bordejavam as nossas costas. E seria, talvez, a lingua francesa a usada nos conciliábulo nocturnos na Piranga de que nos fala um contemporâneo, nas Calanidades de Pernambuco. Intensa influencia da França en-

contramos naquela revolução de poetas salpicada com o sangue de Tiradentes, que foi a Inconfidência Mineira.

Ao alvorecer do século XIX os irmãos Sauzanas em conexão com o Arêopago de També, idealizado por Arruda Câmara, pensaram em provocar uma revolta romântica onde não faltava a participação do petit Caporal, então 1.º consel. que, criador de republicas nos vencidos países obrigados contra a França, viria erguer mais uma aqui na América, sob o seu patrocínio. A república de Pernambuco iria aumentar a cadeia das repúblicas protegidas pela França do consulado. Quem sabe das transformações operadas no mundo, principalmente na América, se o sonho dos irmãos Sauzanas e de Arruda Câmara se tivesse realizado?!

A nossa grande Revolução de 1817, de das mais belas manifestações de idealismo, de desprendimento e de patriotismo, foi filha espiritual dos ideais de 1789. No conteúdo doutrinário dos crifetes da Revolução Francesa, nos princípios pregados pelo Enciclopédismo, pelo Contrato Social e pela Declaração dos Direitos do Homem, buscaram os nossos líderes revolucionários os motivos ideológicos para a magnifica arrancada de 1817.

E foi a mesma pregação, bebida nos livros dos pensadores franceses, que impelliu Frei Caneca, frade liberal e democrata, a fazer, no seu Typis Pernambucano, a preparação revolucionária contra o absolutismo de Pedro I e que nos trouxe esse belo movimento de repulsa contra as manifestações do despotismo e que se chamou a Confederação do Equador.

A queda de Carlos X em 1830, resurgindo o sentimento liberal, foi um estímulo para abstermos o governo atabalhoado de Pedro I, forçando-o à abdicção em 1831.

Pernambuco, onde o espirito de rebeldia se arestou com mais impetuosidade, receberia, desse modo, bem intensamente as ressonâncias dos movimentos liberais e democráticos que se processaram na França da segunda metade do século XVIII em diante. Iria ser o Recife o centro de expansão desse espirito de revolta, iria ser o aglutinador da "ardência natural dos pernambucanos" de que nos fala o padre Dias Martins ou do "maligno vapor Pernambucano" a que se refere, com palhaço bem lusitano, o anônimo autor das Revoluções do Brasil com "as ondulações começadas em Paris". Iria ficar, como no verso celebre de Bandeira — "O Recife das revoluções libertárias". O Recife das ruas tortuosas e estreitas, dos sobrados de quatro andares, das pontes, dos mangues, dos mombos, o Recife que contemplamos com saudade nas gravuras de H. Carls e de Schallapitz, com uma saudade de quem o conheceu realmente nas suas lojas, nas suas boticas, nas suas ruas tradicionais, muitas delas com os nomes já se perdendo no passado, como a do Colégio, a do Queimado, a do Crespo, o Aterro da Boa Vista, a da Praia, a rebelde rua da Praia, foco de agitação revolucionária, a rua dos jornais combativos como o Diário Novo e A Voz do Brasil. Esse Recife, onde havia tanto romantismo na sua feição original de urbs, tanto lirismo nos versos de seus poetas e nos aventuras sentimentais de suas almas, era também um burco trepidante de idealismo e de reivindicações. Um burgo insubmissa, batalhador e intemorato. Não deixaria de repercutir impetuosamente no seu espirito uma revolução da magnitude de 1848 na França.

Não foi só aliás, em Pernambuco que se manifestou o seu reflexo, mas no Brasil em geral. O governo alarmado olhava com pavor os acontecimentos europeus e somente decançou depois das jornadas de julho, quando a reacção de Cavaignac possibilitou o outro 18 de Brumário do mediocre sobrinho da Agulha. Paula Sousa, presidente do Conselho, ficou bastante preocupado com os rumos tomados pela revolução de fevereiro. Afirma Joaquim Nabuco: "a proclamação da república em França havia agitado o nosso mundo politico em suas profundezas" (Um Estadista do Império, tom I, pag. 67).

Em Pernambuco era onde mais forte a firmava-se o espirito "quarante-huitard". A situa-

(Continua na pag. 4)



Rua do Crespo no século passado lembrando o "Recife das revoluções libertárias", como disse o poeta Manuel Bandeira

(Continuação da pag. 3)

ção politica muito tenaz agravava-se com a situação social. Nabuco focalizou o problema: "A politica complicava-se com um fermento socialista". O odio partidário chegava aos extremos, aquiado por uma imprensa combativa e panfletaria. O folk-lore pernambucano registra a força dessa rivalidade em quadrinhas celebres:

"Machado que corta lenha
Também corta mulungu
Praieiro que tem vergonha
Não fala com guabirú".

Qua nessa outra recolhida por Rodrigues de Carvalho:

"As muie dos guabirú
Quando sai a passé
Parece um bando de ema
Quando vão comê juá".

Por sua vez os guabirús retrucavam em pliso consultado de Chichorro da Gama, isto é, em pleno domínio da Praia:

"Tufo passa, tudo morre,
Neste mundo de cachorro.
Só não morrem os chimangos,
Chica Polka e o Chichorro".

E no mesmo tempo gostavam de mostrar a importância de seu partido, como nessa esteira recolhida pelo sr. Getúlio Cesar:

"Estás conversando comigo?
Quem sou eu? Não sabes tu?
Sou mulher do delegado
Do capitão e eurrú
Homem muito respeitado
Do partido Guabirú".

A imprensa pernambucana — e a época foi uma das mais férteis no jornalismo local — recebeu de modo vário a notícia do movimento de Fevereiro em Paris. De um modo muito de acordo com as suas tendências politicas e sociais. E' patente da parte dos órgãos guabirús a atitude hostil aos ideais vitoriosos do povo parisiense.

Houve até um incidente interessante: era encarregado de seção estrangeira do Diário de Pernambuco o mulato genial que foi Antônio Pedro de Figueiredo e este, republicano e socialista, começou a elogiar a obra da Revolução de 1848. E' por isso pouco depois substituído por Felipe Neri Colação, que a dirige até 1893. Tempos passados do incidente, o próprio jornal explica o fato no seu n.º 23 de 1849. Eis o que diz o órgão de Figueiredo: "Nesse Interim, rebelei em França a revolução de fevereiro; e, ao passo que o sr. Figueiredo & C., ao extractarem das folhas ingênuas as novas relativas a aquelle país apresentavam a republica como que concorrendo para a prosperidade da patria de S. Luiz vários negociantes desta praça, que lizo tãas folhas asseveraram o contrario e advertirão ao proprietario do Diário de Pernambuco de que o seu jornal se ia desacreditando, porque adulterava as noticias de maneira a favorecer as idéias demagogicas". O velho jornal pernambucano, ligado por completo ao partido "guabirú", estava sendo ludibriado habilmente pelo sagaz Cousin Fusco que se aproveitava do ensejo para enaltecer um movimento tão ligado à sua concepção ideológica, embora isso desgastasse os "vários negociantes desta praça".

A attitude do Diário Novo foi, coerentemente, de opposição à republica e, governo que era, visto estar no poder o partido liberal de satifacção pela desnecessidade de movimento armado para a consecução de reformas, uma vez que o seu partido prometta realizá-las em toda a sua plenitude. Ratificava, assim, o incisivo artigo do Santa Luzia do Rio noticiando a revolução de fevereiro, onde há trechos como estes: "As idéias de reforma forão mais fortes do que cem mil balonetas; o carro do progresso liberal derribou, passou por cima de uma dynastia, que tentava retel-o em sua marcha. A Europa inteira entra em uma nova era de mudanças fundamentais em seu estado politico e social. O fogo do vulcão, que existe debaixo dos thronos, que se não apoião no principio liberal, prorrompe ora n'este, ora naquelle ponto. Para felicidade e repouso do nosso país as noticias de tão extraordinários sucesos encontrão o Monarcha Brasileiro congraçado com o partido da nacionalidade, da liberdade, e das reformas... O que os povos europues conquistão, hoje deferrando o seu sangue, nós já o possuimõs desde 2 de fevereiro, a Aliança de throno, com as liberdades públicas".

Foi na magnifica revista de Antônio Pedro de Figueiredo — O Progresso — que melhor se sentiu e se interpretou a significação historica da Revolução de 1848. O Cousin Fusco, demonstra nas páginas de sua revista — revista que foi, talvez, o maior trabalho de análise social do desajustamento reinante em Pernambuco, resultante, enormemente da grande propriedade rural ser um homem impregnado do espirito da revolução de fevereiro, ser um "quarante-huitard". Diz-nos o mestre de Igaracú: "Aa notficia da revolução de fevereiro e da proclamação da republica franceza causaram grande abalo na capital do imperio; e cada partido, segundo o seu interesse próprio, procurou aproveitar-se desta grande lidação daos povos e aos reis pelo heroico povo de Paris... O movimento europeu sempre ha produzido um grande bem no Brasil, porque mostrou a facilidade com que eram derribados os governos que se isolam das respectivas nações, e que, metropolitando os clamores dos povos, só se lembram de lo para extorquer-lhes impostos de mais e mais onerosos; e não duvidam que dentro em pouco a opinião pública seja unanime em reclamar certas modificações na nossa constituição e leis orgánicas, afim de todos os poderes não serem aborvidos no executivo, e as provincias reduzidas a colonias do Rio de Janeiro" (O Progresso, tomo III, pag. 42 e 43). E, mais adiante, acrescenta: "Elles (os franceses de 48) fizeram reconhecer que a sociedade devia so individuo uma indemnização dos direitos naturaes, cujo uso ella lhe veda, uma indemnização da sua herança confiscada;

e, como primeiro passo nesta estrada fecunda, o estado reconheceu o direito que todo homem tem de viver do seu trabalho" (pag. 59). Em artigo datado de 28 de Agosto de 1848, na sua revista Política, dizia Figueiredo: "No mesmo numero precedente dissennos que a questão que se ventilava em França era mais social que politica, — era a lucta entre o capital e o trabalho; entre uma minoria de privilegiados e a imensa maioria da nação, e então pareciamos que se não daria conflito, porque a desproporção da força era tão evidente que a resistência fora loucura. Infelizmente appareceu a lucta e deu lugar a uma terrivel batalha, que por espaço de quarenta dias inundou de sangue as ruas de Paris, theatre de uma pelea onde batalharam mais de 400.000 homens" (O Progresso, tomo III, pag. 86). Depois de lançar a responsabilidade do movimento de junho no governo provisório, com excepção de Ledru Rollin, Louis Blanc, Albert e Flocon, e na assembléa, que não quizeram realizar as reformas necessarias, declara o Cousin Fusco: "E aquelles que haviam feito a revolução de fevereiro, — os mancebos das escolas, socialistas e operários, tornaram a empunhar as armas e fizeram a revolução de junho. Foram batidos, e a verdade, mas cedo ou tarde, a victoria cabera ás idéas que elles defendem. O mundo não será para sempre o patrimonio de alguns privilegiados; ao passo que a imensa maioria se estorce sob as angustias da miséria. As maximas selvagens dos Malthus e J. B. Say já reinaram; é tempo de cedermos o lugar a outras maximas mais justas e generosas... O que pretendiam os revolucionarios de junho; o que nós também pretendemos, é que o governo, como representante da sociedade inteira, intervenha nos phenomenos da produção, distribuição e consumo, para regulá-las e substituir pouco a pouco uma ordem fraternal ao desgraçado estado de guerra que ora reina nestas importantes manifestações da actividade humana" (Oib. cit., mesma página).

Em outro local, prefaciando a tradução que fez do livro de Ortolan, Os Sobervais do Povo, com data de 15 de Setembro de 1848, é a mesma a attitude mental de A. P. de Figueiredo: "A supremacia do interesse geral sobre o interesse particular, o direito de viver, e a intervenção do Estado no commercio e na industria; ou a substituição da associação ao estado de guerra nos phenomenos economicos, eram factos de há muito reconhecidos e reclamados pelos espiritos mais intelligentes da época, antes que o governo provisório os atrasse da varanda do Hotel de Ville, como o programma da nova ordem de cousas".

O entusiasmo em relação à Revolução de Fevereiro que tão exuberantemente se manifesta nas páginas de O Progresso, vai também proferirse com ardor nos jornais de então. A Voz do Brasil, órgão dirigido por um goianense ardoroso na defesa de seus principios, Inácio Bento de Loloia, bradava no seu n.º 27 de 2 de Maio de 1848: "Agora que a França, esse país classico da liberdade, esse berço das sciencias, esse viveiro de heroes acaba de mostrar ao mundo inteiro o clarão de suas luzes fazendo atterrar a tyrania em toda a Europa; agora emfim que ella acaba de proclamar a sua republica, o legitimo governo dos povos civilizados, fazendo adotar de soa abnegação solo o abutre, que lhe devorava o coração por meio do patrahão regimem — de traficacões". E quando a ascensão dos saquidreiros com o gabinete de 29 de setembro, presidido pelo marquez de Olinda, sacudiu Pernambuco no fogo da revolta, é o mesmo jornal no seu n.º 85 de 12—12—1848 que clama: "Quem dizia, ó Pernambuco! quem dizia, que no anno de 1848, quando a liberdade nasce na velha Europa, havia morrer no Brasil, maxime em Pernambuco!" Já A Reforma, órgão declaradamente republicano, orientado por um republicano integral como foi Afonso de Albuquerque Melo, conclamava os outros jornais a uma adesão formal e algo ingênua ou então a uma recusa também formal aos principios de 1848: "A Reforma adere à reaclaração do direito ao trabalho proclamada pela jovem Republica franceza, e roga a todos os seus collegas da imprensa o favor de adoptar ou combaterem esta declaração que lhe parece propria para servir de bandeira ao partido progressista e facilitar a classificação das diversas opiniões. Esta declaração está concebida nos termos seguintes: "O Governo deve a todo o cidadão a Instrução Gratuita; meios de subsistencia e socorros no caso de velhice ou molestia" (A Reforma, n.º 4 de 11 de Agosto de 1848).

Muito contribuiu para essa repercussão ardorosa dos ideais de 48, principalmente dos ideais socialistas, como o direito ao trabalho, a orientação doutrinária desenvolvida, por intelectuais entusiastas das novas tendências de reforma social que enchiam o velho burgo recifense, atuando na imprensa ou na praçação politica em defesa de seus principios ideológicos. E não se pode substituir a influencia considerável que aqui exercu o engenheiro Vauthier, e, de certo, contratado pelo barão da Boa Vista, impregnado do socialismo dito utópico dos primórdios do século XIX, mas dependendo para o chamado científico, Vauthier propagou na cidade provinciana as suas revistas socialistas, angariou assinantes, espalhou livros, Democratie, Phalange, Socialiste foram revistas familiares aos nossos antepassados de 1848, assim como qualquer um d'elles poderia adquirir, em 1845, na casa de Manuel Figueiredo de Farias, livros como Almanack Phalangenien por Cr\$ 0.32, Les Enfants au Phalantere por Cr\$ 0.24 ou a Exposition atreigde du Systeme de Fourier por Cr\$ 0.30.

E' o sociólogo Gilberto Freyre quem o diz: "Vauthier contribue para que se antecipe no Recife da primeira metade do século XIX o estudo das questões económicas e sociais brasileiras, dentro d'os criticas idealistas" (Um Engenheiro Francês no Brasil, pag. 148).

No Recife de avant-revolution existe todo um grupo de batalhadores — intelectuais socialistas cuja atividade vai ser capital na formação do conteúdo doutrinário do movimento praieiro: Figueiredo, Borges da Fonseca, Abreu e Lima, Inácio Bento de Loloia, Afonso de Albuquerque Melo. E não se venha argumentar com o fato do Cousin Fusco ter sido anjo do barão da



"O Recife das ruelas tortuosas e estreitas, dos esbrados de quatro ardores, das pontes, dos mangues, dos mumbombos, o Recife que contemplamos com saudade nas gravuras de H. Carls e de Schlappritz" (Da conferencia do prof. Amaro Quintas).

Boa Vista e do seu partido. As suas idéias, a sua critica severa ao latifundio, a sua preocupação em minorar o desajustamento social existente aqui, a sua constante atenção ao proletariado rural, a sua análise social segura e contundente, fazem-no um preparador ideológico do terreno revolucionário. "Abraçava com entusiasmo as doutrinas de Theodoro Jouffroy, ás quaes suboera dar um cunho individual modificando-as em parte — diz Alfredo de Carvalho — ao influo das teorías economicas de Saint-Simon, Owen e Fourier, creando assim uma orientação propria e original, fructo notabilissimo da evolução d'um espirito naquella época e no nosso acanhado meio provinciano". O seu grande idolo foi o criador do falansterismo. Disse no Progresso num arroubo de admiração: "o maior genio do seculo: — Carlos Fourier". Muitas das suas idéias, porque eram idéias da Revolução de Fevereiro, idéias de reformas sociais, vão ser advogadas, sobretudo pelo grupo dos "cinco mil", ala radical da Praia, e pela ala republicana aderente à revolta praieira, ala avançada no terreno politico-social e que tem a sua expressão maxima no tribuno popular Antônio Borges da Fonseca. Borges da Fonseca, com o seu republicanismo exaltado, com o seu pensamento igualitário, é um vulto de líder revolucionário que se destaca na Revolução. Foi ele, mais do que nenhum outro, que deu um claro rumo doutrinário ao movimento. E que traçou uma diretriz ideológica onde de avulsa o anseio de transformações sociais. Nabuco, referindo-se ao programa da Praia, afirma ter sido elle "redigido por Borges Fonseca, em que figuravam entre outros estes compromissos socialistas, imitação das idéias de 1848 em França: O trabalho como garantia de vida para o cidadão brasileiro, a comércio a estalho só para os cidadãos brasileiros". Estão esses dois principios fixados no Manifesto ao Mundo, assinado por todos os chefes militares. Eis as reivindicações nele apresentadas: "1.º O voto livre e universal do Povo Brasileiro. — 2.º A plena e absoluta liberdade de communicar os pensamentos por meio da imprensa. — 3.º O trabalho como garantia de vida para o Cidadão Brasileiro. — 4.º O Comercio a retalho só para os Cidadãos Brasileiros. — 5.º A inteira e efectiva independência dos poderes constituidos. — 6.º A extinção do poder moderador, e do direito de agraciar. — 7.º O elemento federal na nova organização. — 8.º completa reforma do poder judicial, em ordem a segurar as garantias dos direitos individuais dos Cidadãos. — 9.º Extinção da lei do juro convencional. — 10.º Extinção do actual systema de recrutamento". E, mais adiante, uma alusão bem significativa: "O mundo todo quer reformar-se, e nós não devemos ficar estacionarios".

Sente-se por completo a influencia de Borges da Fonseca — o Rlenz brasileiro no dizer de Nabuco — na elaboração desse manifesto onde se condensava o sentimento doutrinário do movimento. A vida desse homem de temperamento arrebatado e de luta constante em defesa do povo, tem qualquer coisa de legendário. E não se exagera em dizer-se que ele encarnou o espirito revolucionário em alto potencial no desenvolvimento da Praieira. Depois da morte de Nunes Machado, cujo prestigio moral era extraordinário, foi em Borges da Fonseca que se concretizou a Revolução em marcha. Envolvido desde a mocidade em sociedades secretas de tendência liberal e reformadora, ora na Jardineira ou Carpinteiros de S. José, ora na Vigilante, este homem destinado que, no dizer de Figueira de Melo, era "enfanhado nas doutrinas inexequíveis de escriptores demagogicos, desde Rousseau até Cabell, que tinha por maximas: pertança sobre modo em sustentá-las pela imprensa, e pela palavra entre as classes baixas da Sociedade", teve uma vida politica singular. Perseguido sempre pelos partidos dominantes, entrou na revolta porque nela viu integrado o elemento popular e porque, como disse no seu importante Manifesto Politico publicado em 1867, "a propaganda era também social". Fiel aos seus postulados republicanos, Borges da Fonseca que foi chamado pelo Eco Pernambucano de 12 de Janeiro de 1855 de "apóstolo da democracia", teve, como poucos do seu tempo, uma compreensão avançada da democracia social. Diz ele, numa visão perfeita de uma democracia sem preconceitos raciaes, paratras incisivias numa sociedade escravocrata, firmada na monocultura açucareira e no braço escravo, no seu celebre jornal O Nazareno de 23 de Junho de 1848: "Não se lida o povo. Há espartalhões que, falando em nome da republica, querem uma oligarquia, onde só governem os brancos, e d'ahi vem a guerra que nos fazem. A liberdade deve ser conquistada para todos, por que todos descendemos de Adão, porque todos somos filhos de Deus. A republica é para garantir os direitos de todos, e por tanto ninguém suponha que pode ser mais que outro — os direitos são iguaes, — todos nós somos irmãos. Pernambucanos, não caiaes nas redes d'esses realistas cobertos com o capote republicano". Idéias igualmente numa sociedade eivada de prejuizos aristocráticos.

Foi sob o impulso de principios impellidos por líderes dessa espécie que se manifestou e se desenvolveu a nossa revolução de 48. O nosso Quarante-Huit. A Praia se filia ao grupo das revoluções sociais de 1848 que tiveram o seu ponto de expansão em Paris e eclodiram depois em várias partes da Europa. 1848 foi um ano

tempestuoso, um ano ainda mais tempestuoso que o de 1830. Há na praia, como vimos, um espirito reformista quase idéntico ao que animou os rebeldes de Fevereiro na França. Nabuco de Araújo, em um opúsculo publicado em 1867, intitulado Justa Apreciação do Predomínio do Partido Praieiro denuncia aos seus contemporâneos, com perspicácia, o fim real da campanha praieira. Dizia o pai de Joaquim Nabuco: "A praieira abriu uma cruzada contra a propriedade, subvertiu os moldes dos engenheiros contra os seus proprietários, fez renascer os luctas entre os brasileiros, e portugueses, e suscitou ainda a rivalidade de cores" (pag. 59). E esse sentido de reivindicações sociais, oriundo de uma situação ajustada economicamente e denunciada por guias impregnados do socialismo utópico, que aproxima a Praieira, a nossa revolução de novembro de 48, da francesa de fevereiro. Tendência à reforma social que se vai transmitir até mesmo aos descendentes dos seus corifeus. Em carta a mim dirigida diz-me o historiador Câmara Cascudo: "Os chefes 'praieiros' vinham de todo esse socialismo francês do tempo do Rei Guarda Nacional. Os filhos dos prisioneiros de Fernando de Noronha guardavam essa fidelidade de acção no plano útil de acclimando social. Aquil no Rio Grande do Norte e l.º, e único creador de uma fabrica de tecidos, fundador da assistência aos operários, seu filho de homem 'praieiro'. Chamou-se João Cesar Paes Barreto, dos Paes Barreto do município do Cabo às avessas de tudo quanto se pensava. Jovino morreu há 44 anos e ninguém o substituiu. Nem mesmo, em certos ângulos, a lei trabalhista".

Na nossa romântica e idealista Revolução Praieira encontramos o mesmo espirito "quarante-huitard" que empolgou os homens de Fevereiro em Paris. E o que vem a ser o "quarante-huitard"? Di-lo-nos Felix Pontel: "Le 'quarante-huitard' c'est l'homme qui declame dans les clubs, qui s'effrite la cité future, qui se fait tuer sur les barricades. Un réveur et un homme d'action. Ou si l'on préfère, un moment, dans la lignée des hommes generaux qui marquent d'un point lumineux la voie sombre et tragique de la destinée humaine" (1848, pag. 218). Nos nossos "quarante-huitards" que também declamaram nos clubs, há no seu grupo radical dos "cinco mil", que do mesmo modo se preocuparam em ajudar a edificar a cidade futura e que ainda se fizeram matar nas barricadas naquela tragica manhã de 2 de Fevereiro de 1849 ou nas trincheiras nos entreferros da coluna de Pedro Ivo, vemos o mesmo sentimento que animou os seus companheiros de ideal do Boulevard des Capucines ou do ataque ao Hotel de Ville. O modelo para as suas concepções de reforma politica e social, eis foram buscar na França, no meio daqueles pensadores que construíram o socialismo romântico, quase lírico, dos começos do século XIX. Sobre tudo o falansterismo de Fourier e a concepção de democracia social de Luiz Blanc. Socialismo onde há muito de fraternidade evangélica e de solidariedade humana e nada do materialismo cru do marxismo.

Nós não esqueceremos o sacrificio e o esforço daqueles homens generosos que, há um século se levantaram aqui em Pernambuco, bravos e denodados, entusiastas e intimorados, contra a prepotência, contra o arbitrio, contra o despotismo. Nós, reverenciando a sua memória e a magnitude de seu idealismo, nos mantemos fieis ao seu espirito. Diremos como Jean Cassou: "Nous parlons le langage de Quarante-huit, et non point par routine rhétorique, mais parce que Quarant-huit a vu une réalité, s'est trouvé en face de cette réalité et que cette réalité, massive, obèse, inespugnable, pesait encore et toujours sur nous" (Le Quarante-Huitard, pag. 14). E nós que vivemos hoje dentro de um outro 48 tão agitado e tão cheio de nuvens sombrias, nós que não devemos renunciar jamais ao nosso bom combate em defesa da Liberdade e da Democracia, de uma Democracia social e cristã, impregnada dos Direitos Sociais do Homem e do Evangelho, nós que recusamos a posição daquela sentinela romana impassível e estática perante o avanço das lavas do Vesúvio de grandeza e a sublimidade do sacrificio dos nossos antepassados que escreveram nas páginas rutilantes de Figueira e de Soares a mesma facinorosa história de sua vida, não nos deixaremos feneceer e não nos ardo e o nosso entusiasmo pela realização de um mundo melhor, onde a Liberdade não seja um mito, onde seja prescrita a escravidão do homem resultante quer da pressão das forças economicas, quer dos totalitarismos em suas várias modalidades, um mundo onde as desigualdades sejam menos chocantes e onde as injustiças sociais sejam minoradas, um mundo sonhado e também vivido dramaticamente, numa atmosfera de tragédia grega, naquelle Recife romântico de um século atrás, nos seus becos estreitos, nos seus ruas tortuosas, nos seus sobrados egípcios, nos seus Borgia de Fonseca, por um Nascimento Felizardo, por um Antônio Pedro de Figueiredo, por um Nunes Machado, por um Pedro Ivo.

E não deixaremos feneceer esse ardor e esse entusiasmo, porque nós conservamos viva a nossa fé nos destinos do homem e da Democracia porque nós também somos, nós também somos, nós também nos mantemos Quarante-Huitards.

NABUCO DE ARAUJO

História
Da Dominação Da Praia
Biblioteca
Provincial

Justa Apreciação
Do
Predomínio Do Partido Praieiro
Ou
História
Da
Dominação Da Praia

Pernambuco,
Na Typographia União

1847

Trechos da História da Dominação da Praia:

A influencia da familia Cavalcanti não he um facto de 1835: essa influencia não he a obra do poder ou da revolução, mas procede da natureza das cousas: he a influencia que sempre teve e ha de ter uma familia numerosa, antiga, rica, e cujos membros sempre figurarão nas posições sociaes mais vantajosas: na 1.ª legislatura de 1826 cinco membros dessa familia foram eleitos deputados; na 2.ª e 3.ª legislaturas seis Cavalcantis obtiverão essa honra popular: essas eleições fóram anteriores á presidencia do Sr. barão de Suassuna: na 1.ª legislatura provincial, cuja eleição teve lugar antes dessa presidencia, e sob o dominio do partido liberal, mais de um terço da assemblea provincial se compoza de Cavalcantis: estes Cavalcantis antes da nossa emancipação politica já figuravam como capitães mores tenentes coronéis, coronéis e officiaes de ordenanças e milicia e em todos os cargos de governança: os engenheiros, que a maior parte delles tem, fóram havidos por heranças transmitidas por seus maiores e não adquiridos depois da revolução: enumerar os engenheiros da provincia, e vos damos fiança de que um terço delles pertence aos

Cavalcantis: discuti esses factos, nos vos desafiamos; mas discuti-os com dados positivos, e não de modo vago e com declamação, e ficareis confundidos: neetas circumstancias, com estes predicados, e elementos, e no estado normal da sociedade he um impossivel que essa familia não exerça influencia, uma familia antiga, rica, numerosissima, compoza de membros que sempre occuparão as melhores posições sociaes e fóram condestrados, e aforados, só não terá influencia quando a sociedade estiver transtornada, quando todos esses elementos de uma influencia regular e legitima estiverem obliterados pelo predomínio da violencia, pela confusão da anarchia, pelo revolvimento da sociedade.

Filiais do feudalismo dessa familia, e dizéis que os membros dela acastellados em suas propriedades eram inacessíveis á autoridade publica; mas esse feudalismo, senhores da praia, esse espirito altivo e arrogante, que quer sotopôr a autoridade publica, ou dominar, ou desprezá-la, he só proprio e exclusivo a alguns Cavalcantis? Não, mil vezes não: esse espirito anti-social, absurdo e perigoso, he um vicio radicado entre os proprietarios do interior de Pernambuco, e quiza do imperio; he um vicio que nasce da antiga organização, e que as nossas revoluções e civilização

Trechos do jornal "O Maccabêo" de Nascimento Feitosa

N.º 13
Terça-feira 14 de agosto de 1849.

Anno I

Quaes as causas da revolta em Pernambuco? São locais ou geraes?
Para a solução desta questão não é possível prescindir dos factos.
Antes de tudo, cumpre tomar em consideração a organização especial da provincia, e á este respeito pouco diremos, porque já em nossos números anteriores a temos descripto. Em verdade a familia Rego-Barros-Cavalcanti é um grande obstáculo para a moralidade da provincia, e cumpre confessar que a presidencia do Excmo. Sr. barão de Suassuna em 1835 e 1836 foi um verdadeiro flagello para esta terra.

Não queremos lançar uma sentença de excommunição contra todos os membros desta familia e excluí-los assim da participação dos nomes publicos, não;



ainda não poderão acabar; não erãz somente alguns Cavalcantis, que nutriam esse espirito, senão muitos outros; e alguns exemplos vos citaremos de resistencias oppostas á autoridade publica por homens, que pertencem a vossa opinião, se assim o quezerdes: essa espirito anti-social, ou esse feudalismo, como chamais, vós o teréis atacado radicalmente, rendendo dest'arte um importante serviço ao paiz, vós o teréis radicalmente atacado, dizemos, se, dominados pelo patriotismo, e por essas idéas generosas, que a pregnantés, vos tivésseis aproveitado da vossa popularidade para este fim; nos seriamos os proprios a reconhecer a vossa gloria, e veriamos, apesar dos males causados pela vossa dominação, o beneficio feito ao paiz de desenganar esse espirito, anti-social, esse habito de indaposição com a autoridade, e de resistencias!
Conclusão.

a praia para vencer explorou as minas as mais perigosas, abriu uma cruzada contra a propriedade, sublevoou os moradores dos engenhos contra os seus proprietarios, fez renascer os odios entre os brasileiros e portuguezes, e succitou alfim a rivalidade de cores!!

fôra isso uma exclusão absurda e attentatoria dos direitos de cada um; ao contrário confessamos que muitos dos seus membros são cidadãos prestantes. Mas não podemos consentir, que esta familia se arrogue superioridade na provincia e queira só ella usufruir o paiz sem distincção de moralidade e intelligência.

Quando o enr. barão de Suassuna esteve na presidencia desta provincia, fez passar a lei de 14 de abril de 1836, e por meio da criação de prefeitos, e de 14 de abril de 1836, e com a lei de guardas nacionaes, foi dando força e poder a quantos parentes e contra parentes, bastardos e legitimos haviam por estes matos, e, com vergonha o dizemos, muita gente se denominou — Cavalcanti —, e outros mudaram o — TE — em TI — para serem contemplados na distribuição das graças. Criação ignorancia, immoralidade em grau espantoso, lavrava por esses matos que outro merecimento não allegavam, se não serem primos, sobrinhos parentes desde o 1.º até o centesimo grau, de S. Exc. o Sr. Paula Cavalcanti. Homens analfabetos, de costumes corrompidos, que viviam uns na miséria, outros de meios illicitos e outros cercados de guardas costas e respirando somente assassínios, deram largos á seus costumes safaros, e então viu se na provincia de Pernambuco extenso e terrivel systema de latrocínio e assassinato acompanhado de um orgulho ridiculo e insupportavel. Para qualquer parte que o homem se volvia encontrava um Cavalcanti verdadeiro ou falso, um Lins, um Wanderlei, um Paes, um Barretto, um Régo, um arros, que tudo era parente, adheirente, sonsanguineo, afim legitimo, bastardo, de S. Exc. o Sr. Suassuna; e um era prefeito, outro commandante superior de G. N., sub-prefeito, commissario, tenente coronel, major, capitão Sc. Sc. Sc. Em uma palavra, feitas as poucas e honrosas excepções, era uma verdadeira quadrilha de ladrões e assassínios com a selvageria da mais supina ignorancia e proverbial estupidez, arregimentada sob a protecção do governo constituída em poder politico. Os roubos, os assassinatos succediam-se, e degradação daquelles que ousava alçar a sua voz, era reo de crime capital; porque nesses selvagens a vingança, e a vingança de sangue, era tudo. Companhias de ladrões.

sob o nome de ciganos, se formaram pelo interior, e, com chefes aqui na cidade, roubavam escravos, cavallos e tudo o que podiam! E era difficil destruir essa quadrilha, porque tirava ella a sua força, do proprio governo que em tudo parecia consentir; mas a parte moral da provincia reagiu com todas as suas forças contra semelhante estado de cousas; todavia seus esforços pouco poderiam fazer pelas causas que ficam expendidas.

D'aqui se vê, que a politica provincial tinha uma cor tódica local, e as mudanças que se operavam no governo tinham aqui um oculto falso; cumpria moralisar a provincia, e sob as idéas e principios de politica geral e politica provincial era abafada.

Algumas mudanças no governo provincial se deram; mas o gigante da immoralidade esta va em pé, e contra elle se dirigiam as pedras di resto da provincia.

Cabiu a administração que sustentava o Sr. Chichorro, e ovitui-se grande e estrondosa garbada na cova do cacó. A quadrilha sahio de seus esconditijos, e os punhaes amolaram-se.

O governo enviou-nos o Sr. Penna, cujo proceder todo o mundo conhece. Havia uma perfeita collisão, entre o senado e a maioria da provincia; porque se esta se conservasse como esse o senado, talvez á custa da coroa, teria soffrido em sua força moral.

Então aconselhou-se uma inversão geral. Se essa inversão tivesse lugar entre as idéas conservadores e as progressivas, talvez nada houvesse, e nos afirmamos que nada haveria em Pernambuco; mas a luta era entre praieiros e guabirós. Nada menos importava isso, do que metter os punhaes nas mãos dos assassínios para matarem á reparação, e passar cartas de permissão aos ladrões e salteadores para furtarem e roubarem como, quando e onde quizessem; a maior parte das autoridades escolhidas pelo Sr. Penna são disso a maior evidente prova.

Diversos particulares se armaram para defenderem suas vidas e propriedades: era luta entre os réos e seus juizes de quem aquelles se queriam vingar.

Não eram os liberaes reagin-

do contra os absolutistas, não; era cada um defendendo a sua vida, a sua honra, a sua propriedade.

A questão de Pernambuco é mais social que politica, e podemos assegurar que o administrador procura reduzir a familia Rego-Barros-Cavalcanti a expressão real q' deve ter; que livrar Pernambuco da amoniosa influencia de certos esfaímados que veem de outras provincias buscar aqui fortuna; e em uma palavra, restabelecer o reinado da lei, da moral, grangerá affeições e estabelecerá um partido forte. Pernambuco é valente, esclarecido e generoso; elle será grato ao administrador, que attender para a sua sorte, e procurar o seu melhoramento.

E' pois fora de dúvida, que as causas da revolta de Pernambuco foram mais locais do que geraes.

Poder-se ha objectar com as massas populares que acompanharam o movimento. Mas as massas de ordinário são arrastadas pelos homens que dirigem o movimento; todavia, cumpre confessar que as massas que adheriram ao movimento de Pernambuco se houveram com tanto hercismo, tanto valor e dedicação, tanto desinteresse, que é mister que algum sentimento forte tivesse no coração e não fosse a simples obediência ao aceno de alguns quem os tenha a tal ponto empenhado na luta.

Por certo um sentimento forte guiava essas massas, sentimento tanto mais forte, quanto a questão, com dito está, era mais social que politica.

As massas que acompanharam o movimento revoltoso se compoza de homens do interior, e de homens da capital que haviam deixado suas familias e casas para aquelle fim. Proporcionava meios de vida á essas homens e vê-los-heis tranquilos e laboriosos, Garanti o trabalho do homem do campo, defendendo seus escravos, seus animaes, suas lavouras contra a voracidade da quadrilha e tereis uma população tranqüilla e pacifica; é pelo interior que se encontrou uma devoção praieira superior á toda a expressão, como podem impressionar os Srns. officiaes do exercito que por ahí passaram, e essa devoção praieira não assenta tanto sobre principios de organização ministerial ou governativa, como no odio entranhavel que se consagra a esses mandões de punhal que assolam o interior da provincia.

Quanto ás massas da capital, o sentimento que mais os domina é a nacionalidade do commercio, e o odio a alguns estrangeiros que as tem espoliadas dos meios de subsistencia.

The Great Western Of Railway Company Limited.

SERVIÇOS DE BAGAGEM

Providencie o despacho de suas bagagens com a devida antecedência, evitando atropelos de última hora, cooperando assim para a marcha dos trens em seus horários.

Não procure conduzir, nos carros de passageiros, volumes excedentes de 30 quilos, pois volumes de maior peso e grandes dimensões podem ser apreendidos nos trens a fim de ser despachados, sendo applicadas ao frete as tarifas em dôbro, com o peso mínimo de 50 quilos.

Verifique se suas bagagens estão desticadas com o nome do recebedor e estação de destino, retirando dos volumes todos os dísticos usados.

A falta de dísticos muitas vezes resulta no desaparecimento de volumes e consequente aborrecimento a quem os despacha.

COMODIDADE - RAPIDEZ - ECONOMIA - SEGURANÇA

Tomar o Trem em Movimento é Perigoso

Recife, 1948

A ADMINISTRAÇÃO

(História em quadriões publicada no periódico humorístico "O Tamoyo", ano 1.º — N.º 7 — publicação bi-mensal Recife, 1.º de julho de 1890)



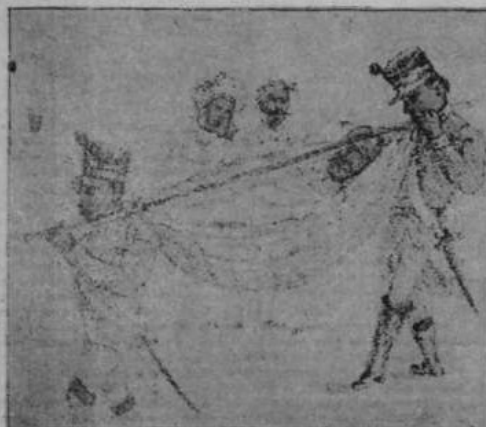
Como voluntário do Corpo Acadêmico tomou parte na defesa da cidade em 1851, contra a sedição militar, denominada setembro-brasada.



A 2 de fevereiro de 1849, observando o movimento das forças revoltosas foi ferido e morto no ataque dado na Alameda, de onde foi conduzido para a capela de Belém.



No seguinte dia querendo a polícia apoderar-se do seu corpo e não encontrando abertas as portas da capela, nem guarda para abri-las prendeu a mulher deste que depois de espalhada foi conduzida para a cadeia.



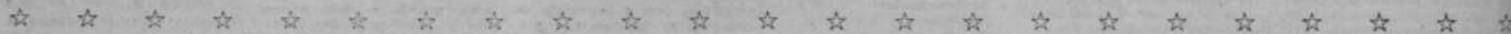
Arrombadas as portas e de posse do corpo, conduziram-no para o Recife, mostrando a vítima lamentada por todos e pela própria tropa.



E aos gritos de viva o Imperador, viva o presidente, morrão os cobanos, acompanhando a multidão, ingrata até as portas de São Francisco.



Acaide teve sepultamento o sincero, intrepido e sempre lembrado pernambucano J. N. M.



ATIVIDADES EDUCACIONAIS DO "SENAC"

★

As Melhores Saudações de
Feliz Natal
e muitas prosperidades no Novo Ano
de: **IBRAHIM NEJAIM**
distribuidor **STUDEBAKER** no norte do Brasil.

★



STUDEBAKER — o carro que agradecerá!

A medida que cresce a população e aumenta o movimento comercial, maior se revela a necessidade de se prepararem, convenientemente, os servidores do comércio em suas múltiplas atividades.

Houve época, na qual as transações comerciais se realizavam tão singela e rotineiramente, que não havia mister de grande preparo, nem cultura, para se vencer numa atividade em que esforço, perseverança e audácia proporcionavam a vitória.

Atualmente, porém, o acréscimo e amplitude dessas atividades, com as técnicas modernas de comerciar, já não permitem a ilusão de que possa haver grandes progressos neste setor da economia nacional, se não estiverem adequada e convenientemente preparados aqueles que se dedicam às lides comerciais.

A criação de novos cursos de comércio melhorou um pouco a situação precária de outrora.

Quando não é o cansaço após o trabalho, que impede muitos jovens de se aperfeiçoarem nesses cursos, é a impossibilidade econômica em que se acham de pagar os cursos, ainda que de mensalidade reduzida.

Assim, esses trabalhadores provêm, geralmente, das classes pobres, porque a necessidade de ajudar a manutenção do lar os obriga desde cedo, a buscar alguma futilidade comercial, dentre as mais elementares, os meios indispensáveis à subsistência.

Muitos deles desnutridos não têm resistência física, nem força de vontade, com que prossigam os estudos e cheguem a termo satisfatório.

Esta situação desvantajosa e prejudicial para o trabalhador, também o é para os empregadores e para a coletividade em geral, porque o empregado de poucos conhecimentos produz meios e com menor proveito do que aqueles que se habilitaram em estudos e técnicos. Além disso, compelidos pelas necessidades e, reconhecendo o seu pouco valor, aceitam salários baixos.

Hoje, com uma profunda compreensão deste problema e no sincero desejo de o resolver, as classes produtoras do Brasil, no setor comercial, concretizaram um velho sonho, um anseio da classe com a instituição do Serviço de Aprendizagem Comercial.

Com uma organização própria de seus cursos, o SENAC vai promovendo a formação de profissionais competentes e capazes de que tanto necessita o comércio brasileiro.

Além da manutenção de seus cursos, o SENAC vem promovendo campanhas educativas com o objetivo de elevar o nível do ensino profissional, juntamente com as escolas de comércio.

Dentre essas iniciativas, podemos nos referir ao Curso de Orientação, que contou com o concurso de representantes de todos os Estados da União.

Mais recentemente, organizou o Grande Torneio Cultural, que foi disputado em todo o Brasil, pelos estudantes dos cursos de comércio, o qual alcançou um êxito absoluto, sendo interessante notar-se que foi esta a primeira vez que se realizou um certame entre as escolas técnicas de comércio.

Durante o corrente mês, foram realizadas as provas desse concurso no Distrito Federal, e a ele comparecendo representantes de 32 escolas.

Ainda estimulando o estudante-comerciante, o SENAC oferece bolsas prêmios aos alunos melhores classificados nos cursos de formação básica ou técnica e ainda os de Faculdade de Economia.

Al está, pois, o SENAC formando profissionais tecnicamente preparados e eficientes, que contribui, segura e proveitosamente para o progresso econômico do Brasil.

O GENERAL ABREU E LIMA

(Continuação da página 7)



Felix Peixoto de Brito e Melo, bisavô de Eduardo Gomes, comandante chefe do exército praiense e chefe do governo provisório. Reprodução de um retrato pertencente à família de Eduardo Gomes

sil. (2) Etc. "Somos todos socialistas — confessa num brado que é quase uma bandeira. (3) Só esse interesse em torno dos problemas sociais, por parte de um dos seus mais esclarecidos mentores, está revelando um dos aspectos da Revolução Praieira. Dai a importância de conflito, em que houve 35 ações de réveio e um elevadíssimo número de mortos e feridos, conforme teria já salientado o governador Barbosa Lima Sobrinho no discurso inaugural à sessão magna comemorativa do seu primeiro centenário. Nesse sentido, ou melhor, no sentido de uma luta onde o povo e as forças mobilizadas participaram com todo o seu vigor, a Revolução Praieira se assemelha muito à francesa da mesma data. — o povo, na arguta observação de Jean Cassou, (5) não cantando mais, como outrora, atrás das barricadas, mas tirando-se as talas com todo o seu desespero, numa guerra de vida e de morte.

Debelado o movimento, Abreu e Lima foi preso, recolhido à fortaleza do Brum e, depois, enviado ao presídio de Fernando de Noronha. A permanência geral na ilha maldita sugeria-lhe, posteriormente, a publicação de uma monografia, "Apontamentos sobre a Ilha de Fernando de Noronha". (6) — nos quais sempre preocupado com as questões sociais, indica medidas destinadas a melhorar as condições da insula atlântica (construção de um molhe ou ponte de desembarque, reurbanização, beneficiamento da indústria da farinha, de mandioca e do cultivo do algodão, exploração dos minérios, assistência religiosa e médica aos detentos, etc.).

A campanha da Praia não distraiu Abreu e Lima do gosto pelos estudos históricos, data de 1845 a sua Sinopsia ou Descrição Cronológica dos fatos mais notáveis na História do Brasil, a primeira coleção de efemérides da literatura nacional resultando, no dizer de Alfredo de Carvalho, "da avultada cópia de pesquisas originais". A Sinopsia deu solução a alguns problemas históricos e corrigiu "numerosas datas até então sujeitas a controvérsias".

— O —

Restituído à liberdade, Abreu e Lima fecho, segundo as suas próprias palavras, o "círculo de ferro" começado em 1817 na cadeia da Bahia", concluiu, em 1849, "nas presenças de Pernambuco". Dai em diante, na "tebaida do Pátio do Colégio", provido de uma seleta biblioteca, entregou-se às questões sociais e religiosas. E o opinião de Alfredo de Carvalho — incontestavelmente o melhor intérprete do incansável político — que foi essa a melhor fase da existência e "talvez a mais fecunda em trabalhos literários de mérito real". Mas,

tais obras de vulto (acrescenta) "ficaram infelizmente inéditas e algumas estão de todo perdidas".

Diz-se que a importância da obra de Abreu e Lima, impresso em 1855 em uma tipografia do Pátio do Colégio.

O Socialismo, na realidade um ensaio de interpretação sociológica da história, é influenciado, em grande parte, pelas idéias de Lamennais, isto é, o Lamennais da liberdade de palavra, da liberdade de ação, da liberdade de consciência, o Lamennais convicto de que ninguém podia parar a marcha da humanidade, o Lamennais enfim, que suplicava ao papa: "Separai-vos dos reis, estendi a mão ao povo e recobrei-a; nessa aliança, um domínio que já vês vezes escapando". Foi Ballanche outro escritor francês que preponderou muito no socialismo de Abreu e Lima, com a sua palingenésia, ou seja, a teoria de que a humanidade, decaída pelo pecado original, estava a reabilitar-se, através dos fatos históricos, à custa de provas e explorações providenciais. A esse tempo ignorava Abreu e Lima que Ballanche já havia renunciado à sua querida teoria. "Acreditava (diz Ballanche) na possibilidade do progresso por via da evolução, mas não percebo agora que com as coisas humanas, o processo é o da evolução".

O nome de Abreu e Lima como versado nos problemas sociais era, então, bastante elevado, pois o próprio presidente da Província não desprezava o seu parecer, como ocorreu no estudo das causas da carestia dos gêneros alimentícios. O autor da Sinopsia, consultado a respeito do problema, opinou que eram várias as causas dessa carestia, entre elas, o descrédito do papel-moeda, as epidemias, o aumento dos salários, a elevação dos preços dos chamados produtos coloniais, a falta de boas vias de comunicação e o regime da grande propriedade (em detrimento da pequena lavoura) (1).

A predileção de Abreu e Lima pela corrente do liberalismo católico proporcionou-lhe, já quase no fim da vida, nova oportunidade para que o general demonstrasse os seus dotes de polemista — a discussão com o cônego Joaquim Pinto de Campos que se parece de um cardiopatia. Foi isso assim quase ao encerrar de um marco da história. Entraram-no no Cemitério Britânico, por se haver negado o bispo diocesano a conceder o sepultamento sagrado. Gozava o bispo Francisco Carlos de uma fama de ilustração e piedade, um pouco enorme em Pernambuco; mas a obtenção em não permitir que o corpo do general fosse inumado no Cemitério Público levantou uma controvérsia (2), tendo havido até denominações populares em que oraram Franklin Távora e Vasconcelos Drummond. Por ocasião dos debates o cônego Pinto de Campos afirmou de uma maneira lapidária da sanção religiosa, veio em campo confessar que ele próprio, oito dias antes da morte do general, havia rezado uma missa pela alma do seu ex-adversário (3). Na última ocasião o ministro protestante leu as preces do ritual britânico; salientou Drummond, na oração fúnebre a vida quase de recluso de Abreu e Lima, nos seus últimos dias em prisão, e o seu retraimento, evitando aparecer em público, mas nunca se negando, a prestar serviço a quem quer fosse. Era mesmo uma grande pena o general fazer qualquer sacrifício por algum amigo. Perto da morte, inutilizara todos os títulos e documentos de dividas ou compromissos contraídos por numerosas pessoas, e não deixou a Abreu e Lima parece que passou a sua existência a jogar com o destino. Mas jogar com tal sorte que o seu bilhete saia sempre em branco. E emerge em Pernambuco um plano, modesto, com o buço ainda por nascer, mas já com a sua patente de capitão — e o-lo, de repente, preso e desterrado, depois de presenciar a morte física do pai, combate em Nova Granada ao lado do maior condotieiro do continente, como seu tenente e auxiliou dos mais grandiosos — e acabou abandonando os campos gloriosos, processado e perseguido dos inimigos e invejosos; aliás, os seus carnavais e hata-se ardorosamente pelo retorno do ex-imperador do Brasil — a morte Fernando de Saldanha, o general dos saudistas; corteja o novo imperador, frequentava-o e o povo, oferecia-lhe os escritos — e nem um lugarzinho, nem sequer mesmo um tralchá, por relação; o primeiro a combater o projeto de separar a Igreja Brasileira e libertá-la da tutela da Santa Sé — e acabou quase que ex-comunhão, sem receber o sacramento eucristão, rezada na capela do cemitério, que ele solicitou, com tanto empenho, já nos derradeiros instantes da vida. (2) foi, porém, e se rumorava, um ardoroso galá, dividido o seu coração entre a bela flor dos

destacando como Abreu e Lima, "aquí dentro do nosso horizonte", brilhou e denunciou o cônego imprudente, elucidando cabalmente a questão religiosa.

(5) Todavia, parece que o cônego Pinto de Campos era destemido e desassombrado, pois divulga o mesmo Soldado Leite uma das suas façanhas, — de afugentar o troço bem armado do maior Caitano Alves, fazendo o coneiteiro, que levava a garupa, tocar o avanço de um regimento imaginário, enquanto a cavalaria, em um cavaleiro, o "caudaloso rio" rio.

O escritor Silvio Rabello, que também nos deu uma boa página sobre o incidente (7), mostra como, do debate teológico, desceram os dois contendores à injúria, assistindo aos excessos uma multidão de leitores — maçoas e acadêmicos que tomavam partido ora pelo Deus dos Judeus, ora pelo Deus dos Cristãos. Aí, lembra Silvio Rabello chegou a tal extremo que o general, em seu arador, recordava os "grandes dias nos campos da Nova Granada". E foi então que o padre Pinto de Campos, indignado por aquele "hípocondria da heresia", "aberto de impiedade infernal", lançou não do seu antigo estrategema da corneta, intenção de fazer a corneta, contra o responsável pelas injúrias do Cristiano Velho. Acabou a querrela com a condenação do humilde impressor dos opúsculos do general e com a perseguição do velho padre. "Que dirá, à vista de sua infâmia do Cristiano Velho, o sr. General Abreu e Lima?"

Muita gente não sabe, entretanto, que o padre Pinto de Campos lavava uma ventagem sobre o general. A santagem da experiência. Alguns anos antes sucedera-lhe o mesmo episódio do processo contra o Cristiano Velho. Mas, nesse primitivo caso, o autor do belo livro, o padre Miguel do Sacramento Lopes Gama, o humilde editor chamava-se Joaquim Bonifácio Pereira e o verdadeiro culpado era o estrategista da corneta (1).

É curioso o conteúdo desta mesma obra, contendo o resumo do tempo de Tobias Barreto, falecia Abreu e Lima, o que parece de um cardiopatia. Foi isso assim quase ao encerrar de um marco da história. Entraram-no no Cemitério Britânico, por se haver negado o bispo diocesano a conceder o sepultamento sagrado. Gozava o bispo Francisco Carlos de uma fama de ilustração e piedade, um pouco enorme em Pernambuco; mas a obtenção em não permitir que o corpo do general fosse inumado no Cemitério Público levantou uma controvérsia (2), tendo havido até denominações populares em que oraram Franklin Távora e Vasconcelos Drummond. Por ocasião dos debates o cônego Pinto de Campos afirmou de uma maneira lapidária da sanção religiosa, veio em campo confessar que ele próprio, oito dias antes da morte do general, havia rezado uma missa pela alma do seu ex-adversário (3). Na última ocasião o ministro protestante leu as preces do ritual britânico; salientou Drummond, na oração fúnebre a vida quase de recluso de Abreu e Lima, nos seus últimos dias em prisão, e o seu retraimento, evitando aparecer em público, mas nunca se negando, a prestar serviço a quem quer fosse. Era mesmo uma grande pena o general fazer qualquer sacrifício por algum amigo. Perto da morte, inutilizara todos os títulos e documentos de dividas ou compromissos contraídos por numerosas pessoas, e não deixou a Abreu e Lima parece que passou a sua existência a jogar com o destino. Mas jogar com tal sorte que o seu bilhete saia sempre em branco. E emerge em Pernambuco um plano, modesto, com o buço ainda por nascer, mas já com a sua patente de capitão — e o-lo, de repente, preso e desterrado, depois de presenciar a morte física do pai, combate em Nova Granada ao lado do maior condotieiro do continente, como seu tenente e auxiliou dos mais grandiosos — e acabou abandonando os campos gloriosos, processado e perseguido dos inimigos e invejosos; aliás, os seus carnavais e hata-se ardorosamente pelo retorno do ex-imperador do Brasil — a morte Fernando de Saldanha, o general dos saudistas; corteja o novo imperador, frequentava-o e o povo, oferecia-lhe os escritos — e nem um lugarzinho, nem sequer mesmo um tralchá, por relação; o primeiro a combater o projeto de separar a Igreja Brasileira e libertá-la da tutela da Santa Sé — e acabou quase que ex-comunhão, sem receber o sacramento eucristão, rezada na capela do cemitério, que ele solicitou, com tanto empenho, já nos derradeiros instantes da vida. (2) foi, porém, e se rumorava, um ardoroso galá, dividido o seu coração entre a bela flor dos

lãs e a doce sinharinha dos canaviais — e findou os seus anos com a fama do maior soldado, mais mantrapo e meio anacoreta do século.

Já que abordei o assunto, não quero deixar de referir-me a algumas cartas de amor do general Abreu e Lima, que coleccionador desta cidade guarda com o zelo e cuidado de um verdadeiro mourão, não consentindo sequer que nenhum infiel lhe veja a pinta. Devo dar graças a Deus por tão extremado amor, pois, dessa, lucubradora, profunda e misteriosa, sairá, de certo, algum estudo acabado, completo e definitivo, para glória de todos os grêmios, sociedades, academias e tertulias literárias do país.

Já ao findar da atribulada existência, as pessoas da família surpreendiam, algumas vezes, Abreu e Lima, recolhido na sua sala de trabalho, em exaltado soliloquio. Assim, informou uma respeitável senhora, descendente direta do general. Tinha-se a impressão de que havia, na sala, pelo menos duas pessoas em discussão acalorada e ardorosa, uma tentativa de enxergar no episódio o tema da dupla personalidade.

Por que pergunta-se o general os metetes a corrigir a vida alheia? Que tinhas tu que ver com as eleições fraudulentas? Que tinhas tu que ver com a carestia da vida, ou com a decadência das populações, ou com os sobras acalorados? Que tinhas tu que ver com os erros do imperador? Se não tivesses sido tão impertinente e tão intracelgado, quem sabe se não saíam hoje comendador, deputado e talvez, mesmo presidente, em respeito de algum soldado? Mas, logo, o outro eu, o Abreu e Lima atribulado e inquieto, protestava contra essa covardia e arremetia, de capacete e lanças em riste, contra o Abreu e Lima acomodaticio e parato. "E foi isso o seu martírio e a sua desdita."

(1) Conferência realizada, a 10 de dezembro de 1845, no Instituto de Educação de Pernambuco, sob a presidência do sr. Governador Barbosa Lima Sobrinho, em comemoração ao primitivo centenario da Revolução Praieira.

(2) Quando, mais tarde lhe foi imputado o fato de ser filho legítimo, Abreu e Lima replicava: "Fomos quatro cadetes, dois em tempo do rei velho (quando eram senhores cadetes) e dois primeiros cadetes depois da lei de 1823, que alterou o alvará de 1773. Ora, não sendo do nosso pai maior de linha e daí para cima, está claro que para serem cadetes não mister tivéssemos avós nobres, e, quem tem avós nobres, não são desconhecidos; portanto, ai tendes quatro processos e quatro julgamentos, provando não só a legitimidade do nosso nascimento, como a nobreza da nossa família. Bem vêdes, pois que não posso ser filho de Agar escreva porque nasci nobre" (O Deus dos Judeus de Deane, Rio, 1842). Não se sentiu, o currículo da A.R.M. era já um avanço.

(3) Dama e apelido de Padre Roma.

(4) O programa de Academia Real Militar, organizado pelo General Linares, tinha por objetivo, entre outros, o de desenvolver o estudo das ciências físicas e naturais (Max Fleury, História Administrativa do Brasil, p. 83, 2ª ed.: São Paulo, s/d.). A translação da corte portuguesa para o Brasil seguiu a observação de Oliveira Lima, já insinuado "novos horizontes de ensino", com a introdução de conhecimentos mais experimentais e mais práticos (D'Amorim, VI no Brasil, I, p. 205, Rio, 1942). Não se sentiu, o currículo da A.R.M. era já um avanço.

(5) "Eu vi nascer Colômbia nas Guessas do Médio", Carta cit. de 18 de setembro de 1868.

(6) Sociedade, p. 150, Recife, 1855.

(7) Compendio da História do Brasil, II, ed. de 1843, Rio, p. 91.

(8) Datada de 17 de maio de 1862. Correspondência particular do general Abreu e Lima referente aos anos de 1850-1866. Est. A. gav. 17.

(9) Breviário histórico, e literário do Brasil; ou análise crítica do projeto do dr. A. F. França, oferecido em sessão de 16 de maio último à Câmara dos deputados, reduzido o sistema monárquico constitucional, que felizmente nos rege, a uma república democrática; sociedade de outros análises do projeto de deputado Rafael de Carvalho, sobre a separação da Igreja Brasileira da Santa Sede Apostólica; pelo Sr. Brasil, 1925.

(10) Em Compendio de História do Brasil, I, p. 284 e 285, Rio 1843.

(1) Sobre o assunto, cf. Mário Meilo, "A maçonaria e a revolução republicana de 1817", em "Rev. do Inst. Arq. e Geog. Fern. n. 79, p. 1 e sq., março de 1910. — "O catismo liberal imbuía de tal modo o clero nacional que o governador do bispado, o deo Manuel Vieira de Deus Sampaio, chegaria a publicar uma pastoral em que declararia não ser a revolução contrária ao Evangelho, podendo a posse e o direito da Casa de Bragança eram fundados num contrato bilateral, estando os povos desobrigados da lealdade jurada por ter sido a dinastia quem fultou primeiro as suas obrigações". Comentários de Oliveira Lima à História da Revolução Pernambucana de 1817, de F. Muniz Tavares, p. 41, Recife, 1917.

(2) "As Notas Dominicais" em Rev. cit. n. 61 p. 494, março de 1904.

(3) W. Dietrich, Simão Bolivar, p. 131 sq., Porto Alegre, 1937.

(4) Sobre o assunto, cf. J. I. de Abreu e Lima, Resumão histórico da Crônica Ditada do Libertador Simão Bolivar, etc., com biografias e notas de Diego Carbonell, Rio, 1922; Alfredo de Carvalho, "Um companheiro de Bolívar", em Aventuras e Aventureros no Brasil, pp. 225-230, Rio, 1929; Argem Guimarães, Um brasileiro na epopéia belicivana, Recife, 1926 (com bibliografia referente ao assunto); "Carta importante" do historiador M. Lamennais, em Rev. do Inst. Arq. e Geog. Fern. n. 49, pp. 25-30, Pernambuco, 1895.

(5) A carta em questão é de 18 de setembro de 1885 e datada de Pernambuco. Foi pub. primeiramente no tomo I, pp. 427-434 das Biografias de homens notáveis de Hispano América, direção de Ramón Aspurúa, Caracas, 1917 e pouco antes no Diário de Pernambuco, ed. de 20 de maio de 1873. Foi escrita em português, pois já há trinta anos (diz o autor) que não manjeira o espanhol.

(6) "Eu vi nascer Colômbia nas Guessas do Médio", Carta cit. de 18 de setembro de 1868.

(7) Sociedade, p. 150, Recife, 1855.

(8) Compendio da História do Brasil, II, ed. de 1843, Rio, p. 91.

(9) Datada de 17 de maio de 1862. Correspondência particular do general Abreu e Lima referente aos anos de 1850-1866. Est. A. gav. 17.

(10) Breviário histórico, e literário do Brasil; ou análise crítica do projeto do dr. A. F. França, oferecido em sessão de 16 de maio último à Câmara dos deputados, reduzido o sistema monárquico constitucional, que felizmente nos rege, a uma república democrática; sociedade de outros análises do projeto de deputado Rafael de Carvalho, sobre a separação da Igreja Brasileira da Santa Sede Apostólica; pelo Sr. Brasil, 1925.

(11) Em Compendio de História do Brasil, I, p. 284 e 285, Rio 1843.

(12) Em 1843, já de volta a Brasil, o Abreu e Lima ainda estava muito ligado à maçonaria. Data dessa época o seu trabalho Manifesto da M. Aug. e Resp. Lof. Com. de R. H. Esc. Ant. e Aec. para o Imp. do Brasil, Rio,

logia, II, p. 640, Rio, 1944.

2 A cartilha do povo Por Franklin, Fern., 1848.

3 Diogo Antônio Feijó, p. 229, Rio, 1942.

4 Tip. Universal, 1843, Ed. in 4°, com 7 retratos. Deusa obra publicou-se, depois, outra edição reunida, num 80 volume.

5 Amaro Quintas, "Dias inéditos de Abreu e Lima", em Diário da Noite, ed. de 28 de junho de 1948.

6 "As memórias de Taunay e Abreu e Lima", em Diário da Noite, ed. de 2 de dez. de 1947.

7 Memórias do Visconde de Taunay, São Paulo, pp. 586 e 588, 1948.

8 "Primeiro Juízo submetido ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro pelo seu sócio Francisco Adolfo de Varnhagen", em Rev. Tr. de Hist. e Geog., pp. 60-83, t. VI, 2a. ed., Rio, 1865.

9 Resposta do General J. I. de Abreu e Lima, etc. Fern., 1844, p. 43.

10 Cf. N. Werneck Sodré O que se deve ler para conhecer o Brasil, p. 189, Rio, 1945.

11 História da Literatura Brasileira, V, 3a. ed., p. 220, Rio, 1943.

1 N. 1.

2 N. 2.

3 N. 5.

4 N. 12.

1 N. 19.

2 N. 20.

3 Cf. Amaro Quintas, O sentido social da Revolução Praieira (senão de interpretação), p. 17, Recife, 1948.

4 Diário de Pernambuco, ed. de 7 de novembro de 1948.

5 Quarant-huit, p. 237, Paris, 1939.

6 1857, Pub. na Rev. de Inst. Arq. e Geog. Fern. Recife, 1890, pp. 3-17.

7 Jornal do Comércio, ed. de 14 de maio de 1858.

8 Sobre o assunto, cf. as Bólias falsificadas e outras respostas ao sr. C. Augusto Joaquim Pinto de Campos — pelo Cristiano Velho Recife, 1867; Polêmica Religiosa ou Resposta aos críticos anti-católicos do general e Lima — por Joaquim Pinto de Campos, etc. Recife, 1867; O Deus dos Judeus e o Deus dos Cristãos — Terceira resposta ao sr. Cônego Joaquim Pinto de Campos, Recife, 1867; Polêmica Religiosa ou Resposta aos críticos anti-católicos do general e Lima — por Joaquim Pinto de Campos, etc. Recife, 1867; O Deus dos Judeus e o Deus dos Cristãos — Terceira resposta ao sr. Cônego Joaquim Pinto de Campos, Recife, 1867; Polêmica Religiosa ou Resposta aos críticos anti-católicos do general e Lima — por Joaquim Pinto de Campos, etc. Recife, 1867.



PERIODICO PEQUENINO: MAS GOSTOSINHO.

(1847) — Sesta feira 3 de Setembro. — (N. 1)

Gashirú he rato, e rato mudo. Inumeros venenos lá para dar cabo desses animales injentos, e daninhos, hã os gtos, que quando não são pegunhosos, dão-lhes caçada o momento: mas não há nada contra gashirú, como hũa ma baa, e bũa armada ratoeira; porque com este meio vão dês por si proprios, e levados he engodo da isca metter-se espontaneamente na armadilha.

A providencia, que nunca decompara a obra das suas mãos, e de vella sobre o destino dos

povos, muitas vezes se serve de bũa tractante para castigar outros tractantes; e querendo pônto de desmesurado orgulho, e as escandalosas rasnadas da fagulha pandilha gashirú, consente, que surja no meio de nós bũa teler da Parahibá, bũa espalçaco turbulento ex Abella. ex-República, a gerra Nazarena, constituida apostolo burlesco da propaganda republicana. O gashirú não pudon já triumphar por outro modo: de monarchistas extremos, que se dizião, quando estavam no poder, tor-

FALAM OS CRITICOS

Poesia e critica

Um dos problemas mais importantes das relações entre a poesia (a arte em geral), a ciência e a critica, que contribui primordialmente na determinação de sua respectiva posição, é o seguinte: QUEM tem o direito de competência para fazer o JUIZO CRITICO de uma poesia? Será somente o POETA que compreende e sente o poeta? A importância deste problema nos é mostrada pelo simples fato de que, caso se conteste afirmativamente a esta pergunta, se derrubará, per falta de base, uma parte importante da função vital da ciência e da critica, tal como vem acontecendo até hoje; e, caso a resposta seja afirmativa, poderia se impor ao poeta a sobre-carga insuportável de uma tarefa erudita ou critica. Os poetas que se praticam por si mesmos resistido, desde vários séculos, a aceitar o julgamento daqueles que não são poetas nem artistas, baseando-se no argumento ou postulado de que o não artista não pode praticar por si mesmo a arte para poder compreendê-la. "A arte da pintura", diz Dürer, "difficilmente poderá ser julgada por quem não seja um bom pintor". O próprio Goethe se maravilhava reiteradas vezes no mesmo sentido: "Se podemos julgar acertadamente aquilo que somos capazes de criar".

(D. H. Sarnetzi — trecho de ensaio — "Letras e Artes" — Rio, 7-11-1948).

BALANÇO LITERÁRIO DE 1948 NO RECIFE

Parece que nenhum outro ano foi mais expressivo do que o de 1948 dessa percepção de nós mesmos dentro da própria realidade em que vivemos. De certo modo o sonho dos triunfos ruidosos na metrópole passou. Não é que tenhamos de malizoid ou censuramos que lá fizeram a sua glória literária, porque não é bem a glória o que se sentia, mas a incômoda a provincia pretende apenas ser fiel a si mesma, renovando-se continuamente. Os grupos literários que se formaram nos Estados nordestinos provaram uma vitalidade intelectual que há de ter irradiado seus frutos, sem nenhuma dúvida, por todo o país, mostrando que neste grande cenário humano o escritor e o poeta podem construir uma obra universal. O ano de 1948 foi o da exaltação da Provincia como fator de unificação do espirito brasileiro e de sua vocação construtiva.

Se o historiador da Literatura quiser uma prova disso, bastará percorrer as coleções dos Supplementos literários do Recife. Creio que nunca se fez um movimento tão fecundo de expansão da nossa cultura como neste ano que finda, sob o signo de uma intensa renovação intelectual. Surgiram valores provincianos nos Supplementos; e muitos outros que andavam recolhidos às suas torres de marfim, deixaram o isolamento e o desanexo e voltaram à atividade na entusiástica que se conhece. E' que se criou nos Supplementos uma atmosfera de confiança no trabalho intelectual e mesmo um trabalho pela nossa cultura de modo a não permitir o indiferentismo e o alheamento. Sob esse aspecto seria uma injustiça negar a contribuição de Mauric Mota e Aderbal Jurema, que não se limitaram a escrever, mas estimularam a quantos quisessem fazer

da capital ou do interior. Criaram-se colunas para os escritores e poetas municipais, que trouxeram ao movimento a sua parcela de inteligência e de sensibilidade. O municipalismo literário andava esquecido e ignorado; e, todavia, esperava apenas o momento de mostrar que nas nossas cidades matutas, em geral sem jornais, vivia uma boa gente, trabalhando em silêncio e construindo uma obra de exaltação espiritual que não é paralisada. Tudo isso se fez, em todas as Supplementos, sem rancões políticos, sem separações partidárias.

Possibilitou também uma verdadeira colação de boas revistas literárias, nenhuma, porém, superando "Nordeste", onde Elmagrão Marcolim pôs os requisitos de sua já consagrada arte gráfica e do seu bom gosto; e onde Aderbal Jurema exibe toda a pujança da velha frase: "São os do norte, que vêm". Possibilitou, igualmente, o intercâmbio cultural como jamais tinha havido entre nós, graças em grande parte à ação intelectual do governador Barbosa Lima Sobrinho, que, sendo um escritor e um homem de sensibilidade, aqui recebeu com a mais alta fidelidade a professores, jornalistas, escritores, conferencistas, poetas e pintores inaugurando uma nova era na cultura pernambucana. Muitos foram por ele convidados "lensbarbarom logo o pintor Cicero Dias, cuja presença no Recife foi absolutamente sensacional"; e todos magnificamente recebidos.

(Nilo Pereira — Trechos de artigo — "Folha da Manhã" — Recife, 1-1-1949).

INTELLECTUAL E ESCRITOR

"E' confusão comum tomar o termo escritor como sinónimo de intelectual. Uma das nossas sociedades intitula-se "Union des intellectuels"; intervém nos negócios políticos, ergue-se contra tal ou qual "em nome dos intelectuais" quando não passa de uma associação de escritores. Isto é, de trabalhadores braçais, dos quais três quartos nada têm de intelectual, e em certos casos, muito pelo contrário, se restringe tal qualificação aos que pedem os motivos para o que escrevem à inteligência, e não aos sentimentos. Não se compreende bem por que quem sabe desenhar figuras ou cantar a sua emoção diante do nascer do sol mereça o nome de intelectual. Perguntem-me em que os Tharaud são intelectuais... Do mesmo modo, não vemos muito bem — a menos que se chame assim tudo o que se imprimira — por que a sociedade deva poupar loucos, furiosos preches de dons literários, como um Brasilchou, ou um Bêaud, para "salvaguardar o pensamento". Os escritores são considerados intelectuais, homens de pensamento, como os médicos e os advogados — apenas em virtude de um velho preconceito, por que exercem uma profissão "liberal", quando na verdade um escritor de fábula pode ter mais conhecimentos no dedinho do pé do que cem dos meus confrades, escolhidos entre os mais gloriosos, na cabeça e no corpo todo".

(Julien Benoit — Trecho de artigo — "JORNAL DO COMMERCIÓ" — Recife, 16-10-1948).

FALAM OS NOVOS

Os ensaios de Fernando Pessoa

"Os ensaios de Fernando Pessoa não são sua grande criação vulgarizada no Brasil. Circunstâncias diversas concorrem para isso: e não vamos, aqui, fazer o inventário das mesmas, sendo licito apenas aludir ao fato em si, que importa no desconhecimento generalizado do conteúdo da obra doutrinária do poeta. O caso é que uma chance mais favorável trouxe às nossas mãos algumas de suas páginas mais sugestivas no gênero aparentadas antes a seu tempo na revista portuguesa A Águia que foi uma espécie de órgão oficial no movimento de renovação poética conhecido por "Renascença Portuguesa". Esses estudos viatos em conjunto, revelam as tendências, as características dominantes na obra de doutrinação poética de

Fernando Pessoa, que através dela se alçou como teórico principal de um movimento de repercussão duradoura nas modernas letras portuguesas. Pondo de lado o seu caráter de estudos de circunstância, não mesmo de proselitismo poético, proveniente, talvez, da contingência literária em que foram escritos se em cujo estímulo vieram a público, pode-se distinguir nos ensaios de Fernando Pessoa uma constante principal: espirito de sistema absolutamente rigidido de que estão impregnados. Com efeito, chega a desconcertar o leitor, às vezes influenciado pela legenda de arbitrário e subjetivo que sempre acompanha os poetas, a feição rigorosa predominante nas suas teorias tendendo para os extremos, a que confere um certo sentido de construção abstrata". (Jarbas Duarte — "Diário de Pernambuco" — 1-1-1949).

Gilberto Freyre no Recife

"Sou deputado como quem cumpre um dever", afirmou certa vez Gilberto Freyre numa entrevista a um repórter provincial. E, após um ano de atividade na Câmara Federal, o autor de "Casa-Grande & Senzala", regressou este mês ao Recife, ou melhor a Santo Antônio de Apipucos onde continuará a sua vida de estudioso da história brasileira à sombra do seu solar colonial e das velhas mangueiras pernambucanas. Ainda agora, no Rio, assistiu ao lançamento de seu último livro "Ingresso no Brasil", editado na coleção "documentos brasileiros", da José Olympio, e prefaciado pelo historiador Otávio Tarquínio de Souza, — livro que tem despertado vivo in-



Gilberto Freyre visto por Augustinho

teresse entre os criticos e leitores em geral pelo muito que esclarece da contribuição anglosaxônica na formação da sociedade brasileira.

REVISTAS LITERÁRIAS DO BRASIL

O número de revistas literárias que circulam, atualmente, no Brasil, é bem uma prova da vitalidade criadora que está animando os diversos centros de cultura do norte, centro e sul do país. Uma verdadeira descentralização da cultura, está sendo realizada, e hoje os escritores da provincia não precisam mais de recorrer aos órgãos da metrópole, a fim de que se tornem conhecidos. E' bem verdade que no Rio não são publicadas revistas como "FOLHA DE VISTA BRANCA, ESFERA, ARCO, CROMOS, para citar as mais representativas e, nelas, algumas vezes, os escritores novos de outros Estados vêm trabalhos seus publicados. (Para dar uma idéia do número de revistas de arte e literatura que são publicadas, apresentemente, em todo o Brasil, aqui está uma lista mais ou menos completa, de todas elas): "CONTEÚO (Pará) — A ILHA e MALAZARTE (Maranhão) — CLA-

e JOSE (Ceará) — NORDESTE, REGIÃO, CONTRAPONTO, PRESENÇA, REVISTA DE CULTURA, RESENHA LITERÁRIA, ESTUDANTES e LETRAS, PERNAMBUCANAS (Recife), que assim se coloca em primeiro lugar) — CADERNO DA BAHIA (Cidade do Salvador) — EDIFÍCIO, NENHUM e MELIA PATAÇA (Minas Gerais) — REVISTA BRASILEIRA DE POESIA, COLEGIO, FUNDAMENTOS e ARTES PLÁSTICAS (São Paulo) — EPOCA (Sorjipe) — SUL (Santa Catarina) — JOAQUIM (Paraná) — QUINQUETE e CRITÉRIO (Rio de Sul) — AGORA (Goiás). Estão sem: anunciados: GRITO (Amazonas) — ZÉRO E NUNDO (Rio Grande do Norte). Apenas Parahyba, Plathy, Espírito Santo, Estado do Rio, Alagoas, e Mato Grosso não têm, até o momento, revistas literárias em circulação. Aguardemos no entanto a notícia de alguns nomes de revistas nesses Estados.

O LIVRO DO MÊS

DA INTENÇÃO À POESIA

1 — Pela carta, uma jovem de vinte anos, se muito, enviava um poema que diz ter sido feito "ante a realidade romântica do Salão de Poesia" e, por isso, desejava submetê-lo à avaliação de um perito, pois os olhos leigos do garimpeiro não lhe reconhecem legitimidade, pureza ou quilate... "Lá o poema, que se intitula "Itinerário das almas perdidas...", sem a intenção de avaliar-lhe o quilate, porquanto em poesia não se contam as qualidades que dão valor aos minérios preciosos. O que vale para a sensibilidade é a intenção poética no seu sentido puro e não "itinerário". Daí vir sempre a minha lembrança a aquelas setas e fraternais palavras de Rilke a um poeta: "Ninguém pode aconselhá-lo um ajudá-lo ninguém! Já só um caminho: entre em si próprio e procure a necessidade que o faz escrever. Veja se esta necessidade tem raízes no mais profundo do seu coração. Confesse-se a fundo: "Morreria se não me fosse permitido escrever?", "Isto, sobretudo: na hora mais silenciosa da noite, faça o si mesmo esta pergunta: "Sou realmente obrigado a escrever?" — Examine-se a fundo até encontrar a mais profunda resposta. Se esta for afirmativa, se puder fazer face a uma tão grave interrogação com um forte e simples "Devo", então construa a sua vida segundo esta necessidade."

os poemas, porém, estão no mesmo nível de intensidade lírica, principalmente naqueles em que o poeta se impressiona mais com o ritmo e o efeito sonoro de certas palavras do que com a poesia mesma, que é sua eterna e angustiada companheira. Nos versos em que fala de Lenora "Que fôra tão nova / Tão nova e tão loura". Ele abusava desse velho recurso de expressão verbal que prejudica a pureza de concepção poética que o tema sugeria. Isso não impede, no entanto, de afirmarmos, mais uma vez, que "a poesia em Guerra de Holanda não é uma coisa que acontece algumas vezes na sua vida". Ela acontece sempre, mas o que nem sempre acontece é encontrar o poeta material para objetivá-la, com a força íntima de seu lirismo, em versos que não sejam um tanto martelados numa cadência e num ritmo de monocórdio. Talvez que isso vá por conta da seleção que fez para "O Rosto", como já assinalou um dos seus colegas de Salão. A. J.

FALAM OS POETAS

O POETA CARDOSO

"Embera não desdenhe dos seus caros irmãos da poesia de ritmo socializante, o companheiro Joaquim Cardoso não faz poesia divertidamente interessada nos problemas sociais e políticos, a qual como sabemos com seu vigor e eficácia fortíssimos unânimes e estandarizados as criações. Deverá, na certa, achar o mundo desses companheiros de modo cansado e restrito, para o poeta. Não que a sua poesia se tenha tornado alheia ao drama declamatório da humanidade, pelo contrário, o seu forte é o lirismo no que tem a poesia lírica de não só humano, mas humanista. A sua grande fonte de poesia é a geografia humana, naquele sentido que lhe deu Deufontaines de terra de muito contacto de muito cotidiano vivido e que é a terra do universal no local, do católico no particular, do polifônico no essencialmente acórdal. Neste sentido, a sua poesia, como disse Carlos Drummond de Andrade, em seu belo prefácio ao livro de Cardoso, desce ângulo de visão os "Poemas" têm nascidas na Provincia. Este poeta é da fôrma dos que não se satisfazem com a geografia epidérmica das coisas; quer penetrar sua lama profunda, ir na raiz da Provincia — e daí o humanismo universal e universalista de seus "Poemas", em que não há superfereções".

(Jorge de Lima — "Diário de Pernambuco" — 1-1-1949).

As fraquezas humanas

Em cada página do DIÁRIO DE AMIEL, através de uma seleção de registros por vezes bastante enfadonhos descobrimos sempre observações de indiscutível verdade sobre as fraquezas humanas e sobre o limitado poder da nossa vontade. A nossa vontade. Com que frieza de ânimo Amiel a escarpela sentindo-se fraco impotente exibindo-nos as suas tentativas de análise e analítico do nosso temperamento professor de Geneve São páginas maciças de investigação metade germânica metade latino onde esse contemplativo busca colher a fonte ou a fôrma da própria fraqueza e da própria vontade. Estranho cruzamento de seu mundo interior, que tantas vezes sentiu em contraditório consigo mesmo e com a vida exterior. Amiel, não procura atuar, como um moralista, em suas fraquezas; no contrário, elas as exibe. E as exibe, não como um exhibitionista, isto é, para chocar-nos com sua ausência de pudor e sim como quem diz: não a causa e a vítima de mim mesmo, essa misteriosa dualidade que me refiro existe em mim e existe em ti, lutemos pois pela nossa harmonia ou pelo nosso tão difícil equilíbrio interior.

(Tomás Seixas — trecho de artigo — "Diário de Pernambuco", 19-12-1948).

FALAM OS EDITORES

"A Luz da Estrêla Morta"

Josué Montello

"Um dos valores realmente positivos da geração dos trinta anos, romancista, teatrólogo e ensaísta de méritos muito acima do comum, nasceu em São Luiz do Maranhão, a 21 de agosto de 1917. Da provincia natal, tão impregnada de tradições humanísticas, trouxe Josué Montello uma sólida cultura literária, um acentuado gosto pelo estilo trabalhado e pelo rigor da sintaxe, no que se destaca formalmente entre os seus companheiros mais antigos ou mais novos.

Abandonando os roteiros do naturalismo, Josué Montello, em "A Luz da Estrêla Morta", enveredou por novos caminhos. Seu romance, cuja ação se passa em trinta e seis horas, apenas, desenvolve-se fora do tempo objetivo e do espaço demarcado, e revela no autor excepcional capacidade de técnica e pensamento, originalidade e um perfeito domínio do estilo e da linguagem.

(Trechos das abas do romance "A Luz da Estrêla Morta", de Josué Montello — Livraria José Olympio Editora — Rio, 1948).

"Navio Anorado", de Ondina Ferreira.

A ação do novo livro de Ondina Ferreira desenrola-se em São Paulo. Vários são os seus personagens e suas vidas cruzam-

se e unem-se através de um ponto importante: residem, todos, num prédio de apartamentos — prédio que, aos olhos de Erçilia, uma das principais heroínas da história — "parece um navio ancorado".

O último romance de Ondina Ferreira é um admirável estudo panorâmico da vida moderna nas grandes centros urbanos. Com rara felicidade a autora fixou os dramas do mundo contemporâneo, os conflitos humanos, as lutas diárias das criaturas, seus sonhos, alegrias e desesperos".

(Aba do romance "Navio Anorado", de Ondina Ferreira — Coleção Saraiva — São Paulo, 1948).

"Os Indiferentes", de Alberto Moravia

"Depois de muitos anos de sucesso obtido na Europa, o Instituto Progresso Editorial apresenta ao público brasileiro, numa perfeita tradução para o português, esse grande romance italiano, que, passado tanto tempo, não envelheceu, em virtude da agudeza de penetração com que foi escrito e pela força estilística de seu autor.

Um grande livro, que deve ser lido, mesmo porque, representa um dos exames de consciência mais severos que até agora se pareceram".

(Aba do romance "Os Indiferentes", de Alberto Moravia — Edições IPE — São Paulo, 1948).

LIVROS NACIONAIS E ESTRANGEIROS

LITERATURA — LIVROS ESCOLARES, TÉCNICOS E CIENTÍFICOS

Livraria da

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

RUA DA IMPERATRIZ, 43 — TELEFONE 2726

ATENDEMOS PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO

RECIFE — PERNAMBUCO

A Revolução Praieira

Gilberto FREYRE

Discurso pronunciado na Câmara Federal por ocasião das comemorações do Centenário da Praieira na Casa de Presidentes:

— Sr. Presidente Snrs. Deputados:

Não é esta Casa uma academia de história, muito menos de letras para que se comemorem aqui centenários de revolução ou de batalha, de fundação de cidade ou de nascimento de grande homem, com discursos principalmente acadêmicos ou literários. O que nos deve interessar nesses centenários é, antes de tudo, seu sentido nacional ou político. Ou sua significação social.

E' como procurarei me aproximar, neste instante, do centenário da insurreição que há cem anos explodiu na velha província de Pernambuco e que tomou de uma rua do Recife, a da Praia, o nome pitoresco de Praieira.

Joaquim Nabuco viu claro o seu sentido: não foi apenas um movimento político mas um movimento social. As investigações de arquivos e de biblioteca a que vem se dedicando o illustre historiador pernambucano, especializado no estudo da "Revolta Praieira", professor Amaro Quintas, e também o material colhido pelo jovem pesquisador e meu colaborador de pesquisas, srn. Ivan Seixas, é o que já confirmam: o sentido, o caráter, a extensão social do movimento que teve o seu martir principal não num agitador de jornal ou inquieto de rua, do tipo

de Barata, mas num aristocrata da toga do feitor de Nunes Machado.

Nunes Machado foi um desses pernambucanos que deputados ou ministros na Capital do Império, nunca pertenceram ao número dos chamados "Leões do Norte" pela elegância senhoril de porte ou pelo garbo de maneiras fidalgas com que se exibiam nos salões mais finos da Corte. Teve, entretanto, mais do que qualquer deles, alguma coisa de leão. Leão pela bravura com que soube morrer depois de ter sabido viver. Nele o espírito público madrugara. Ainda moço, já seus dedos se calejavam, não pegando saias de seda de baronesas ou de rãs dengosas, como os célebres de Maciel Monteiro, mas em armas para defender a velha província, da fúria de desordeiros. O que mostra que não era desses inquietos que se antecipam em participar de revolta ou agitação de rua, seja ela qual for, só por aventura ou gôsto de luta. Ao contrário: dominava-se. E se morreu numa agitação como a "Praieira" é que o movimento de que essa agitação foi apenas o aspecto mais ostensivo, a caça a mártires como Nunes Machado.

Teve decerto a "Revolta Praieira" o seu lado sórdido e até mesquinho. Nela explodiu muito nativismo rasteiro contra o português ou europeu. Muitos dos que então se levantaram contra a ordem estabelecida eram desses que participam de insurreições só por interes-

se particular. Numerosos eram os candidatos a empregos públicos e poucos, para tantas bocas com fome do dinheiro ou do amparo do Estado, os emprêgos; mas tão desejados que para conquistá-lo havia quem se fizesse revolucionário e até assassino.

Mas não nos iludamos: cada dia que corre é um traço a favor, senão da "Revolta Praieira" em particular, de que o movimento de que ela foi a erupção mais violenta, teve de socialmente compreensivo e adiantado em seus propósitos revolucionários. E' que tal movimento procurou ser uma reforma de base e não apenas de superfície em nossa organização social, cujas condições e características predominantemente feudais, sentiram-nas de perto os líderes mais esclarecidos da revolução social que então se esboçou em Pernambuco. Nesse particular, a intuição daqueles homens de província é confirmada hoje por estudiosos da formação brasileira, tanto quanto possível objetivos nos seus métodos. Confirmada foi também a intuição dos pernambucanos que se diziam oprimidos por um sistema feudal de economia por essa espécie de pesteridade contemporânea que são em qualquer tempo, os bons observadores estrangeiros. De um deles, o Conde de Suzannet, é o reparo, em livro publicado em Paris, em 1846, de que no Brasil da época a feudalidade reinava sob a forma de um Estado aparentemente cons-

titucional. E éle próprio salientava que na província de Pernambuco essa feudalidade atingia extremos espantosos.

Era também a opinião de Antônio Pedro de Figueiredo, talvez, a maior figura de revolucionário intelectual que teve, senão o Brasil, Pernambuco, durante a época marcada a sangue pela chamada "Revolta Praieira". Sua análise da situação daquela parte do Brasil mais dominada pelos grandes senhores de terra e de homens é uma das melhores sondagens que já se fizeram da organização feudal da nossa economia, vinda dos primeiros dias coloniais e conservada, em sua forma sociológica, até quase o fim do Império. A "Revolta Praieira" sacolejou-a. E enfraquecida ela foi também pela ação de revolucionários intelectuais como Figueiredo, como Abreu e Lima, como Nascimento Feitosa. Figueiredo foi dos que mais lúcida e construtivamente criticaram o nosso sistema de exploração da terra e do trabalho do homem pelo senhor feudal, sistema que quiz ver substituído, através da reforma e não da violência, por uma organização que democratizasse o solo e valorizasse o trabalho. Dai a sua luta intelectual pela desfeudalização da economia, luta continuada depois com muito maior fulgor por Joaquim Nabuco. Este foi também um dos aspectos mais significativos do movimento de que a Revolução Praieira



Dr. Antônio Vicente do Nascimento Feitosa, diretor do jornal "O Maccabêo" em cujas páginas escreveu em 1849 a mais lúcida interpretação da Revolução Praieira.

foi apenas um episódio, — negros e mestiços desejosos de mais amplas oportunidades de ascensão social para a gente de sua raça e de sua cor participaram dela. O próprio Figueiredo era um mulato afrancesado. O fato acentua no movimento pernambucano de renovação social, imortalizado pelo sacrifício de Nunes Machado, o caráter de insurreição democrática.

Por essa riqueza de significados sociais e de signifi-

cados democráticos é que o movimento de que a "Revolta Praieira" tornou-se o aspecto mais ostensivamente revolucionário, merece ser recordado hoje. E', na verdade, o movimento inteiro, com suas meio-escadas figuras de renovadores intelectuais como Figueiredo, que merece as comemorações brasileiras e pernambucanas de que teve a feliz iniciativa nesta Casa o nobre deputado por S. Paulo srn. Diogenes Arruda.

Trechos do "Manifesto Político", autobiografia do dr. Antônio Borges da Fonseca, um dos chefes da Revolução Praieira, publicado em 1867.

Dêsse livro raro, "Manifesto Político", restam apenas dois exemplares, um, na Biblioteca Pública do Estado, e o outro em mau estado de conservação na Biblioteca Nacional, do Rio.

E' mandado presidente para Pernambuco o Sr. Erculano Pereira Pena, e cae a praia subindo ao poder o partido gaúcho.

A reação devia vir; sou procurado por Sebastião do Rego Barros, tenente coronel José Antonio Lopes e Martins Pereira, afirm que fique neutro no pleito, e os deixe tomar vingança da praia, sob promessa de clientela como advogado, visto como não queria ter parte na administração.

O «MANIFESTO POLITICO»

Não eram passados 30 dias depois que avia eu saído da cadeia em que me poz a praia; prevaleceu porém em mim o meu dever, e não a minha paixão.

Felix Peixoto de Brito e Melo provoca a rebelião, convidando-me para, em seu intermédio do meu amigo João Batista do Amaral e Melo, não anuo, por não descobrir couza legitima de revolta, e peço-lhe de reconhecer a materia.

O presidente Pena, procura conferenciar comigo — respondo negativamente e declaro que não derrame sangue em Pernambuco; porque tomara eu então parte no movimento.

Levanta-se Olinda em 6 de novembro, e marcha sobre Igarassú.

Entrada em Nazareth das forças populares, combate em Mus-

sipinho, derrota do governo e dos liberais.

Meus amigos Amaral e Moraes estão comprometidos; parto desta cidade no dia 13 com José Francisco Carneiro para Igarassú, e ali deu começo a reunião do povo.

Entrei assim na revolta, porque o governo derramou sangue pernambucano.

XIII

Não devia comigo ser a revolta da praia contra gubérns. Um homem de crenças só derrama sangue pelos princípios.

Reunida a força que pude dispor, e congregados os restos de Mussupinho, escrevi ao coronel Enrique Pereira de Lucena de Limoeiro por fazer junção comigo em Pasmado de Igarassú; por quanto marchando sobre mim grande força do governo não queria recuar o combate. Lucena veio até Pasmado.

Cumpra manifestar ao mundo a causa da revolta; o povo se não armara para empregos; mas para satisfação de verdadeiras necessidades sociais.

O manifesto revolucionário levanta a bandeira constituinte como meio de obter-se imediatamente a nacionalização do commercio, e a reforma da constituição, e desasa leis de sangue que se aviam decretado no interesse do imperialismo, e para de uma vez submeter o Brasil ao predomínio português.

Enquanto estive com minha gente ao Norte, a victoria acompanhava sempre nossas armas.

Propuz a occupação da capital da Parahiba, e desde então, ou antes, desde o manifesto, os traidores se acordaram em sacrificar a revolução.

O primeiro traidor foi o Dr.

Felipe Lopes Neto; ou antes daquela gente da praia só não traíram — Antonio Afonso Pereira, Antonio da Costa Rego Monteiro, o martir, e dedicado e venerando martir Joaquim Nunes Machado, e o Dr. Jeronimo Villela de Castro Tavares, o Deão Dr. Joaquim Francisco de Farias.

Marchamos sobre Agua Preta, ali ficamos junção com o glorioso martir Pedro Ivo Vellozo da Silveira, e com a força ao mando de Felix Peixoto.

Não é daqui istoriar a revolução.

E o dr. Urbano ficara gozando na corte as delicias de Capua.

XIV

E' o dia 2 de fevereiro de 1849. Estou n'este bairro de Santo Antonio com uma força de 450 homens.

Felix Peixoto está na Boavista com 800 homens.

Os vendidos ao poder imperial, os que já se axavam em accordo com o presidente Manuel Vieira Costa, hoje barão de Muritiba, não quiseram concordar comigo em entrarmos em uma só columna, e dividiram a força.

Lopes Neto, que devia ter o cartuxame no Aterro dos Afogados, e na casa de José Miranda, traiu nos, e escondeu o cartuxame; briguei aqui o dia com a pouca polvora, que tínhamos nas cartuxeiras.

Não fui eu que sacrificou a revolução, e sim a praia; si a mim só coubesse a direcção a victoria teria sido nossa.

A força imperial apesar de sua valentia ficou quasi aniquilada em Santo Antonio, e tanto que retirando-me não podesse seguir-me: — tinha quasi dous mil omens fora de combate entre mortos e feridos.

A furia dos imperiaes foi até a loucura, e o canibalismo.

Os dias 3, 4 e 5 de fevereiro de 1849 foram testemunhas da inaudita perversidade dos gubérns, com quem oje se velo ligar o Sr. Urbano Sabino Pessoa de Melo.

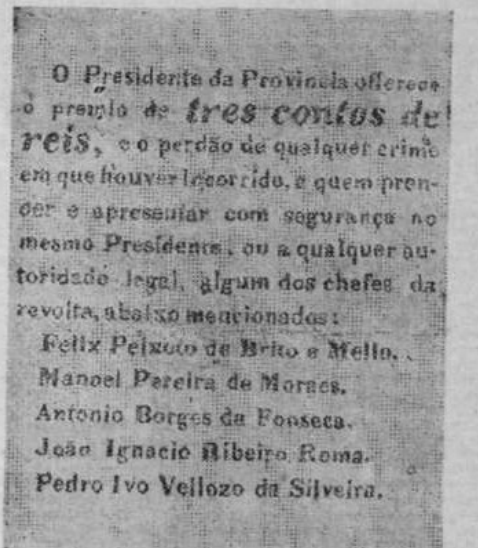
A noticia de tão doloroso mas-

sacre tive-a eu em Timbó distante d'aqui pouco mais de tres legoas.

Escrevi a Tosta, protestando contra o massacre do povo, contra a ferocidade dos canibae, que imolaram no altar do imperialismo uma familia inteira — familia capão.

Tosta põe minha cabeça a premio, oferece a meus assassinos seis contos de réis ao he apresentarem minha cabeça, e creio que dous, si só he apresentarem minhas orelhas.

O acto é digno de um canibal.



Edital do presidente da Provincia de Pernambuco, Manuel Vieira Tosta, oferecendo um premio pela captura dos chefes da Revolução Praieira.



Arco da Conceição. Em 7 de dezembro de 1847, quando se realizava a festa da Conceição houve, nesse local, um "mata-mata marinho" de grandes proporções. Da varanda de um sobrado das proximidades, Nunes Machado muito contribuiu para o restabelecimento da ordem, discursando ao povo afofinado.

Um Autógrafo De Borges Da Fonsêca

AMARO QUINTAS

Encontrei na Biblioteca Pública do Estado uma raridade, uma verdadeira preciosidade: um autógrafo de Borges da Fonsêca. Num exemplar de seu livro **Manifesto Político — Apontamentos de Minha Vida Política 1867**, que por sua vez, é outra preciosidade de que a nossa Biblioteca possui, pois é obra, hoje, raríssima, Borges da Fonsêca colocou, oferecendo-o ao seu amigo Pinto Júnior, significativa dedicatória onde se vê claramente a sua assinatura firme de homem de ação.

Poucas figuras da Praieira possuem tanto interesse e tanto encanto para o estudioso de história quanto a desse paralisado ardoroso e combativo que foi o Dr. Antônio Borges da Fonsêca. O **Jornal de Fábulo Bastião de 6-11-1873** afirma: "Olha pra traz filho do povo: o que vêz até 1848... Hom tempo, em que Borges da Fonsêca era o cidadão illustre que não é para ser julgado pela raça de hoje, em que Borges da Fonsêca era o único republicano e fazia medo". A vida deste homem, que ainda impressionava de modo tão incluído um jornal de 1873, tem aspecto de romance. O seu biógrafo não precisará de romances, nos moldes de Zweig ou Maurois, os acontecimentos de sua existência, toda ela cheia de lances que mais parecem páginas românticas do que fatos reais. A Praieira é aliás, um movimento de acentuado sentido

romântico e este característico é bem sensível nos seus "capítulos" conforme a feliz denominação do escritor Silvio Rabelo. Basta olharmos para Borges da Fonsêca, Abreu e Lima, cujo vulto de "redressor da torto" foi tão brilhantemente focalizado há poucos dias na magnífica conferência pronunciada pelo prof. Estevão Pinto no Instituto de Educação, Felix Peixoto de Brito e Melo, herói de Pirajá e da Confederação do Equador, e aquele que mereceu a consagração de Alvarez de Azevedo e Castro Alves: Pedro Ivo, o "nosso Kosuth", como foi denominada pelo **Jornal O Macaco**.

Republicano ardoroso não se comprometera Borges da Fonsêca com os dois grandes grupos partidários que agitavam a província de Pernambuco naquele período conturbado de 1840 a 1850. Não significava essa atitude alinhamento às questões políticas — a agitação foi, aliás, o seu clima — antes uma manifestação de coerência com os seus princípios ideológicos. Entre "praieiros" e "guabirús" situava-se o "Repúblico", procurando afeitar a maior soma de vantagens para a sua campanha de propaganda republicana. Fixou como norma de conduta este seu brado lançado no **Jornal A Mentra** de 24-7-1848. "Praia, guabirú, saquarema, tudo isso he chimerico, só he real o Brasil". No seu **Jornal O Nazareno** foi de constante combate a posição que manteve. Estalou bravamente contra o domínio da Praia durante o governo de Chicharro da Gama, sendo até a prisão, e nem por isso deixou de atacar, também, os guabirús, como se pode ver no **Tribuna** na fase de 1848. No seu curioso e importante "Manifesto Político", acima citado, explicita os motivos de seu ingres-

vos, especialmente Platão e Aristoteles; que foram tirados do esquecimento pelo genio de Rousseau; e que a revolução francesa de 1789 apresentou em toda sua luz a esforços do generoso mas infeliz Bafeuf e que a um quarto de seculo vieram vivamente a discussao por esforço do genio de Fourier; as doutrinas socialistas que em sua expansão aterraram aos cupletos, que immediatamente evocaram o espectro do comunismo, e que em resultado não são mais do que o accordo entre a intelligencia, o trabalho, e o capital, afirm que uma não defraudam o outro, estão tendo applicação". E essa a concepção socialista que se sente na obra do "Repúblico": uma mistura do socialismo utópico à maneira de Saint-Simon, Fourier e Owen, e do catolicismo social, então expandindo-se na França. Aspecto esse, aliás, que se vislumbra em toda a orientação dos socialistas da época da Praieira, como Abreu e Lima, Nascimento Feitosa, Inácio Bento de Loloia e algum tanto, embora o seu sentido mais avançado, em Antônio Pedro de Figueiredo.

O que impressiona de um modo mais acentuado na vida de Borges da Fonsêca é, não tanto o seu socialismo doutriniário meio confuso, mas, sobretudo, a sua atitude diante da vida. Projeta-se como aspecto mais mar-

DEBATE DE IDEIAS NUM PLANO SOCIAL E ECONOMICO

"Não se poderá negar que, dentro de um panorama geral, a revolução pernambucana de 1848 se aproxima dos movimentos liberais de São Paulo e Minas. Mas no Recife, o movimento ganha nuances novas, com a interferência de reivindicações sociais que reflectem, de um lado, as necessidades e condições da provincia e, de outro lado, a adesão às idéias socialistas, que vinham tomando relevo nas lutas da França. Seria exagério ver na revolução pernambucana de 1848 um movimento em tudo e por tudo inspirado na doutrinação de Antônio Borges da Fonsêca. O inquieto e animoso "Repúblico" comandaria a ala mais radical da revolução, pois como diz seu adeverado Figueira de Melo, era "enfervilhado nas doutrinas incogitáveis de escriptor demagogico, dadas Rousseau alé Cabret, que tinha por oráculos", Antônio Pedro de Figueiredo, o "Cousin-Juoco", e Abreu e Lima figurariam em seguida, aind entre as tendências esquerdistas do movimento. Não me parece, porém, que estivessem de todo filiados a essas correntes os deputados praieiros, Nunes Machado, Felix de Brito, Lopes Neto, Urbano Pessoa, ou Jerônimo Vilela.

Caso houvesse triunfado a revolução teria sido fatal, dentro de seus quadros, o processo de depuração das ideologias desavindas. Que poderia conseguir esse movimento de 1848 em face de um Império conservador, quero dizer infenso a reformas amplias? Os próprios liberais não se aventuravam a propostas mais arrojadas e estavam, na realidade, quasi tão presos às influências do latifúndio como os seus adversários políticos. Não obstante, o que singulariza a Revolução de 1848 é esse debate de idéias, num plano social e económico".

(Barbosa Lima Sobrinho — Trecho do discurso pronunciado no Santa Isabel e publicado no "Jornal do Commercio" de 9-11-48)

O Discurso de NABUCO

Trechos do Discurso de Joaquim Nabuco, publicado no jornal "A Provincia", (2 de Fevereiro de 1898), por ocasião do cincoentário da "Praieira".

"Meus caros provincianos: Se alguma vez nestes ultimos annos senti não tomar parte em uma demonstração da cidade do Recife é nesta da transladação final dos restos de Nunes Machado. Ha 50 annos, em 1848, que rebeutou a revolução em cujo desfecho elle veio a cair mortalmente ferido, e na qual só entrara por não saber resistir aos amigos, ao partido, nem deixar só o povo..."

O que foi o seu amor e dedicação por este pode-se calcular pela reciprocidade do sentimento que Nunes Machado lhe inspirou, pelo fanatismo da nossa provincia, onde, por toda parte, na cidade e no sertão, o seu retrato, ao lado Imagem, expressava bem que a sua memoria era uma segunda religião pernambucana. Os homens assim amados, e por um povo como o nosso, são em certo sentido irresponsáveis, tornam-se forçosamente grandes automatós nacionaes; a espontaneidade, a irreflexão, a meiguice ou a colera, das massas, é que os impelle; elles têm que abdicar a intuição, os escrúpulos, os temores proprios diante das explosões do entusiasmo da credulidade, da illusão, da loucura popular que tomam o seu nome, porque a característica de taes individualidades é, junto a gratidão que lembra a do escravo, uma ingenuidade infantil, igual a do próprio povo.

A verdade, como foi reconhecida pelos Cavalcantis mesmo, é que a Praia representava a população de Pernambuco em sua vasta maioria; era a encarnação da alma, do sentimento, da aspiração popular... Nós não podemos julgar hoje essas epochas de que não sentimos as paixões; é provavel porém, que o movimento de 1848 tenha preenchido uma função util e fosse uma valvula necessária.

Como quer que seja, não é em torno da politica dos antigos partidos hoje dispersos e confundidos que se

faz esta grande demonstração a Nunes Machado... Seu coração provavelmente não envelheceu no tumulto... Se fosse possível galvanisado hoje encontrar-o cheio de ardente, do mesmo fogo patriótico mas não teria mais a mesma exaltação partidaria. Ficai certo que elle e Boa-Vista se entendem ha muito tempo. Um e outro estão unidos nas suas recordações pela paixão suprema que tiveram: a do engrandecimento e esplendor de Pernambuco. O embelezador do Recife, o Mezenas que imaginou fazer d'elle a primeira cidade do norte do Brasil, que na sua maior proximidade da Europa luzisse mais que todas com o brilho da civilização das artes e das manufacturas, o democrata que desejou repartir o solo pernambucano pelo maior numero de familias, que respeitadas em sua pobreza e seus costumes, fizessem, pouco a pouco, verdecer em suas cascas o germe da velha nobreza espalhada por quasi todo o nosso antigo povo; esses dous homens, esses dous pensamentos, digamos, que animaram os partidos oppostos, apparecem hoje reconciliados na sua conformidade real".

CINEMA VERSUS LITERATURA — Num de seus últimos números, o **Mercure** de France protesta contra uma nova espécie de Literatura. E' cada vez maior o número de filmes tirados de livros famosos: da **Cartuxa de Parma**, de Stendhal, por exemplo, fez-se também uma adaptação cinematográfica. Mas existe uma coleção de livrinhos que contém romances tirados dos filmes de grande éxito. Do filme **A Cartuxa de Parma** tirou-se tambem um romance assim. E' claro que entre esse romance e o de Stendhal não há quase nada de comum, a não ser o título e o cenário; mesmo assim, porém, há no caso uma usurpação de propriedade intelectual não prevista pelas leis sobre direito autoral.

UM GRANDE LIVRO — O "Livro do Mês" anuncia que a sua seleção para Janeiro de 1949 será o famoso romance de Thomas Hardy: **Judas, o Obscuro**, numa tradução de Otávio de Faria. Thomas Hardy, um dos maiores romancistas ingleses, não é ainda conhecido do nosso público, por falta de tradução das suas obras para a nossa lingua. Entretanto, numa enquete há pouco promovida na imprensa brasileira, esse livro foi apontado como um dos dez maiores romances da literatura universal.

A SINGULARIDADE DA PRAIEIRA

"O que torna de uma estranha singularidade o movimento praieiro de Pernambuco é que, começado por elementos da burguezia, por senhores de engenho, magistrados, professores, jornalistas que nada tinham de extremistas nas idéias e nos planos de combate fôse depois tão profundamente galvanizada pelo elemento popular. Os primeiros nunca deixaram de reafirmar a sua crença na autoridade monárquica".

(Olivé Montenegro — "Diário de Pernambuco", 9-1-49, "Conferência sobre a Praieira").

UNICA DISTRIBUIDORA DOS PRODUTOS DA FABRICA DE FARINHA PANIFICÁVEL DO "IBURA"

Teleg.: "MANDIOCA" Fone 9569

Cooperativa dos Plantadores de Mandioca de Pernambuco Ltda.

Rua do Bom Jesus, n.º 144 - 2.º andar — Sala n.º 3

Director-presidente — JULIO CARNEIRO DA SILVA
Director-gerente — DR. ESMERALDINO GONCALVES FILHO
Director-secretário — SEVERINO DIONE DE ARAUJO

RECIFE

PERNAMBUCO

*Ao meu colega e amigo o Sr. Dr. João José Pinto por
 Muito respeito, de ambicão y da continuacão
 de seu favor e amizade
 Dr. Ant. P. de S. da Silva*

Autógrafo inédito de Borges da Fonsêca

romântico e este característico é bem sensível nos seus "capítulos" conforme a feliz denominação do escritor Silvio Rabelo. Basta olharmos para Borges da Fonsêca, Abreu e Lima, cujo vulto de "redressor da torto" foi tão brilhantemente focalizado há poucos dias na magnífica conferência pronunciada pelo prof. Estevão Pinto no Instituto de Educação, Felix Peixoto de Brito e Melo, herói de Pirajá e da Confederação do Equador, e aquele que mereceu a consagração de Alvarez de Azevedo e Castro Alves: Pedro Ivo, o "nosso Kosuth", como foi denominada pelo **Jornal O Macaco**.

Republicano ardoroso não se comprometera Borges da Fonsêca com os dois grandes grupos partidários que agitavam a província de Pernambuco naquele período conturbado de 1840 a 1850. Não significava essa atitude alinhamento às questões políticas — a agitação foi, aliás, o seu clima — antes uma manifestação de coerência com os seus princípios ideológicos. Entre "praieiros" e "guabirús" situava-se o "Repúblico", procurando afeitar a maior soma de vantagens para a sua campanha de propaganda republicana. Fixou como norma de conduta este seu brado lançado no **Jornal A Mentra** de 24-7-1848. "Praia, guabirú, saquarema, tudo isso he chimerico, só he real o Brasil". No seu **Jornal O Nazareno** foi de constante combate a posição que manteve. Estalou bravamente contra o domínio da Praia durante o governo de Chicharro da Gama, sendo até a prisão, e nem por isso deixou de atacar, também, os guabirús, como se pode ver no **Tribuna** na fase de 1848. No seu curioso e importante "Manifesto Político", acima citado, explicita os motivos de seu ingres-

que estava aberto entre a praia e os guabirús, pois que era necessário estarmos aqui; e a respeito de meus despojos, lembrei a esse, — que minha missão era chorar com os que chorassem, estar sempre da parte do fraco, ser sempre contra o opressor".

Encontra-se constantemente nos seus jornais — é Borges da Fonsêca um dos jornalistas mais fertéis de seu tempo, sendo grande o número de jornais e pasquins dirigidos por ele — a idéia de reformas sociais, idéias essa que vai contribuir para a elaboração do conteúdo ideológico da Praieira. O estandarte da Praia, condensado no "Manifesto ao Mundo" assinado pelos chefes militares do movimento, é obra de Borges da Fonsêca, grandemente influenciado, na época, pelos princípios socialistas da Revolução de Fevereiro na França, sobretudo pela tese do direito ao trabalho. Não obstante o seu temperamento irrequieto e as suas idéias um tanto exageradas, o "Repúblico" manteve-se integrado na linha dos socialistas filiados ao grupo dos reformadores franceses da primeira metade do século XIX. Não se encontra na sua pregação ideológica nenhum laivo de inclinação materialista, nenhuma aproximação com a corrente de Marx. Antes, há da parte de Borges da Fonsêca uma bem acentuada tendência cristã, sendo a sua orientação socialista inteiramente impregnada do espirito do cristianismo. Em carta enviada de Paris datada de 1 de Outubro de 1858 e publicada no **Jornal do Commercio** do Recife de 12 de Novembro de 1858, diz Borges da Fonsêca: "As doutrinas socialistas que estão consignadas na Escritura... Sagrada desde o principio, e nas obras dos physylosophos de todos os po-

cante na vida desse homem, ás vezes paradoxal, mas combativo e tenaz na defesa de seus principios ideológicos, o seu sentimento de solidariedade humana. Sentimento esse que o levava a defender impetuosamente os humildes e os injustiçados e impelle-o, com o mesmo ardor, a socorrer os doentes transformando-se em improvisado médico, como se vê na **A Imprensa** de 5-11-1850 onde se noticia que, quando da expansão de uma epidemia em Fernando de Noronha, Borges da Fonsêca, então prisioneiro politico, colaborando com as autoridades, salvou da morte, com um remédio de seu conhecimento, cento e trinta e tantas pessoas.

E' preciso, ao estudar-se a figura do "Repúblico", não se olhar somente para o seu revolucionarismo permanente, para o seu estouvamento, para o seu temperamento arrebatado e, algumas vezes, contraditório. Olhar-se de preferéncia para o homem que, como poucos no seu tempo, soube sofrer e lutar pelos seus semelhantes. E' este, certamente, o aspecto mais bello e mais nobre da vida do Dr. Antônio Borges da Fonsêca.

O BRIGADEIRO EDUARDO GOMES E A PRAIEIRA

"Já na agitação praieira de 1848 interveio a elemento social, como observa insuspeitamente Joaquim Nabuco".

(Trecho de discurso pronunciado no Recife em 10-11-1945 — apud "Diário de Pernambuco" 11-11-1945)

EXTENSÃO E SIGNIFICADO DO MOVIMENTO DA PRAIA

BARBOSA LIMA SOBRINHO

Integra da conferência que o sr. Barbosa Lima Sobrinho, governador de Pernambuco, pronunciou, no Rio, no dia 28 de dezembro, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

"Grande honra é poder falar da Revolução Praieira neste recinto, onde o passado encontra a presença de um culto comovido; e grande alegria é poder vir de longe, para vos testemunhar o apreço que mereceu, a todos vós que abeis guardado a tradição dos fundadores e o exemplo dos que viveram para o serviço e o glório da sua casa.

Numerosos têm sido esses devotados servidores do Instituto. A três déias encontrei, na convivência de nossas sessões: Afonso Celso, Ramis Galvão e Max Fleury. Não sabem, em Ramis Galvão, o nome, citá-lo constaria de quase um dever, ao transpôr os humbrals desta sala, onde nós outros, que os conhecemos, não deixamos de os ver presentes, como que assistindo e orientando nossos trabalhos com a sua sabedoria, a sua prudência, o seu amor inextinguível ao velho Instituto.

Sel que essa tradição continua viva sob a direção atual, com o presidente embaixador Macedo Soares e seus companheiros. Por isso mesmo é que me pareceu dever dizer de vós, como que convites, que eu poderia ter a resposta que lhe está sendo dada, com a minha presença. Poderia eu abrir mão de um convite pessoal; nunca, porém, do que endereçastes ao meu Estado, indicando para a celebração do centenário da Revolução Praieira aquilo que, por força da vontade da população, como que representa aqui o próprio Pernambuco.

Essa a expressão e o sentido de vossa atitude, que vale assim por uma exaltação, desde que entendes que não as próprias vozes e performances que devem aqui dizer de vós, do passado passado. Como poderia eu recusar-me, se me desvanço a honra de falar em nome do Estado, se me orgulho de sua história movimentada, inquieta, viril, com que nós fizemos pioneiros das grandes conquistas políticas e sociais da pátria. Como poderia eu, como que vir congregar convívio no vosso pensamento de exaltação a Pernambuco?

A IMPORTANCIA DA REVOLUÇÃO PRAIEIRA

Tenho para mim, senhores, que a Revolução Praieira está à altura dessa intenção. Se outras revoluções pernambucanas obtiveram maior divulgação, estudos mais seguros, louvores mais exaltados, é que somente agora se vai compreendendo a extensão, significando o movimento da Praia. As revoluções de 1817 e 1824 tiveram feição política mais acentuada, com a defesa dos ideais republicanos, ao passo que a de 1848 parece condenada a uma excomunição sumária, desde que foi descrita como um movimento social, a exemplo de vós, que mais cedo se apresentaram a hostilidades antipáticas dos reacionários impenitentes. Basta dizer de um levante que teve sentido social e os estudiosos passam de largo, silênciam os panegiristas, temerosos de suspeitas, como quem evita visitas a casas mal famadas.

Entretanto, sob diversos aspectos, a Revolução de 1848 supera os movimentos anteriores de 1817 e 1824. As lutas da Praia foram infinitamente mais ásperas, mais vivas os combates, maior o martírio e o sacrifício dos governistas, maior a concepção, mais os feitos, as pelejas de 1848 e 1849, excedeu de muito, o que se registou nas batalhas ou encontros de 1817, ou o verificado nas fileiras dos defensores e adversários da Confederação do Equador. O ato que no Recife, a 2 de fevereiro de 1849, pôde ser tanto mais glorioso, quanto mais as guerras civis. A marcha de flanco realizada pelas hostes praieiras, com o propósito de ludibiar as forças adversas, que haviam seguido para o sul da província, mereceu do insuspeito Melo Régo elogios francos: "Foi, sem dúvida, admirável pela sua concepção, pela sua ousadia e presteza com que foi executada e bastaria para formar a reputação de um general, em qualquer guerra regular".

Os encontros entre os revolucionários e os legalistas chegaram a um número alto: 35, segundo Figueira de Melo, que apresenta, da paragem da vitória, 113 mortos e 513 feridos, contra 502 mortos e 170 feridos, algarismos evidentemente precários, muitos dados como incertos no próprio Figueira de Melo. Melo Régo calculava as despesas da luta em mais ou menos 2.000 contos, ou 8,3% da arrecadação total do Império naquele ano de 1848. Guardadas as proporções, esses 2.000 contos representariam no orçamento atual da República, mais de 1.300.000 contos de réis, tomada aquela percentagem de 8,3% sobre a despesa total do país.

Nenhuma revolução, no período histórico a que nos referimos, teve a Praia, isto é, no começo do Segundo Império, exigiu maior sacrifício de vidas. Nada significam as revoluções liberais de 1842, no paralelo com o esforço e as perdas da luta pernambucana. Os combatentes de Santa Luzia e de Venda Grande, não obstante sua repercussão na história política do Império, estão longe daquela espécie de pugnância e de pertinácia, que animou os combatentes da Praia.

Quando estabelecemos esse paralelo, nem chegamos a compreender o esquecimento, ou o desinteresse em que tem ficado a revolução pernambucana, muito mais expressiva que esses outros movimentos, muito mais pelejada, custando sacrifícios maiores e coroando um vivo debate de idéias, como não encontramos muitos na história de nosso país.

Estais certos, senhores do Instituto Histórico. Não seria possível omitir, ou esquecer acontecimento de tanto vulto, nem seria explicável que nos envergonhassemos desses gloriosos sucessos, quando de um e outro lado das trincheiras, para sustentar a bravura incomparável, para empalmar os partidos. Talvez por isso mesmo tenham valido esses sucessos de 1848 para o encerramento do ciclo das revoluções liberais no Segundo Império. O esforço e o triunfo dos Praieiros já não puderam sobrepujar os melancólicos de que contava o governo do país. E o desastre final da revolta veio curar os ímpetos sediciosos, com um exemplo tanto mais concludente, quanto poucas se foram as províncias que se atravessaram ao esforço e se expuseram aos sacrifícios que os Praieiros enfrentaram.

O ASPECTO POLÍTICO DA REVOLUÇÃO

Não falta quem nos apresente essa Revolução Praieira como um acontecimento estranho dentro da história política. Observada do alto, em todos os seus aspectos, atribuído-se

a cada fator a sua importância própria e a sua influência real e positiva, não se distinguindo muito das demais revoluções ocorridas nos primeiros lustros da história imperial.

Tinha razão Sousa Franco quando, numa sessão de 1850, na Câmara dos Deputados, observava argumentando: "É uma terrível fatalidade que o triunfo de uma certa política no país, seja sempre acompanhado de desordens. Houve em 1823. Reapareceram com o triunfo dessa política de 1826 a 1849, em 1855, em 1871, em 1890, em 1924, em 1937".

O caso de 1823 é característico. Não podemo deixar de reconhecer, com Pereira Pinto que "a dissolução da Constituinte é o marco milénio, donde partem os sucessos revolucionários de 1824, em Pernambuco, e o movimento político de 1831, no Rio de Janeiro". A ascensão dos conservadores, em 1837, com a elevação de Pedro de Araújo Lima à regência do Império, trouxe a Sabinaida bahiana. Não foi mais a Maioridade que uma espécie de revolução liberal contra a regência de Araújo Lima, como o declara o insuspeito Pereira da Silva, que comemora o movimento de 23 de julho de 1840 com o 7 de abril de 1931, atribuindo os dois à influência do Partido Liberal e afirmando que o Majoridade se deveu à "minorias das duas casas do Parlamento, reunidas, sem caráter oficial, nos paços do Senado".

As revoluções de São Paulo e Minas Gerais, em 1842, vieram como um pretexto contra a dissolução da Câmara, que ainda se encontrava no período das suas sessões preparatórias. O fato

de uma mudança da política parecera aos Praieiros ainda mais grave para os políticos da Praia, quando iam ascender à direção do gabinete um adversário rápido, o velho Araújo Lima, cujo predomínio na política geral significava a ascensão de seus aliados de Pernambuco, os fidalgos do partido baronista, adversários da Praia.

Maltratados, já por duas vezes, pela anulação do pleito senatorial de Pernambuco, privados do poder na fase liberal, em que Holanda Cavalcanti os sobrepujara, vitoriosos nas eleições recentes, contando com o entusiasmo antes da vitória total, o golpe de graça a meio de uma luta, em que tantas vezes lhe haviam sonhado os prêmios merecidos. Se imaginarmos o ambiente das contendas políticas em Pernambuco, a violência das paixões, a intransigência dos ódios, a situação de guerra civil, não nos dá para reconstituir o ambiente da província, em comecço de outubro de 1848, quando chegou a notícia da nomeação do novo gabinete de 29 de setembro. Restaria ver como reagiriam os praieiros diante da deposição. Capitulariam, resignar-se-iam passivos, ou iam lutar com as próprias armas os direitos e as pretensões sacrificadas?

A REAÇÃO DA PRAIA

Joaquim Nabuco, nas páginas fulgurantes, e nem sempre imparciais, que escreveu a respeito da Revolução Praieira, assinalou que "os Praieiros têm uma história política singular. Eles não eram liberais doutrinaristas, como foram posteriormente os liberais de Pernambuco. Durante a situação liberal de 1844-45, sua principal e mais íntima aliança na corte foi com a chamada facção aulica. A deputação praieira votou as leis do Conselho do Estado a 3 de dezembro, que os Luzias consideravam o padrão do despotismo retrógrado e contra os quais os Luzias e os Vergueiros aconselharam a revolução armada".

Melo Matos deixou impressão semelhante: "Os Praieiros — escreveu ele — haviam militado sob as bandeiras dos gabinetes de 19 de setembro e 23 de março e só se haviam separado no tempo de 20 de janeiro, quando tinham que recordar seus sentimentos de ordem e respeito às leis; defendiam-se cuidadosos de toda solidariedade com as resistências armadas do Sul e de se haverem algum dia arrependido de sua cooperação na promulgação das leis de 1841. Os liberais de São Paulo e Minas, por outro lado, não se decideram de recordar esses mártires, os amargores da prisão e do exílio e de ressaltar acusações que iam diretamente ferir os co-oposicionistas do Norte".

No fundo, a Praia não passava de um partido regional, manobrando livremente no cenário político do país, atento menos a comprometer-se com a primeira atitude dos Praieiros dentro da província de Pernambuco. A ascensão ao poder do Gabinete de 29 de setembro não o atingia tanto pelo aspecto conservador do Governo, quanto pela presença do aliado da família Cavalcanti, o velho Visconde de Olinda. Ainda assim, a primeira atitude dos Praieiros não foi de insubordinação, ou de revolta. Urbano Pessoa insiste em que a revolta não estava nas intenções da Praia e nenhum fato se aponta, que possa comprometer o crédito dessa assertiva. Frases colhidas em discursos a Urbano Pessoa não permitem conclusões quando restaurado todo o texto dessas orações. Os sucessos de 26 e 27 de junho de 1848, no Recife, não podem ser atribuídos à influência da Praia, que sempre os censurou. Feitos confirmando as verdade conhecidas, escreveu que "os Praieiros chegaram ao Recife a 17 de novembro, já depois de iniciada a revolução, preocupado com o pensamento de pacificar os ânimos, contando, para isso, com o feito de alguma medida governamental, no sentido da anistia. A inflexibilidade do presidente foi óbvia. Tinha grande quantidade de prisioneiros em torno da mediação do chefe praieiro. O certo é que o período de inatividade, que os deputados praieiros passaram no Recife, quando já conflorada a província, prova-lhes o ânimo pacífico, que ainda se revela no manifesto de 25 de novembro, quando se declaravam que, diante dos acontecimentos, não lhes restava outra alternativa que a de "acompanhar os nossos concidadãos na sua gloriosa defesa". Acompanhar e não chefear — eis ainda a linguagem, em fins de novembro, quase três semanas depois de iniciada a revolução.

Só em dezembro é que muda a atitude dos deputados praieiros. Decidem-se a chamar às armas os contrários, para que salvassem a província das garras da "infame quadrilha lusobahiana". Quase um mês levaram eles a aguardar essa palavra de boa vontade, que viesse permitir a pacificação, o ensarilhamento das armas sublevadas. E o sentimento que os arreasta para os campos de batalha é o mais nobre possível, traduzido na reação dos chefes que vêm os companheiros inimigos, sacrificados, a não serem abandonados, ou escurtiados, na hora do sofrimento e da perseguição. A atitude da imprensa praieira foi a mesma dos chefes, moderada, discreta, como quem não deseja impedir uma solução pacífica. A política da guerra liberal e a nomeação do Gabinete de 29 de setembro não o órgão oficial dos praieiros, o "Diário Novo", a clamor dos companheiros para que tivessem "toda a vigilância, toda a energia, toda a união, todos os desvelos, para dar conveniente direção às idéias revolucionárias para a luta do ano seguinte, quer da tribuna, quer no campo eleitoral, se houver uma dissolução".

O Manifesto da Sociedade Imperial, que congregava os praieiros, declarava, ainda a 22 de outubro que a "oposição devia ser aos princípios do atual governo, não a qualquer partido do Gabinete da província; esperemos por seus atos e só lhe faremos oposição no caso de nos ser hostil. A nossa expectativa (continuava o Manifesto) deve ser de toda moderação, de muita paciência e de muito juízo; nenhuma agressão deve partir do nosso lado, nem sequer nos nhamos suscetíveis, provocando reações ou aceitando como um desafio quaisquer atos das autoridades, que nos forem infensas. Não é certa a dissolução da Câmara, mas é provável, e devemos estar sempre à altura eleitoral, no caso que se verifique esta hipótese".

UMA NOTA

Embora permitida na Constituição do Império, nem por isso a substituição dos liberais pelos conservadores em 1848, deixou de ter o aspecto e o sentido de um golpe de Estado. Dentro do sistema parlamentar, a admissão de



NUNES MACHADO

da dissolução valia, aliás, por uma inovação em nossos costumes constitucionais. Depois de 1823, Pedro II aprendeu a viver com as casas legislativas, ou estas haviam encontrado o meio de se ajustarem com o temperamento arrebatado do Imperador. Na fase da Regência, firmaram os conservadores, com o apoio do Senado, a nova constituição das coisas, sustentando que a Regência não tinha poderes para ordenar a dissolução da Câmara. A nova praxe, inaugurada em 1842 por um gabinete conservador, obteve, não obstante as reações revolucionárias de São Paulo e Minas, a adesão dos liberais, que se vingaram de 1842, dissolvendo, em 1844, a Câmara conservadora eleita sob a vigência do Gabinete de 23 de março.

A nova praxe, inaugurada por um gabinete conservador, obteve, não obstante as reações revolucionárias de São Paulo e Minas, a adesão dos liberais, que se vingaram de 1842, dissolvendo, em 1844, a Câmara conservadora eleita sob a vigência do Gabinete de 13 de março.

Esse ano de 1844 marca o início de uma fase de predomínio liberal, mantida com os Ministérios de 2 de fevereiro de 1844, 5 de maio de 1844, 22 de maio e 29 de julho de 1847, 3 de março e 31 de maio de 1848. Seus adversários para um período de quatro anos e oito meses, aproximadamente, até 29 de setembro de 1848, quando subiram de novo ao poder os conservadores, sob o comando do antigo regente, Pedro de Araújo Lima.

A nova situação conservadora encontrou em funções uma Câmara, que iniciara a legislatura naquele ano e na qual predominavam os liberais. Que poderia significar para ela o gabinete Araújo Lima, com a presença de ministros como Costa Carvalho, Eusébio, Uruguai, Raboral, senão uma espécie de desagravo, embora tardio, da revolução da Maioridade? É certo que na Câmara liberal poderiam ser notadas diversas correntes e tendências, como os Luzias e os Vendas Grandes, Praieiros, representação famintante, os legionários do senador Alencar, todas elas absorvidas pela preocupação de seus interesses regionais e a eles sacrificando, comumente, a causa geral do Partido. Mas em face do Gabinete de 23 de setembro, a coação se estabeleceu de imediato e não seria possível tornasse a nova situação conservadora com uma Câmara dominada pelos adversários. A dissolução seria, de certo, fatal, mas o Gabinete preferiu uma fórmula procrastinadora, adiando as sessões para 23 de abril do ano seguinte, em vez de dissolver a Legislatura. Tolerância? desejo de chegar a um entendimento?

Ninguém se iluda com a fórmula. O que se procurava era ganhar tempo, para poder preparar as eleições, em que deviam triunfar os conservadores, eleita, não obstante a situação liberal, colocar nos postos outras autoridades, dando-lhes margem a que a sua atuação se ficasse sentir eficazmente, na manipulação dos colégios eleitorais. A dissolução imediata obrigaria a convocar sem demora outra Assembleia Legislativa, eleita, não obstante a situação liberal, sob a influência das autoridades demitidas, com o apoio de elementos a que não tivesse podido chegar o alfanje purificador do Gabinete Squarerra.

Embora permitida na Constituição do Império, nem por isso a substituição dos liberais pelos conservadores em 1848, deixou de ter o aspecto e o sentido de um golpe de Estado. Dentro do sistema parlamentar, a admissão de

um ministério, ou a modificação de uma política, deve estar em função de um certo número de ocorrências, a primeira das quais é a dissolução da Câmara e a mudança da Câmara popular, pois que o Gabinete governa com delegação dessa maioria. No caso, porém, a maioria da Câmara sendo liberal, só se compreenderia a indicação de um governo do mesmo partido a menos que se acreditasse não representar mais essa maioria da Câmara a opinião, ou a vontade do eleitorado nacional. Mas como admitir essa hipótese, se a Câmara de 1848 tinha sido eleita recentemente e não havia nenhum fato extraordinário, que justificasse um recurso excepcional às fontes legítimas da soberania popular?

Demais — e esse foi sempre o ponto fraco do parlamentarismo brasileiro — uma nova eleição, presidida por um gabinete conservador, representaria nada mais, nada menos, que a derrubada da política liberal, a destruição ou o ostracismo, com a perda total dos postos de comando, uma vez que as urnas viviam subordinadas à influência da ação governamental, tentação dos cargos públicos, à pressão das autoridades locais, à influência da opinião pública, ao desejo de fugir à parcialidade e facciosismo do recrutamento militar. Nunca se viu, na monarquia, situação governamental derrotada. O partido que subia ao poder, por mais adversa que fosse a situação, sempre tinha ao seu alcance a elegir outra Assembleia, com caráter favorável. Não surpreenderia a ninguém que se passasse de uma Câmara unanimemente liberal para outra unanimemente conservadora, ou vice-versa. E nenhum partido, nesse particular, exceção o Conservador na habilidade dessa manipulação eleitoral, como se pode verificar pelos resultados observados no tempo da monarquia. Qual, realmente, a prova mais concludente de compreensão e de arrocho que a presença de uma Câmara unânime? Unanimidade, nesse campo, não é diversa de opiniões e de tendências políticas no país, e não poderia ser uma excessiva coação, ou de um reconhecimento de poderes atento apenas à filiação partidária do candidato. Durante o Império, tivemos quatro assembleias unânimes, uma em 1850 (com uma exceção apenas a de Sousa Franco), outra em 1854, a terceira em 1868, todas convocadas contra uma liberal, eleita, por sinal, sob o governo do aristocrático Simião, egresso do Partido Conservador. Não era o eleitorado que mudava, mas o governo, e tanta bastava. Na frase de um panfleto da época, o "palchinel eleitoral dançava segundo a fantasia dos ministérios nomeados pelo Imperador".

Essas circunstâncias, mais do que quaisquer outras, é que tornavam a queda dos liberais, em 1848, uma espécie de deposição, não obstante o pronunciamento de um pleito recente, que concluiu a eleição de uma Câmara liberal.

Realmente, era visível a falta de coesão nas hostes liberais, que não possuíam então nenhum chefe de grande influência no partido. Notavam-se os grupos, os blocos autônomos dentro da maioria parlamentar, mas também era certo que não se fracassou dos liberais se devia à oposição tenaz do Senado vitalício e à própria do Conselho do Estado — organizações praticamente dirigidas pelos chefes conservadores. O certo é que não havia força para eleger seus próprios candidatos, não eram novidades, antes e depois de 1848.

Basta aproximar, ou confrontar essas fatos, para se ver que a questão não era de justiça, mas simplesmente de partidarismo. Foram os pontos os liberais, sumariamente. E' verdade que os conservadores poderiam lembrar que já haviam sofrido golpes semelhantes e que nem por isso se rebelaram. A substituição do gabinete de 23 de setembro de 1844, teve também a feição de uma subversão política. Mas a situação de revolta, havia uma razão poderosa: não fora hostilidade o partido; este, sim, é que se incompletibilizava para continuar no poder, no choque entre Carneiro Leão e o Imperador. Mesmo assim, o gabinete de Araújo Lima, ao conservar a posição, não se defendia de modo a não permitir, ainda, que os conservadores nunca chegavam a ser de todo apedoados das posições, pois contavam com a proteção de sua fortuna, sem falar na simpatia, ou solidariedade do Senado e do Conselho do Estado, o que lhes assegurava a posição na ordem de precedência, e a influência a que cabia aos liberais no ostracismo. Por outro lado, não se compreenderia que o protesto dos conservadores fosse ao extremo da rebelião, muito embora tivessem eles aparecido várias vezes como manifestos e agitadores, como, por exemplo, na luta contra o ministro da Guerra, ou a aulica. Nunca chegaram a sofrer qualquer coisa no poder econômico e nunca tiveram para um levante, o apoio e o estímulo do sentimento popular. Esse o motivo por que as revoluções no Brasil sempre foram, e as revoluções conservadoras costumam receber o título de "revolução". Denominam-se contra-revolução ou golpe de Estado. Da primeira tivemos exemplo na reação subsequente ao movimento de 7 de abril, ou em seguida à vitória liberal na Maioridade do Imperador. Depois de 7 de abril, houve a tentativa de dissolução da Constituinte de 1823, assim como a demissão dos liberais em 1848.

E' possível que o Imperador tivesse razões para essa mudança política de 1848. A atitude da maioria liberal não lhe dava esperança de uma orientação firme e ordenada. Paschimato, pelos interesses regionais, os blocos da Câmara não manifestavam nenhuma ligação forte, para a realização de uma política do partido. Para se ver até onde chegava essa discordância, basta lembrar que um dos próceres de maior prestígio no Partido Liberal, o velho Visconde de Albuquerque, não toleravam. Não deixava de ter razão Nascimento Feitosa quando, recapitulando esses sucessos, escreveu, depois da revolução praieira: — "Se domina a política squarerrista, linhamos o sr. Visconde de Albuquerque. Se domina a política política Santa Luzia, já estava o sr. Holanda, lucrando sempre a família Régo Barros-Cavalcanti; e o generoso partido praieiro sempre em apuros, sempre lutando, e só subsistindo pela própria força".

Por mais alto e inspirado que fosse, porém, o pensamento do Imperador — que aliás contava, nessa época, apenas 23 anos incompletos — o

certo é que a mudança da política parecera aos Praieiros ainda mais grave para os políticos da Praia, quando iam ascender à direção do gabinete um adversário rápido, o velho Araújo Lima, cujo predomínio na política geral significava a ascensão de seus aliados de Pernambuco, os fidalgos do partido baronista, adversários da Praia.

Maltratados, já por duas vezes, pela anulação do pleito senatorial de Pernambuco, privados do poder na fase liberal, em que Holanda Cavalcanti os sobrepujara, vitoriosos nas eleições recentes, contando com o entusiasmo antes da vitória total, o golpe de graça a meio de uma luta, em que tantas vezes lhe haviam sonhado os prêmios merecidos. Se imaginarmos o ambiente das contendas políticas em Pernambuco, a violência das paixões, a intransigência dos ódios, a situação de guerra civil, não nos dá para reconstituir o ambiente da província, em comecço de outubro de 1848, quando chegou a notícia da nomeação do novo gabinete de 29 de setembro. Restaria ver como reagiriam os praieiros diante da deposição. Capitulariam, resignar-se-iam passivos, ou iam lutar com as próprias armas os direitos e as pretensões sacrificadas?

A REAÇÃO DA PRAIA

Joaquim Nabuco, nas páginas fulgurantes, e nem sempre imparciais, que escreveu a respeito da Revolução Praieira, assinalou que "os Praieiros têm uma história política singular. Eles não eram liberais doutrinaristas, como foram posteriormente os liberais de Pernambuco. Durante a situação liberal de 1844-45, sua principal e mais íntima aliança na corte foi com a chamada facção aulica. A deputação praieira votou as leis do Conselho do Estado a 3 de dezembro, que os Luzias consideravam o padrão do despotismo retrógrado e contra os quais os Luzias e os Vergueiros aconselharam a revolução armada".

Melo Matos deixou impressão semelhante: "Os Praieiros — escreveu ele — haviam militado sob as bandeiras dos gabinetes de 19 de setembro e 23 de março e só se haviam separado no tempo de 20 de janeiro, quando tinham que recordar seus sentimentos de ordem e respeito às leis; defendiam-se cuidadosos de toda solidariedade com as resistências armadas do Sul e de se haverem algum dia arrependido de sua cooperação na promulgação das leis de 1841. Os liberais de São Paulo e Minas, por outro lado, não se decideram de recordar esses mártires, os amargores da prisão e do exílio e de ressaltar acusações que iam diretamente ferir os co-oposicionistas do Norte".

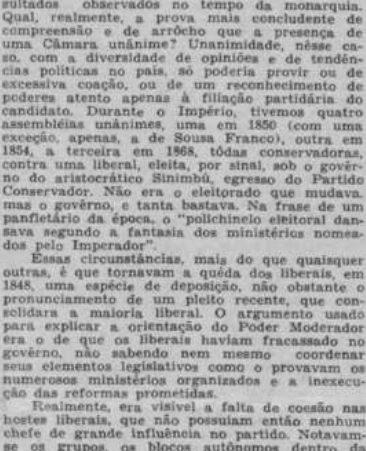
No fundo, a Praia não passava de um partido regional, manobrando livremente no cenário político do país, atento menos a comprometer-se com a primeira atitude dos Praieiros dentro da província de Pernambuco. A ascensão ao poder do Gabinete de 29 de setembro não o atingia tanto pelo aspecto conservador do Governo, quanto pela presença do aliado da família Cavalcanti, o velho Visconde de Olinda. Ainda assim, a primeira atitude dos Praieiros não foi de insubordinação, ou de revolta. Urbano Pessoa insiste em que a revolta não estava nas intenções da Praia e nenhum fato se aponta, que possa comprometer o crédito dessa assertiva. Frases colhidas em discursos a Urbano Pessoa não permitem conclusões quando restaurado todo o texto dessas orações. Os sucessos de 26 e 27 de junho de 1848, no Recife, não podem ser atribuídos à influência da Praia, que sempre os censurou. Feitos confirmando as verdade conhecidas, escreveu que "os Praieiros chegaram ao Recife a 17 de novembro, já depois de iniciada a revolução, preocupado com o pensamento de pacificar os ânimos, contando, para isso, com o feito de alguma medida governamental, no sentido da anistia. A inflexibilidade do presidente foi óbvia. Tinha grande quantidade de prisioneiros em torno da mediação do chefe praieiro. O certo é que o período de inatividade, que os deputados praieiros passaram no Recife, quando já conflorada a província, prova-lhes o ânimo pacífico, que ainda se revela no manifesto de 25 de novembro, quando se declaravam que, diante dos acontecimentos, não lhes restava outra alternativa que a de "acompanhar os nossos concidadãos na sua gloriosa defesa". Acompanhar e não chefear — eis ainda a linguagem, em fins de novembro, quase três semanas depois de iniciada a revolução.

Só em dezembro é que muda a atitude dos deputados praieiros. Decidem-se a chamar às armas os contrários, para que salvassem a província das garras da "infame quadrilha lusobahiana". Quase um mês levaram eles a aguardar essa palavra de boa vontade, que viesse permitir a pacificação, o ensarilhamento das armas sublevadas. E o sentimento que os arreasta para os campos de batalha é o mais nobre possível, traduzido na reação dos chefes que vêm os companheiros inimigos, sacrificados, a não serem abandonados, ou escurtiados, na hora do sofrimento e da perseguição. A atitude da imprensa praieira foi a mesma dos chefes, moderada, discreta, como quem não deseja impedir uma solução pacífica. A política da guerra liberal e a nomeação do Gabinete de 29 de setembro não o órgão oficial dos praieiros, o "Diário Novo", a clamor dos companheiros para que tivessem "toda a vigilância, toda a energia, toda a união, todos os desvelos, para dar conveniente direção às idéias revolucionárias para a luta do ano seguinte, quer da tribuna, quer no campo eleitoral, se houver uma dissolução".

O Manifesto da Sociedade Imperial, que congregava os praieiros, declarava, ainda a 22 de outubro que a "oposição devia ser aos princípios do atual governo, não a qualquer partido do Gabinete da província; esperemos por seus atos e só lhe faremos oposição no caso de nos ser hostil. A nossa expectativa (continuava o Manifesto) deve ser de toda moderação, de muita paciência e de muito juízo; nenhuma agressão deve partir do nosso lado, nem sequer nos nhamos suscetíveis, provocando reações ou aceitando como um desafio quaisquer atos das autoridades, que nos forem infensas. Não é certa a dissolução da Câmara, mas é provável, e devemos estar sempre à altura eleitoral, no caso que se verifique esta hipótese".

UMA NOTA

Embora permitida na Constituição do Império, nem por isso a substituição dos liberais pelos conservadores em 1848, deixou de ter o aspecto e o sentido de um golpe de Estado. Dentro do sistema parlamentar, a admissão de



NUNES MACHADO

da dissolução valia, aliás, por uma inovação em nossos costumes constitucionais. Depois de 1823, Pedro II aprendeu a viver com as casas legislativas, ou estas haviam encontrado o meio de se ajustarem com o temperamento arrebatado do Imperador. Na fase da Regência, firmaram os conservadores, com o apoio do Senado, a nova constituição das coisas, sustentando que a Regência não tinha poderes para ordenar a dissolução da Câmara. A nova praxe, inaugurada em 1842 por um gabinete conservador, obteve, não obstante as reações revolucionárias de São Paulo e Minas, a adesão dos liberais, que se vingaram de 1842, dissolvendo, em 1844, a Câmara conservadora eleita sob a vigência do Gabinete de 23 de março.

A nova praxe, inaugurada por um gabinete conservador, obteve, não obstante as reações revolucionárias de São Paulo e Minas, a adesão dos liberais, que se vingaram de 1842, dissolvendo, em 1844, a Câmara conservadora eleita sob a vigência do Gabinete de 13 de março.

Esse ano de 1844 marca o início de uma fase de predomínio liberal, mantida com os Ministérios de 2 de fevereiro de 1844, 5 de maio de 1844, 22 de maio e 29 de julho de 1847, 3 de março e 31 de maio de 1848. Seus adversários para um período de quatro anos e oito meses, aproximadamente, até 29 de setembro de 1848, quando subiram de novo ao poder os conservadores, sob o comando do antigo regente, Pedro de Araújo Lima.

A nova situação conservadora encontrou em funções uma Câmara, que iniciara a legislatura naquele ano e na qual predominavam os liberais. Que poderia significar para ela o gabinete Araújo Lima, com a presença de ministros como Costa Carvalho, Eusébio, Uruguai, Raboral, senão uma espécie de desagravo, embora tardio, da revolução da Maioridade? É certo que na Câmara liberal poderiam ser notadas diversas correntes e tendências, como os Luzias e os Vendas Grandes, Praieiros, representação famintante, os legionários do senador Alencar, todas elas absorvidas pela preocupação de seus interesses regionais e a eles sacrificando, comumente, a causa geral do Partido. Mas em face do Gabinete de 23 de setembro, a coação se estabeleceu de imediato e não seria possível tornasse a nova situação conservadora com uma Câmara dominada pelos adversários. A dissolução seria, de certo, fatal, mas o Gabinete preferiu uma fórmula procrastinadora, adiando as sessões para 23 de abril do ano seguinte, em vez de dissolver a Legislatura. Tolerância? desejo de chegar a um entendimento?

Ninguém se iluda com a fórmula. O que se procurava era ganhar tempo, para poder preparar as eleições, em que deviam triunfar os conservadores, eleita, não obstante a situação liberal, colocar nos postos outras autoridades, dando-lhes margem a que a sua atuação se ficasse sentir eficazmente, na manipulação dos colégios eleitorais. A dissolução imediata obrigaria a convocar sem demora outra Assembleia Legislativa, eleita, não obstante a situação liberal, sob a influência das autoridades demitidas, com o apoio de elementos a que não tivesse podido chegar o alfanje purificador do Gabinete Squarerra.

Embora permitida na Constituição do Império, nem por isso a substituição dos liberais pelos conservadores em 1848, deixou de ter o aspecto e o sentido de um golpe de Estado. Dentro do sistema parlamentar, a admissão de

um ministério, ou a modificação de uma política, deve estar em função de um certo número de ocorrências, a primeira das quais é a dissolução da Câmara e a mudança da Câmara popular, pois que o Gabinete governa com delegação dessa maioria. No caso, porém, a maioria da Câmara sendo liberal, só se compreenderia a indicação de um governo do mesmo partido a menos que se acreditasse não representar mais essa maioria da Câmara a opinião, ou a vontade do eleitorado nacional. Mas como admitir essa hipótese, se a Câmara de 1848 tinha sido eleita recentemente e não havia nenhum fato extraordinário, que justificasse um recurso excepcional às fontes legítimas da soberania popular?

Demais — e esse foi sempre o ponto fraco do parlamentarismo brasileiro — uma nova eleição, presidida por um gabinete conservador, representaria nada mais, nada menos, que a derrubada da política liberal, a destruição ou o ostracismo, com a perda total dos postos de comando, uma vez que as urnas viviam subordinadas à influência da ação governamental, tentação dos cargos públicos, à pressão das autoridades locais, à influência da opinião pública, ao desejo de fugir à parcialidade e facciosismo do recrutamento militar. Nunca se viu, na monarquia, situação governamental derrotada. O partido que subia ao poder, por mais adversa que fosse a situação, sempre tinha ao seu alcance a elegir outra Assembleia, com caráter favorável. Não surpreenderia a ninguém que se passasse de uma Câmara unanimemente liberal para outra unanimemente conservadora, ou vice-versa. E nenhum partido, nesse particular, exceção o Conservador na habilidade dessa manipulação eleitoral, como se pode verificar pelos resultados observados no tempo da monarquia. Qual, realmente, a prova mais concludente de compreensão e de arrocho que a presença de uma Câmara unânime? Unanimidade, nesse campo, não é diversa de opiniões e de tendências políticas no país, e não poderia ser uma excessiva coação, ou de um reconhecimento de poderes atento apenas à filiação partidária do candidato. Durante o Império, tivemos quatro assembleias unânimes, uma em 1850 (com uma exceção apenas a de Sousa Franco), outra em 1854, a terceira em 1868, todas convocadas contra uma liberal, eleita, por sinal, sob o governo do aristocrático Simião, egresso do Partido Conservador. Não era o eleitorado que mudava, mas o governo, e tanta bastava. Na frase de um panfleto da época, o "palchinel eleitoral dançava segundo a fantasia dos ministérios nomeados pelo Imperador".

Essas circunstâncias, mais do que quaisquer outras, é que tornavam a queda dos liberais, em 1848, uma espécie de deposição, não obstante o pronunciamento de um pleito recente, que concluiu a eleição de uma Câmara liberal.

Realmente, era visível a falta de coesão nas hostes liberais, que não possuíam então nenhum chefe de grande influência no partido. Notavam-se os grupos, os blocos autônomos dentro da maioria parlamentar, mas também era certo que não se fracassou dos liberais se devia à oposição tenaz do Senado vitalício e à própria do Conselho do Estado — organizações praticamente dirigidas pelos chefes conservadores. O certo é que não havia força para eleger seus próprios candidatos, não eram novidades, antes e depois de 1848.

Basta aproximar, ou confrontar essas fatos, para se ver que a questão não era de justiça, mas simplesmente de partidarismo. Foram os pontos os liberais, sumariamente. E' verdade que os conservadores poderiam lembrar que já haviam sofrido golpes semelhantes e que nem por isso se rebelaram. A substituição do gabinete de 23 de setembro de 1844, teve também a feição de uma subversão política. Mas a situação de revolta, havia uma razão poderosa: não fora hostilidade o partido; este, sim, é que se incompletibilizava para continuar no poder, no choque entre Carneiro Leão e o Imperador. Mesmo assim, o gabinete de Araújo Lima, ao conservar a posição, não se defendia de modo a não permitir, ainda, que os conservadores nunca chegavam a ser de todo apedoados das posições, pois contavam com a proteção de sua fortuna, sem falar na simpatia, ou solidariedade do Senado e do Conselho do Estado, o que lhes assegurava a posição na ordem de precedência, e a influência a que cabia aos liberais no ostracismo. Por outro lado, não se compreenderia que o protesto dos conservadores fosse ao extremo da rebelião, muito embora tivessem eles aparecido várias vezes como manifestos e agitadores, como, por exemplo, na luta contra o ministro da Guerra, ou a aulica. Nunca chegaram a sofrer qualquer coisa no poder econômico e nunca tiveram para um levante, o apoio e o estímulo do sentimento popular. Esse o motivo por que as revoluções no Brasil sempre foram, e as revoluções conservadoras costumam receber o título de "revolução". Denominam-se contra-revolução ou golpe de Estado. Da primeira tivemos exemplo na reação subsequente ao movimento de 7 de abril, ou em seguida à vitória liberal na Maioridade do Imperador. Depois de 7 de abril, houve a tentativa de dissolução da Constituinte de 1823, assim como a demissão dos liberais em 1848.

E' possível que o Imperador tivesse razões para essa mudança política de 1848. A atitude da maioria liberal não lhe dava esperança de uma orientação firme e ordenada. Paschimato, pelos interesses regionais, os blocos da Câmara não manifestavam nenhuma ligação forte, para a realização de uma política do partido. Para se ver até onde chegava essa discordância, basta lembrar que um dos próceres de maior prestígio no Partido Liberal, o velho Visconde de Albuquerque, não toleravam. Não deixava de ter razão Nascimento Feitosa quando, recapitulando esses sucessos, escreveu, depois da revolução praieira: — "Se domina a política squarerrista, linhamos o sr. Visconde de Albuquerque. Se domina a política política Santa Luzia, já estava o sr. Holanda, lucrando sempre a família Régo Barros-Cavalcanti; e o generoso partido praieiro sempre em apuros, sempre lutando, e só subsistindo pela própria força".

Por mais alto e inspirado que fosse, porém, o pensamento do Imperador — que aliás contava, nessa época, apenas 23 anos incompletos — o

certo é que a mudança da política parecera aos Praieiros ainda mais grave para os políticos da Praia, quando iam ascender à direção do gabinete um adversário rápido, o velho Araújo Lima, cujo predomínio na política geral significava a ascensão de seus aliados de Pernambuco, os fidalgos do partido baronista, adversários da Praia.

Maltratados, já por duas vezes, pela anulação do pleito senatorial de Pernambuco, privados do poder na fase liberal, em que Holanda Cavalcanti os sobrepujara, vitoriosos nas eleições recentes, contando com o entusiasmo antes da vitória total, o golpe de graça a meio de uma luta, em que tantas vezes lhe haviam sonhado os prêmios merecidos. Se imaginarmos o ambiente das contendas políticas em Pernambuco, a violência das paixões, a intransigência dos ódios, a situação de guerra civil, não nos dá para reconstituir o ambiente da província, em comecço de outubro de 1848, quando chegou a notícia da nomeação do novo gabinete de 29 de setembro. Restaria ver como reagiriam os praieiros diante da deposição. Capitulariam, resignar-se-iam passivos, ou iam lutar com as próprias armas os direitos e as pretensões sacrificadas?

A REAÇÃO DA PRAIA

Joaquim Nabuco, nas páginas fulgurantes, e nem sempre imparciais, que escreveu a respeito da Revolução Praieira, assinalou que "os Praieiros têm uma história política singular. Eles não eram liberais doutrinaristas, como foram posteriormente os liberais de Pernambuco. Durante a situação liberal de 1844-45, sua principal e mais íntima aliança na corte foi com a chamada facção aulica. A deputação praieira votou as leis do Conselho do Estado a 3 de dezembro, que os Luzias consideravam o padrão do despotismo retrógrado e contra os quais os Luzias e os Vergueiros aconselharam a revolução armada".

Melo Matos deixou impressão semelhante: "Os Praieiros — escreveu ele — haviam militado sob as bandeiras dos gabinetes de 19 de setembro e 23 de março e só se haviam separado no tempo de 20 de janeiro, quando tinham que recordar seus sentimentos de ordem e respeito às leis; defendiam-se cuidadosos de toda solidariedade com as resistências armadas do Sul e de se haverem algum dia arrependido de sua cooperação na promulgação das leis de 1841. Os liberais de São Paulo e Minas, por outro lado, não se decideram de recordar esses mártires, os amargores da prisão e do exílio e de ressaltar acusações que iam diretamente ferir os co-oposicionistas do Norte".

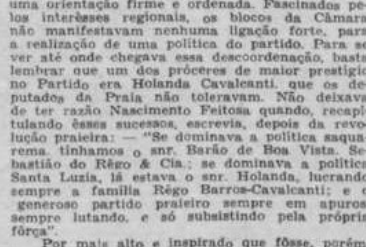
No fundo, a Praia não passava de um partido regional, manobrando livremente no cenário político do país, atento menos a comprometer-se com a primeira atitude dos Praieiros dentro da província de Pernambuco. A ascensão ao poder do Gabinete de 29 de setembro não o atingia tanto pelo aspecto conservador do Governo, quanto pela presença do aliado da família Cavalcanti, o velho Visconde de Olinda. Ainda assim, a primeira atitude dos Praieiros não foi de insubordinação, ou de revolta. Urbano Pessoa insiste em que a revolta não estava nas intenções da Praia e nenhum fato se aponta, que possa comprometer o crédito dessa assertiva. Frases colhidas em discursos a Urbano Pessoa não permitem conclusões quando restaurado todo o texto dessas orações. Os sucessos de 26 e 27 de junho de 1848, no Recife, não podem ser atribuídos à influência da Praia, que sempre os censurou. Feitos confirmando as verdade conhecidas, escreveu que "os Praieiros chegaram ao Recife a 17 de novembro, já depois de iniciada a revolução, preocupado com o pensamento de pacificar os ânimos, contando, para isso, com o feito de alguma medida governamental, no sentido da anistia. A inflexibilidade do presidente foi óbvia. Tinha grande quantidade de prisioneiros em torno da mediação do chefe praieiro. O certo é que o período de inatividade, que os deputados praieiros passaram no Recife, quando já conflorada a província, prova-lhes o ânimo pacífico, que ainda se revela no manifesto de 25 de novembro, quando se declaravam que, diante dos acontecimentos, não lhes restava outra alternativa que a de "acompanhar os nossos concidadãos na sua gloriosa defesa". Acompanhar e não chefear — eis ainda a linguagem, em fins de novembro, quase três semanas depois de iniciada a revolução.

Só em dezembro é que muda a atitude dos deputados praieiros. Decidem-se a chamar às armas os contrários, para que salvassem a província das garras da "infame quadrilha lusobahiana". Quase um mês levaram eles a aguardar essa palavra de boa vontade, que viesse permitir a pacificação, o ensarilhamento das armas sublevadas. E o sentimento que os arreasta para os campos de batalha é o mais nobre possível, traduzido na reação dos chefes que vêm os companheiros inimigos, sacrificados, a não serem abandonados, ou escurtiados, na hora do sofrimento e da perseguição. A atitude da imprensa praieira foi a mesma dos chefes, moderada, discreta, como quem não deseja impedir uma solução pacífica. A política da guerra liberal e a nomeação do Gabinete de 29 de setembro não o órgão oficial dos praieiros, o "Diário Novo", a clamor dos companheiros para que tivessem "toda a vigilância, toda a energia, toda a união, todos os desvelos, para dar conveniente direção às idéias revolucionárias para a luta do ano seguinte, quer da tribuna, quer no campo eleitoral, se houver uma dissolução".

O Manifesto da Sociedade Imperial, que congregava os praieiros, declarava, ainda a 22 de outubro que a "oposição devia ser aos princípios do atual governo, não a qualquer partido do Gabinete da província; esperemos por seus atos e só lhe faremos oposição no caso de nos ser hostil. A nossa expectativa (continuava o Manifesto) deve ser de toda moderação, de muita paciência e de muito juízo; nenhuma agressão deve partir do nosso lado, nem sequer nos nhamos suscetíveis, provocando reações ou aceitando como um desafio quaisquer atos das autoridades, que nos forem infensas. Não é certa a dissolução da Câmara, mas é provável, e devemos estar sempre à altura eleitoral, no caso que se verifique esta hipótese".

UMA NOTA

Embora permitida na Constituição do Império, nem por isso a substituição dos liberais pelos conservadores em 1848, deixou de ter o aspecto e o sentido de um golpe de Estado. Dentro do sistema parlamentar, a admissão de



Extensão e Significado do Movimento da Praia

(Continuação da pag. 14)



Coronel José Pedro Veloso da Silveira, tio e cunhado de Pedro I, e seu adversário político. Combateu intensamente contra o sobrinho, pois era Guabirú, em Água Preta.

Pátria. Propugnando pela forma republicana de governo, batia-se Afonso de Albuquerque Melo em "A Reforma" e "A Verdade".

Correntes e vozes desconcentradas, nem todas de boa índole, se aglomeravam, entre tanto, esse ambiente de propaganda e debate doutrinário, que constitui a nota característica dessa fase de nossa vida política. No meio das controvérsias, o partido da Praia era o partido popular por excelência, o que encontrava maior ressonância na opinião da província, que o abalva capaz de lutar pelas causas do povo, pelas necessidades da gente humilde e desajustada, enquanto o Partido Conservador representava as preocupações aristocráticas, o espírito e as conveniências de uma oligarquia sólida e satisfeita. Contudo, apenas, que não exageremos as tendências reformistas da Praia, nem o sentido social da revolução, quando não há, nesses sucessos, uma interpretação profunda entre os dois domínios da doutrinação, o social e o político. Mas antes uma espécie de paralelismo, sendo ainda lá se a aversão até onde a doutrinação social chegou a inflamar nos acontecimentos políticos. Que rumo teria tomado a revolução, se vitoriosa, senão o de um enquadramento na Monarquia, pela subordinação ao Imperador, a quem sempre manifestava respeito e obediência os próprios e os jornalistas da Praia?

Se não admitirmos essa separação, não chegaríamos a compreender a presença de tantos se-

hores de engenho na revolução, nem a inação da elite da Recife, que se contentou tranquilamente enquanto a guerra ia rolando pelas escuras do interior, envolvendo proprietários rurais, que vinham para os campos de batalha acompanhados de seus reideiros, moradores, escravos e dependentes.

O aspecto social mais evidente é o das idéias que a imprensa debatia, da revolução francesa. Em novembro, entretanto, as correntes radicais do movimento da França, já estavam juguladas e vencidas. Restava, porém, com o surto de revolta em numerosos países da Europa, aquela impressão, que Abreu e Lima esposara, e a fatalidade de uma revolução no Brasil. "Ninguém pense que pode fazer parar o relógio do tempo", advertia a "Barca de São Pedro", sustentando, embora a opinião de que o Imperador deveria colar-se ao frente de um revólver de princípios, a exemplo do rei da Prússia, para evitar a explosão mais violenta e destruidora de um movimento dirigido pelo povo.

Cumpre, verificar, porém, até onde essa debate da imprensa refletiu realmente na revolução, que não foi desencadeada pelos propagandistas das idéias, mais pelos caudilhos do interior, que não queriam admitir a volta dos chefes prestigiados pela oligarquia Cavalcanti-Rêgo Barros. Não se deve ignorar o mal estar geral de uma situação, em que não cabia ao povo, nem a política para ninguém, sob a intervenção de autoridades policiais arbitrárias, com uma justiça, que fornecia os presidentes de província, e os candidatos aos melhores postos políticos. Os conservadores censuravam os praienses pela ação parcial de Chicoiro da Gama, atribuindo-lhe no interesse da candidatura a senador; mas eles próprios faziam a mesma coisa, apresentando Tomaz Xavier na lista de seus nomes e não usaram a receita com o futuro Muritiba pela violenta reação que encontraram em toda a província, mesmo da parte dos corrigionários de Boa Vista — o que de fato significa expressivo julgamento político quanto à ação do presidente que esmagara a revolta. Nabuco de Araújo era jornalista de combate nos órgãos chamados baronistas e a linguagem que ele usava estava um tanto distante daquela figura consular, que a amizade filial de Joaquim Nabuco nos descreve em "Um Estadista no Império". Num de seus opúsculos dessa fase, Nabuco de Araújo caracterizava o predomínio da Praia como sendo "o da inepcia, a improbidade, da desaprovação dos cofres públicos", "Sois desleais e infames, senhores da Praia!", exclamava ele, noutro passo. O que não o impediu de funcionar como presidente do Juiz, que julgou e condenou esses senhores da Praia. Não se esqueça ainda, que o recrutamento era usado como arma partidária, o que encontrou na defesa de suas iniquidades a palavra de Eusébio de Queiroz. Juntos a esses aspectos os agravos criados pela grande propriedade territorial, o despotismo do poder econômico, a exploração dos próprios donos das terras pelos comendários de açúcar nas aldeias e injustiças da miséria geral e teremos fatores suficientes para a explicação de um movimento revolucionário.

"Porque vos não haveis de persuadir — pergunta Sousa Franco na sessão de 1850, da Câmara dos Deputados — que entre as queixas da população de açúcar da matéria do Império há algumas muito reais? Por que não acreditareis que há também brados de fome e de

miseria, não que supondes somente de desordem, para não apolardes essa política ominosa, que lhes não responde senão com tiros de canhão e de espingardas?"

Se é que as revoluções precisam de explicação, em, na própria realidade e evidência da força dos fatores que as trouxeram. Apresentar a revolução de 1848 como um ato livre e voluntário dos políticos da Praia, como fizeram os seus adversários, teria apenas sentido faccioso, quando não podemos negar que os chefes foram arrastados pela onda que os havia registrado do Estado, envolvendo-os, tirando-lhes a possibilidade de outra atitude que a de fechar a revolução, que já encontraram deflagrada. Na encenação a revolta de 1848 foi uma atitude dos caudilhos praienses em prol de um governo mais em protesto contra o regime, que na Corte decidida da presidência de Pernambuco, impondo-lhe governantes e dirigentes contra a vontade e contra o sentimento da grande maioria da província. A adoção do regime federal em 1850, não conseguiu congregar a aspiração do povo pernambucano, redimido o sacrifício dos que tombaram no campo de batalha, ou aceitaram o exílio e o ostracismo como fórmula mais honrosa que a submissão e a rendição.

OS SACRIFICIOS

Muitos sacrifícios custou realmente a luta da Praia no povo de Pernambuco. O número de mortos e feridos excedeu o que se havia registrado nas revoluções anteriores. Depredações, perseguições, prejuízos de toda sorte afligiram a população da província. Entre os próprios chefes da política, ou entre os que comandavam a revolução, não foram poucas as baixas, nem faltou para eles o castigo imperial. Atirado em combate, João Roma, o proprietário da tipografia do "Diário Novo", guerreiro experiente, corajoso, veio a morrer em consequência do ferimento recebido em Brejos, contendo-se foram as figuras prominentes da política. Abreu e Lima, Manuel Lopes Borges da Fonseca e muitos outros. A lista de presos chegava, segundo Urbano Pessoa, a 285, fora os destruídos de Fernando de Noronha e os prisioneiros das fortalezas e dos barcos ancorados no porto. Os presos do Recife, foram pronunciados 54 dos indicados no movimento, sem contar os condenados em outras comarcas da província.

O caudilho de Igarassú, Manuel Pereira de Moraes, conseguiu fugir para o estrangeiro. Não podendo voltar ao país, veio para o Maranhão, de onde a pé regressou a Pernambuco, a ver se iludia a vigilância do adversário. Peixoto de Brito refugiou-se em Portugal, onde esperou pelo decreto da anistia, que veio apenas em 1852. Antônio Afonso Ferreira, deputado à Assembleia Geral, embarcou para a Europa, e, em termo, teve que procurar o clima da Ilha da Madeira, onde a morte o foi encontrar, antes da anistia e do regresso à pátria. Pedro Ivo Veloso da Silveira é outra vítima, que se destina à Europa e morre na viagem, sendo seu cadáver atirado ao mar. Para não esquecer a dramática morte dos lanças de epopéia de sua vida.

Herói supremo, temos ainda Joaquim Nunes Machado, o chefe dos "praienses", pela popularidade conquistada com os seus méritos excepcionais de tribuna popular. Alto de estatura, presença agradável, olhos cheios de fogo, como Macedo (descrevia) tinha voz que se prestava a todos os tons, desde a doçura da amabilidade alieitadora até o rugido do leão; falava com facilidade e energia, dispunha de grande força física e de coragem inabalável.

Se não admittirmos essa separação, não chegaríamos a compreender a presença de tantos se-

O que mais o convence e o arreata não é tanto o recelo de um julgamento injusto, mas o espetáculo daquele pobre povo sacrificado. "Estou resolvido — escreve ele então — a correr todas as vicissitudes da vida, a enfrentar todos os perigos, a levar esta bela Província, e nem duvido oferecer minha vida, se tanto for preciso, para salvar Pernambuco das desgraças que lhe estão próximas." Essa a linguagem de sua proclamação, no dia seguinte à sua chegada a Pernambuco.

A 15 de dezembro, já está Nunes Machado no meio da procela. A esposa, que ficou na Corte, escreve ele então: — "E-me mais fácil morrer no campo pelejando do que consentir que se leve meus patriotas a ferro e fogo, como o está a acontecer. Não quero que os portugueses tenham a sua clamor é baldado. Em nenhum lugar encontra-se compreensão, tolerância, indulgência. E a alma sensível do lutador refletirá o drama insuperável: "Vivo — diz ele a 28 de dezembro — vivo entre mil aflições, cuidados e desgostos, e tanto sofrer, que já não posso suportar. Não fazes uma idéia do estado desta terra; as perseguições, os horrores, a imitação por toda a parte é horrível; corre o sangue em jorros e o governo, em vez de usar de clemência, só tem para com os pernambucanos pólvora, bala, fuzil e prisão." Como que movem os espíritos ao espírito desse homem, amargurado com sua preocupação ainda é com os outros e ele procura consolar a esposa, que ficara no Rio: "Deus te queira dar resignação para sofreres os teus desgostos, que se sou tu que te o causo, afirmo que não te deixaria sofrer, mas se não sou eu a força irresistível de uma sorte tirana. Adeus". Vede bem. A palavra final cai como um vitelino sombrio, a despedida trágica e lancinante do herói desiludido.

O torvelinho o arrebatou, de novo. Já está próximo de ir embora, de súbito, com a boca certa que o derruba, num sobrado velho da Soledade. A causa a que se votou já está igualmente perdida. Não se sabe bem como os companheiros ainda conseguem apanhar o cadáver de Nunes Machado, a meio do tumulto da retirada e o de depositarem numa pequena caixa de madeira o corpo do herói.

Mas seria "tirano" — como ele dizia — a sorte do tribuna liberal. Tenho dúvidas, quando recordo a fascinação que o seu nome continua a exercer sobre o povo, quando não se vê a claridade que o mundo, nesta fase do centenario, para Pernambuco, para o povo que idolatava, continua a personificar a bravura, a altivez, a generosidade.

Quando se desce ao túmulo com uma mortelha assim esplendente, é que a "força irresistível" que ele usava para lutar, o seu nome manchado com o sangue do combatente, a glória eterna de seu nome. E a todos por isso vos asseguro que onde houver um coração pernambucano, o nome de Nunes Machado nunca será lembrado em vão, como não será lembrado em vão seu exemplo, seu sacrifício, sua vida à causa da autonomia de Pernambuco.

As atividades do SESC

Dentre quantas atividades do SESC vem desenvolvendo no setor da assistência social, a mais importante de todas é, sem dúvida, a que diz respeito à maternidade e à infância. Verdade que a eficiência dos serviços prestados através de qualquer um de seus Departamentos é um fato reconhecido e proclamado pelos próprios beneficiários, no caso a enorme e laboriosa classe dos comerciários. A Colônia de Férias, de que, aliás, a imprensa já se tem ocupado para demonstrar a inestimável contribuição dessa iniciativa no sentido de proporcionar aos empregados melhores possibilidades de recuperação de suas energias, a Colônia de Férias, por exemplo, apesar de instituída há pouco mais de seis meses, representa hoje uma iniciativa completamente vitoriosa, nada obstante a demolidora descrença que foi preciso enfrentar inicialmente. A Carteira de Assistência Legal, encarregada de registros civis, regularização profissional, requerimento de benefícios, regularização de documentos, casamentos, etc., presta, por sua vez, uma valiosa ajuda aos comerciários. Do mesmo modo, seria impossível obcu-

recer a assistência que o SESC vem oferecendo por intermédio da Carteira de Colocação e Reemprego, assim como a Seção de Cooperação Social, incumbida de encaminhar os empregados ao Sindicato e ao Ambulatório do IAPC, de providenciar exames radiológicos, radiográficos ou outro de qualquer espécie, tem um grande merecimento no conjunto dos esforços a que se entrega a referida Autarquia a fim de melhor atender o cumprimento de seu dever. Mas, sem embargo das atividades que o Serviço Social do Comércio emprega nesse Departamentos, e nada obstante ser inegável o proveito dos resultados colhidos até agora, o fato é que o seu Departamento mais atuante e possível-quele destinado à Assistência à Maternidade e à Infância.

E foi, certamente, compreendendo essa realidade, que o SESC cuidou de aumentar o poder de sua ação no vasto campo reservado para essa espécie de assistência social. Nem outro poderia ser o sentido da resolução de seus dirigentes, assegurando o desenvolvimento daquêles serviços no país não são casados, o SESC leva juiz e padre e faz o casamento; depois do nascimento, o SESC trata do registro e entrega a certidão aos genitores.

Convenhamos em que, de quantas instituições de previdência existem entre nós, o SESC ocupa a primeira linha das mercedoras de aplausos.

UMA ORGANIZAÇÃO INDUSTRIAL QUE HONRA O NORDESTE



DONA A. LUNDGREN CROSCHE, Sócia Gerente Fundadora

No dia 1.º de Outubro de 1908, instalava-se nesta cidade do Recife, capital do Estado de Pernambuco, a firma Alberto Lundgren & Cia. Ltda., inaugurando a sua primeira "Lojas Paulista", à rua das Florentinas, nesta cidade.

Eram principais fundadores dessa firma os industriais conterrâneos Frederico, Arthur e Alberto Lundgren. A data 1.º de Outubro de 1908 tem um sentido especial à economia nordestina e, para rememorar-la, torna-se necessário que se faça um livro histórico.

ESCOLHIDO O NOME DE "BENJAMIN" DOS TRÊS GRANDES

Constituída a sociedade comercial que disseminaria pelo Nordeste, as "Lojas Paulistas", os três irmãos fizeram entre si uma eleição, obedecendo-se o regime do voto secreto. Foi vencedor o nome do mais moço, e, assim, se fez a conceituada firma Alberto Lundgren & Cia. Ltda.

Era a homenagem afetiva dos dois irmãos mais velhos, ao "benjamin" dos Lundgren.

Organizada a firma comercial, foi fundada como dissemos, a primeira "Loja Paulista" no dia 1.º de Outubro de 1908, à rua das Florentinas — esquina do Pátio do Paraíso.

FREDERICO LUNDGREN NA DIREÇÃO

Os Lundgren, em conselho de família, no decorrer da primeira década do século que passa, entregaram a direção industrial e comercial de suas empresas de tecidos à fase espírito invulgar de administrador e de brasileiro ilustre, que se chamou Frederico João Lundgren. Era preciso que a direção ficasse enfeixada nas mãos de um só orientador. Pernambuco tinha, então, uma indústria têxtil rudimentar, em ensaio de indústria de tecidos. Pode-se dizer, sem receio de contestação, que foi Frederico Lundgren o reformador, o gran-

de reformador da indústria de tecidos em Pernambuco.

Assumindo a direção da fábrica de Paulista, em momento dos mais difíceis, lutando contra tudo e contra todos, homem nascido para os grandes embates, lutador que não temia as incertezas da luta, Frederico Lundgren seguiu para a Europa, arranjou crédito, adquiriu as primeiras estamperias que vieram para o Brasil, trouxe as anilinas melhores do mundo, importou maquinismos moderníssimos, teares novos, adquiriu tudo, tudo o que de melhor havia na especialidade têxtil europeia, e lançou depois, com o maior dos sucessos, nos mercados brasileiros, o afamado, o inigualável tecido Marca "Olho", o tecido de cores absolutamente fixas, o tecido mais barato e mais consistente que se vende no Brasil. Frederico Lundgren é um nome nacional na indústria e no comércio do Brasil.

A EXPERIÊNCIA DA LOJA DA RUA DAS FLORENTINAS

A "Loja Paulista" da rua das Florentinas foi uma grande experiência. Frederico, Arthur e Alberto Lundgren constataram o sucesso do tecido marca "Olho" e espalharam "Lojas Paulista" por todo o Nordeste Brasileiro.

Era necessário, pois, uma "Loja Paulista" em cada cidade do "hinterland", onde o povo nordestino encontrasse tecidos baratos e acessíveis à sua economia.

DA FABRICA AO CONSUMIDOR

Nos Estados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Alagoas, Sergipe e Bahia, foram instaladas, em diferentes zonas, as acreditadas "Lojas Paulista", levando-se, assim, o tecido bom e barato diretamente da fábrica ao consumidor.

Zonas havia em que, para se instalar uma "Loja Paulista", tornava-se demais penoso o Estado de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Alagoas, Sergipe e Bahia. São

as "Casas Pernambucanas" espalhadas pelos demais Estados da Federação e por vários países Sul-Americanos. Esses estabelecimentos comerciais são, no gênero, os preferidos pelo povo, porque vende tecidos exsuscitava estradas acessíveis, não existia o caminhão. Nos atoleiros, os fardos eram transportados nos ombros dos almoxarifes.

Frederico Lundgren lutou contra a seca, contra as invernações, contra a dificuldades de transporte, lutou até contra o canjicurismo, mas levou ao Sertão, à zona da Mata, às praias de Brasil, os afamados, os resistentes tecidos marca "Olho".

"LOJAS PAULISTA" NO NORDESTE E "CASAS PERNAMBUCANAS" NO SUL E NORTE DO PAIS

As empresas Lundgren têm atualmente mais de quinhentos estabelecimentos comerciais, espalhados pelo Brasil e pelo estrangeiro. São as "Lojas Paulista", sediadas nas cidades dos

transporte dos tecidos marca "Olho".

Usava-se o trem, o carro de boi, o burro, o cavalo... Não mente populares, tecidos baratos, tecidos marca "Olho".

As "Lojas Paulista" são os estabelecimentos mais democráticos do país, porque vive diretamente em contacto com as classes populares, onde todos são atendidos com igualdade, sem qualquer preferência de classe.

ARTHUR LUNDGREN NA GERENCIA GERAL

Hoje, Arthur Lundgren continua sem desfalecimento a obra iniciada há quarenta anos atrás. Homem de raras qualidades de comando, o sr. Arthur Lundgren, que ainda no ano passado foi agraciado pelo governo da Suécia, é um padrão de capacidade, dinamismo e visão industrial.

Grças ao seu espírito de popularidade e o seu coração generoso é estimado por todos os seus auxiliares e admirado pelo povo trabalhador de Pernambuco.



ARTHUR LUNDGREN, Sócio Gerente Fundador

Banco Comércio e Indústria de Pernambuco S. A.

CARTA PATENTE N.º 1476 DE 20 - 4 - 937 — Sede — AVENIDA RIO BRANCO N.º 155 — CAIXA POSTAL N.º 466
End. Telegráfico — "CASAPORTE" Telefones: Gerência 9651 — Sub-Gerência 9024 Contadoria 9558 — Cobrança e Geral 9085

CAPITAL SUBSCRITO	Cr\$ 12.000.000,00
CAPITAL REALIZADO	Cr\$ 8.289.750,00
RESERVAS	Cr\$ 12.309.650,90

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1948

ATIVO		PASSIVO	
A — DISPONIVEL		F — NAO EXIGIVEL	
CAIXA		Capital	12.000.000,00
Em moeda corrente	2.154.614,10	Fundo de Reserva Legal	907.308,40
Em depósito no Banco do Brasil S. A.	18.886.350,30	Fundo de Provisão	8.800.000,00
Em depósito à ordem da Sup. da Moeda e do Crédito	1.874.636,60	Outras Reservas	2.602.344,50
Em outras Espécies	1.603.713,50		24.309.650,90
	24.522.314,00		
B — REALIZAVEL		G — EXIGIVEL	
Empréstimos em C/Correntes	51.161.204,70	Depósitos a vista e a curto prazo:	
Empréstimos Hipotecários	2.890.962,30	de Poderes Públicos	110.401,70
Títulos Descontados	56.469.882,00	de Autarquias	44.892,50
Correspondentes no País	3.942.178,50	em C/C Sem Limite	39.875.017,80
Capital a Realizar	2.710.250,00	em C/C Limitadas	7.092.365,30
Outros Créditos	11.867.853,70	em C/C Populares	3.920.025,10
	130.032.031,20	em C/C de Aviso	4.683.661,40
		Outros Depósitos	4.290.411,60
		a prazo:	
		de diversos:	
		a prazo fixo	44.396.566,60
			104.513.340,00
		OUTRAS RESPONSABILIDADES	
		Letras a Pagar	14.000,00
		Correspondentes no País	3.636.794,50
		Ordens de Pagamento e outros créditos	22.257.663,60
		Dividendos a pagar	532.585,50
			26.441.043,70
			160.954.383,70
		H — RESULTADOS PENDENTES	
		Contas de Resultado	2.615.022,70
		I — CONTAS DE COM-PENSAÇÃO	
		Depositantes de val. em garantia e em Custódia	12.663.687,90
		Depositantes de títulos em Cobrança do País	68.409.009,20
		Outras Contas	5.171.346,70
			93.244.043,80
			251.123.100,90

Recife, 5 de Janeiro de 1949.

a) Arnaldo Almeida Alves de Brito — Diretor-Presidente
a) Jayme Ferreira dos Santos — Gerente
a) José Martins Júnior — Contador.

DEMONSTRAÇÃO DA CONTA "LUCROS E PERDAS" NO BALANÇO GERAL, ENCERRADO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1948

DEBITO	CREDITO
DESPESAS GERAIS	LUCROS GERAIS
Pelas verificadas neste exercício com:	Pelos apurados neste exercício provenientes de juros, comissões e descontos
Honorários do Conselho Fiscal; Ajudas de Custos; Telegramas; Telefones; Portes do Correio; Material de Expediente; Seguros; Comissões; Sêlos Forenses e Outras Despesas	LUCROS SUSPENSOS
1.111.693,00	Saldo do semestre anterior
ORDENADOS E GRATIFICAÇÕES	14.375.605,20
Pelos que pagamos neste exercício ao n/ pessoal	386.085,50
3.055.739,00	
JUROS	
Pelos pagos ou creditados	
6.971.799,40	
IMPOSTOS E CONTRIBUIÇÕES	
Pelco de Indústria e Profissão; Sobre a Renda; Sindical dos Empregadores; e de Funcionários; Quota de Fiscalização Bancária; Instituto dos Bancários e L. B. A.	
811.044,90	
AMORTIZAÇÕES E PREJUÍZOS DIVERSOS	
Pelas efetuadas em várias contas n/ exercício	
218.258,60	
FUNDO DE RESERVA	
Transferido para esta conta conforme estatutos	
123.487,70	
PERCENTAGENS DA DIRETORIA	
Valor das percentagens da Diretoria conforme estatutos	
246.974,50	
DIVIDENDOS	
Pelos de ns. 28 e 29 a razão de 10% a.a. sobre o capital realizado de Cr\$ 8.289.750,00	
828.975,00	
FUNDO PARA A INTEGRALIZAÇÃO DO CAPITAL	
Transferido para esta conta conforme Estatutos	
350.000,00	
FUNDO DE PREVISÃO	
Transferido para esta conta conforme Estatutos	
800.000,00	
FUNDO DE RETENÇÃO	
Transferido para esta conta Reserva para atender as disposições do Decreto Lei 9159 — Exercício 1946	
LUCROS SUSPENSOS	
Transferidos para esta conta	
379.033,40	
	14.961.700,70

Recife, 5 de janeiro de 1949.

a) Arnaldo Almeida Alves de Brito — Diretor-Presidente
a) Jayme Ferreira dos Santos — Gerente
a) José Martins Júnior — Contador.

COOPERATIVA

BANCO DO NORDESTE

LIMITADA

Sede: RUA DO IMPERADOR N.º 310
End. Telegr.: "BANORDESTE" — Telefone: 6260

RECIFE — PERNAMBUCO

EMPRÉSTIMOS — DESCONTOS — DEPÓSITOS

Secção de ADMINISTRAÇÃO DE BENS com carteira especializada em LITEAMENTO e VENDA de TERRENO urbano

ALCIDES MARROQUIM

WALDEMAR CARDOSO

Presidente

Gerente

SOMENTE TOMATES

especialmente cultivados sob o sol purificador do Nordeste entram na fabricação do **EXTRACTO DE TOMATE PEIXE**



Sob o sol purificador de Pesqueira, no Estado de Pernambuco, são cultivados por métodos modernos os saborosos tomates de que é feito o Extracto de Tomate PEIXE. Amadurecidos no pé, até a época da colheita, os frutos crescem e se desenvolvem extraordinariamente beneficiados pela Natureza. O Extracto de Tomate PEIXE é de alto valor alimentício. A polpa do tomate é concentrada em tachos a vácuo, a baixa temperatura, o que evita a destruição das preciosas vitaminas A, B, C e G, contidas no fruto. Para o molho de uma succulenta macarronada, prefira o Extracto de Tomate PEIXE, concentrado por processo italiano, e que dá a qualquer especialidade culinária um sabor incomparável.



GARANTIA
O produto de nossa fabricação, comprado em qualquer parte, e submetido a análise de laboratório, demonstrará a sua pureza absoluta — é feito exclusivamente da fruta que lhe dá o nome.

OUTROS PRODUCTOS MARCA PEIXE

- Marmelada Branco • Gelabada • Gelabada Casca Especial • Gelabada Branco • Biscoito • Flocos de Frutas • Flocos de Abacaxi • Lazerada • Doce de Leite • Gelado de Goiabada • Gelado de Goiabada Casca • Gelado de Morango • Guaraná • Gelabada Fôlha • Amido • Abacaxi • Goiabada em Calda Especial • Doce de Coco • Calda em Calda • Flocos em Calda • Massa de Tomate

INDÚSTRIAS PEIXE
Carlos de Britto & Cia.

Pesqueira — Recife — Rio S. Paulo e Minas

HOMENAGEM A ALPHONSUS DE GUIMARAENS

O gesto de "Letras e Artes" o grande suplemento literário da "A Manhã", do Rio, dirigido por Jorge Lacerda, em homenagem à memória do poeta mineiro ALPHONSUS DE GUIMARAENS merece o mais irrestrito apoio dos que fazem "Nordeste". No próximo número desta revista dedicaremos uma página ao poeta morto e uma outra à campanha que Jorge Lacerda, José Comênio e mais uma porção de nomes de projeção das letras sulistas vêm fazendo para que o busto e as obras completas de Alphonsus sejam uma realidade em 1949.

★ ★ ★ ★

CIA. AMERICANA DE SEGUROS

226, rua Bom Jesus, 1. and.
Telefone 9309

Agente: LEOPOLDO LUIZ DOS SANTOS

Seguros terrestres e marítimos

Perícias em Contabilidade

INTERNATIONAL

CAMINHÕES
TRATORES
MÁQUINAS AGRÍCOLAS
MOTORES A GASOLINA E ÓLEO DIESEL
GRUPOS GERADORES
MAQUINISMOS PARA CONSTRUÇÃO E CONSERVAÇÃO DE ESTRADAS

INTERNATIONAL HARVESTER

HARVESTER

JANEIRO 2 DOMINGO 1949

Edifício Sede

Temos muito prazer em participar aos nossos clientes e amigos que fomos honrados pela INTERNATIONAL HARVESTER, com sede nos Estados Unidos, com a nomeação de seus distribuidores exclusivos para Pernambuco, iniciando-se as nossas atividades nesse setor no dia 2 de Janeiro de 1949.

Tanto maior a nossa satisfação quando verificamos que, com a nova distribuição que nos foi confiada, anexamos à nossa já grande linha de representações e distribuições exclusivas, uma série de produtos de renome mundial e com o que melhor serviremos os nossos clientes, dentro de cada setor de trabalho.

Na linha de produtos INTERNATIONAL HARVESTER encontram-se Motores, Grupos Geradores, Máquinas Agrícolas e os famosos Caminhões

"INTERNATIONAL"

E, dentre outros, ainda maquinaria e materiais para construção e conservação de estradas, abrindo-se assim novas e magníficas perspectivas para o desenvolvimento da região a que vamos servindo há vinte anos de um trabalho construtivo e cheio dos melhores propósitos de servir cada vez melhor.

CARVALHO & CIA

AVENIDA GUARARAPES, 154 — EDIFÍCIO "ALMARE"

Telefones: 7328 — 7329 — 7330 — 7331 — 6130 — 7217 — 6832
Caixa Postal, 465 — End. Teleg.: "Almareú — Recife"
DEPÓSITO (em construção) — RUA DA DETENÇÃO
RUA DO PEIXOTO — RECIFE - PERNAMBUCO - BRASIL

A presença do IPASE em Pernambuco



IPASE

VISTA PARCIAL DO CONJUNTO RESIDENCIAL DO SÍTIO DA ROSEIRA - RECIFE - EST. DE PERNAMBUCO - CASAS DO TIPO MÉDIO

A política social do Presidente Dutra: CASAS PARA O FUNCIONALISMO PÚBLICO — Na sua recente visita ao Recife o dr. Alcides Vieira Carneiro, presidente do IPASE, colocou a pedra fundamental desse magnífico conjunto residencial para os funcionários públicos federais sediados no Recife.

Hospitais, ambulatórios e casas para o funcionário federal, são os traços fundamentais da administração Alcides Vieira Carneiro — Iniciada, no Recife, a construção de um conjunto residencial de 96 casas

Hospitais, ambulatórios e casas para o funcionário federal, são os traços fundamentais da administração Alcides Vieira Carneiro — Iniciada em Recife, a construção de um conjunto residencial de 96 casas.

A presença do Ipase no Distrito Federal e nos Estados é uma realidade que já satisfaz, enquanto se projeta no futuro uma perspectiva ampla das suas elevadas finalidades como órgão eficiente de previdência e de assistência aos que trabalham para a República. Integra-se, definitivamente o Instituto de Previdência dos Servidores do Estado, com os seus vinte e um anos de existência, nos objetivos que definem, justificam e delimitam o seu funcionamento.

Coube ao dr. Alcides Vieira Carneiro a missão de conduzir o Ipase na sua maioridade, impulsionando todos os seus setores de administração para o cumprimento de seu programa, com determinação e espírito público.

A inauguração do Hospital Servidores do Estado na Capital do País, dotado dos mais modernos recursos da medicina contemporânea, a ampliação progressiva das construções de casa própria para os segurados — não apenas no Distrito Federal como nos Estados —, a criação de novos ambulatórios, os melhoramentos levados a efeito no Sanatório de Correios no Estado do Rio, vieram proporcionar aos servidores públi-

cos e contribuintes obrigatórios do Ipase maiores garantias e benefícios, tornando os funcionários federais um núcleo social amparado segundo suas necessidades e aspirações coletivas.

É preciso considerar o programa de seguro social, que se aperfeiçoou com as leis que o regulam, desde 1941, e que, no terreno dos números, pode apresentar hoje os seguintes resultados: importância de benefícios pagos mensalmente — Cr\$ 1.247.395,00; importância de benefícios já pagos, desde 1941 a 1947 — Cr\$ 95.804.122,70.

A despeito de tudo, o Ipase tem sido vítima de velho e pernicioso equívoco. Supõe-se que a contribuição de 5%, que ele recebe do funcionário, se destina, também, à assistência, e por isto tudo o que faz a Autarquia, com ingentes sacrifícios, no campo de assistência social e médico-hospitalar, a muitos parece insignificante, e a outros dá ensejo a acriminosos remoques.

É comum ouvir-se de antigos servidores, quando deixam de ser atendidos, ao pleitearem qualquer vantagem que as normas em vigor não permitem: "Contribuiu há 20 anos para o Ipase e agora nem isto me concedem!"

A distribuição não se destina à assistência médico-hospitalar, que é do velho servidor tem todo direito de exigir uma assistência mais ampla, a verdade é, porém, que a sua contribuição recebeu destino bem definido em lei e de constituir o seguro social, para efeito de pecúlio e pensão, post-mortem, à sua viúva e filhos menores. Tal contribuição não se destina à assistência médico-hospitalar, que esta jamais poderia ser efetivada só com recursos ondiretamente providos daquela contribuição, isto é, 20% dos lucros oriundos dos desvios das taxas de mortalidade.

Com o apóio, entretanto, que vem prestando ao Ipase, o Presidente Eurico Gaspar Dutra, as aspirações do funcionalismo federal vão sendo satisfeitas e tudo marcha no sentido de que em cada núcleo de concentração de servidores da União, sejam instalados serviços assistenciais que já estão em pleno funcionamento em várias Capitais do País.

Pernambuco tem sido um dos Estados mais atingidos pela

ação realizadora da administração Alcides Vieira Carneiro. Foi uma das unidades da Federação que viveu o privilégio de assistir ao funcionalismo aqui em serviço através de ambulatórios instalados em sua Agência, logo que baixadas as instruções reguladoras da assistência médico-hospitalar nos Estados. E agora é um dos primeiros a ser contemplado com um conjunto residencial cuja pedra fundamental foi lançada solenemente a 19 de corrente, no sítio da Roseira localizado no bairro da Encruzilhada, nesta Capital.

INICIADA A CONSTRUÇÃO DE UM CONJUNTO RESIDENCIAL EM RECIFE, DE 96 CASAS

Para assistir ao início solene dos trabalhos de construção da vila do funcionalismo federal que se compõe de 96 casas, sendo 28 do tipo médio e 68 de tipo popular, veio a esta cidade o dr. Alcides Vieira Carneiro, Presidente do Ipase. Acompanhado, o dr. Henrique Silveira, Procurador Geral da Autarquia e o sr. José Américo Filho, do gabinete da Presidência.

As 1630 do dia 19 do corrente, com o comparecimento de altas autoridades federais, estaduais e municipais, funcionários públicos e numerosas famílias, realizou-se a solenidade. Estavam expostas no local plantas e perspectivas do conjunto residencial que será construído pelo sr. J. Ferreira Marques no prazo de dez meses, conforme as cláusulas do contrato assinado na ocasião, após a necessária concorrência pública, participando do mesmo como testemunhas os srs. representantes do Governador Barbosa Lima Sobrinho, do Brigadeiro Alves Sáez, do Comandante do 2º Distrito Naval e o sr. Procurador Geral da República.

APLICANDO O CAPITAL NA DIFUSÃO DAS NECESSIDADES DO FUNCIONALISMO PÚBLICO

Após a assinatura do contrato de construção, falou o dr. Abelardo Jurema, Gerente da Agência do Ipase em Pernambuco que ressaltou o acontecimento, focalizando os proble-

mas a serem enfrentados pelo Ipase, entre os quais se situa em primeira plana o de habitação para o servidor federal. Prosseguiu o dr. Abelardo Jurema disse — "A casa para o funcionário é um problema angustiante. Não será facultando meios para a aquisição ou construção de casas, pelo sistema de financiamento, que se resolverá a questão. Desse modo, raras são os funcionários que estarão, em condições de usufruir benefícios na carteira imobiliária. A documentação a apresentar, nesses casos, com o mesmo importância que não estão ao alcance da bolsa modesta do funcionário público. As construções isoladas estão por preços proibitivos. Uma casa construída isoladamente, de porções modestas, à vista da valorização crescente dos terrenos e do alto custo de materiais e mão de obra, não está saindo por menos de Cr\$ 150.000,00, o que equivale a uma amortização aproximada de Cr\$ 1.500,00, que é inacessível ao funcionalismo em geral. Assim, somente o servidor graduado ou os que têm outros ramos de atividades, como o médico, o engenheiro, o advogado, podem usufruir desses benefícios. Enquanto que o Ipase, pondo em ação como nunca e fez sob o amparo da direção de Alcides Vieira Carneiro, os planos de construção residenciais, está indo ao encontro das necessidades gerais, satisfazendo a uma grande maioria. Evidentemente a construção em série, de grupos residenciais padronizados, em terrenos adquiridos pela Autarquia em boas condições o que é sempre possível por motivos óbvios, possibilita aos funcionários de todos os padrões de vencimentos a tão almejada casa própria, sem outras despesas senão aquelas que se cingem a uma amortização à altura de seus precários recursos. Eis o sentido novo e da mais ampla significação para a vida do funcionário público de que se reveste esta solenidade. É o primeiro passo dado pelo Ipase, em Pernambuco, para enfrentar de modo prático e eficiente, a questão de habitação para os seus segurados mais humildes. Dezenas de habitações nesta Capital têm sido financiadas pelo Ipase, mas agora, construindo para o funcionário ao invés de ajudá-

lo a construir, estamos em um roteiro de perspectivas mais ajustadas a uma realidade que teria afinal de ser considerada sobretudo quando à frente da Autarquia se encontra um homem público de visão e cheço de boa vontade como o dr. Alcides Vieira Carneiro. Vive o Ipase momentos novos na sua existência e os seus contribuintes já experimentam os efeitos de uma administração que sabe aplicar o capital com o objetivo exclusivo de renda, mas visando sobretudo as necessidades de uma classe que está a merecer uma assistência com por cento verdadeira, eficaz e prática. Felizes dos homens públicos que podem olhar de frente uma classe cuja boa parte de seu destino lhe foi entregue e apontar para realizações como estas, dizendo — eis aí o resultado da vossa colaboração e do meu esforço e dedicação pela causa que não é muito minha nem muito vossa, mas da Nação para cujos destinos todos nós temos o dever de contribuir e trabalhar!!

CUMPRINDO PROMESSAS E REALIZANDO PROGRAMAS

Em seguida o dr. Alcides Vieira Carneiro pronunciou brilhante oração, começando por salientar que "o povo perdona tudo, perdão os seus administradores, perdão os ignorantes, perdão até os tiranos, mas não perdona nunca os dispendioses, os homens públicos de braços cruzados frente aos problemas da comunidade". Discorreu sobre as responsabilidades que pesam às autarquias e dos encargos que lhes cumpre desempenhar nesta fase da vida nacional em que se procura consolidar a democracia através de uma política de realizações de feição eminentemente social. Acrescentou que de acordo com a orientação superior do Presidente Eurico Gaspar Dutra, cabia aos Institutos a execução de grande parte do plano de habitação para o povo pelo que o Ipase estava enfrentando o problema com a disposição de cumprir uma recomendação que se apresentava nos mais justos anseios da coletividade e nas mais prementes necessidades das mais diversas camadas sociais do país. Continuando o dr. Alcides Vieira Carneiro disse que não

estava ali para prometer apenas, pois dentro de dez meses teria a satisfação de voltar a Pernambuco, para fazer entrega das 96 casas que ali seriam construídas, ao funcionalismo federal do Estado, afirmando ainda que a presença do Ipase não se limitaria apenas àquela realização, de vez que novos planos de construção de conjuntos residenciais estavam em estudo e logo mais seriam postos em execução. Em todos os Estados — prosseguiu — assistiremos ao funcionalismo federal. Ontem, na Paraíba, presidi a solenidades semelhantes. Lá deixei um conjunto em trabalhos de construção e um moderno edifício já se está erguendo ali para a sede da Agência. Outros estão surgindo em capitais do sul e do norte. A Agência de Recife também terá a sua sede e a sua cidade mais um novo e grande edifício. Sou daqueles que cumpri as suas obrigações com a alegria de quem vive em paz consigo mesmo. O que puder fazer hoje não deixarei para amanhã e o funcionalismo federal às suas exigências justas e não sofrerá interrupção.

Concluindo o Presidente Alcides Vieira Carneiro agradeceu o comparecimento das altas autoridades federais, estaduais e municipais, das famílias e do funcionalismo público, erguendo a taça de champagne pela grandeza de Pernambuco.

HOMENAGEM A POE —

De modo indireto, foi prestada, por Duhamel no título do último volume do seu ciclo de Salavim, "Tel qu'en lui mème", e que o romancista, pedra emprestado ao famoso poema de Mallarmé, "O Tímulo de Edgar Poe". O título sugere que, como o Poe visto e compreendido por Mallarmé, o esculpido Salavim, cheio de realidades e inibições, só na morte revela o seu verdadeiro eu, incompreendido por todos enquanto ele vive.

DIFUSÃO DO LIVRO — A Câmara Biograndense do Livro apresentou aos leitores grandes ganchos um memorial que expõe a situação do controle livreiro em face do imposto estadual de vendas e consignações. A isenção desse tributo, pleiteada pela C. R. L., viria sem dúvida aumentar a difusão do livro, principalmente no interior e nas zonas rurais do Rio Grande, a exemplo do que já sucede em São Paulo, onde, desde novembro do ano passado, o livro foi libertado desse entrave.



Pés de Miguelão em que se notam os pés que jamais calçaram sapatos...

FLASH DO ENTREVISTADO

— Nasceu no município de Currais Novos, Estado do Rio Grande do Norte.

— Na primeira sexta-feira de agosto da grande seca de 77.

— Fuma cachimbo e bebe vinho de jarabuba.

— Mede um metro e setenta de altura.

— Nunca votou para não calçar sapato...

— Não gosta de jôgo e detesta uagro...

— É madrugador e tem o sono leve como um fêtu.

— Confessa que jamais matou um cristão de Deus...

— Já foi mordido de cobra cascavel e despeito de ter oração forte para onça.

— É improvisador e gosta de ouvir um bom contador. Porém não toca instrumento nenhum...

— É devoto da Santíssima Virgem e garante que ainda viverá muito com o poder de Deus.

— E enquanto coçar a testa com o dedo grande da mão, como na presente reportagem se descreve, é capaz de matar onça. Por mais temida que seja ela...

COM A PALAVRA o mais afamado matador de Onça DO NORDESTE

guinta me deixou de boca aberta, quando me assegurou que tinha nascido na casa grande do Condado, nas biqueiras da casa grande de São Rafael, em cujo pátio corri a minha infância.

Na casa grande do Condado, já de meu avô, mamãe e pai (3) se casaram, no mesmo dia em que também se casaram tia Lior (4) e madrinha Dondon (5), num dia de festa para a família toda.

Pois na casa grande do Condado, feita por meu tio Francisco Gomes, Neco Gomes, irmão de meu venerando bisavô, José Gomes de Melo, nasceu Miguelão, Miguel Madalena, Miguel Augusto dos Santos, filho apalhado de Maria Madalena da Conceição com meu tio Manuel Maturino, velho, conforme me certifiquei com meu tio, o octogênio Benedito Gomes de Melo, o oráculo da família, que me confirmou o achado. O parentesco próximo, por detrás-das-pertas, com o neto Miguelão, que muito se orgulha do que não esconde...

DIA DO NASCIMENTO...

Miguel Augusto dos Santos, Miguelão, o maior matador de onça do nordeste, nasceu na primeira sexta-feira de agosto de 1877. Num dia aziago para a superstição sertaneja e no ano da grande seca de que tem memória o nordestino.

Foi para a companhia de seus padrinhos, Quincã e Zefinha, Gomes (6), para a casa grande de Pedra Branca, com idade de 8 anos, começando a caçar nas adolescências rolinha e ribação, pré e mocó, peba e tatu, com um tacto que a desdobrar-se no grande rasteador e caçador de onça que passou a encher o populário nordestino.

OUTRAS TERRAS...

Com 18 anos de idade, foi para Flores (hoje Florânia), para o Cauaiú, para a fazenda do cel. Joaquim Félix das Virgens, em cuja protecção viveu 29 anos e 9 meses e donde saiu a chamada, para matar onça, no alto sertão do Rio Grande do Norte, Parahyba, Ceará, como é próprio narra em versos:

Aondo Miguelão caçava onça com a sua cachorrada: Na Serra da Formiga, na Serra de São Bernardo, na Serra do Jericó, na Serra do Piancó, na Serra do Melado...

Na Serra do Boi Selado, na Serra da Cajariana, na Serra da Pindoba, na Serra da Imburana, na Serra do Imbuzeiro, na Serra do Cajueiro, na Serra de Santana...

Na Serra da Jitirana, na Serra do Cantagalo, na Serra da Garganta, no Riacho dos Cavalos, nas Trincheiras das Intanhas, na Serra da Montanha, na Serra do João do Vale...

Na Serra de São Gonçalo, na Serra do Piricó, na Serra de João Ferreira, na Serra do Figueiredo, no Olho D'água do Arvoredo, na Serra do Corredor, na Serra do Tombador...

PRIMEIRA ONÇA, UMA MAÇAROCA...

Tinha menos de 18 anos, quando matou a primeira onça, uma maçaroca, na fazenda Mocotó, do cel. Luiz Soares, de Araruna, Estado da Parahyba, começo da fama de matador de onça, atra-

vés de uma figura quase lendária no nordeste.

Pois Miguelão já matou onça que perdeu a conta. 163 é capaz de contá-las na ponta-do-dedo, adiantando que a onça que lhe deu mais trabalho a matar, na sua vida de velho e exímio caçador, foi uma pintada, na Serra do Corredor, Pombal, Parahyba, na fazenda do cel. João Pedro, contando-me Miguelão que a onça tomou a boca-da-furna, com ele dentro, perdendo na luta travada o seu cachorro de estimação. Gigante.

NOMES DE CACHORROS...

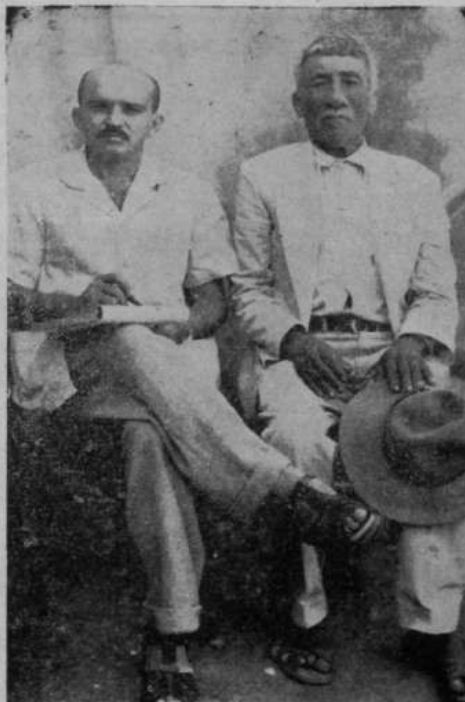
Des cachorros com que caçava onça, Miguelão fala recordando como se fossem antes queridos, dando-lhes os nomes com uma ternura quase familiar. Xarém e Sirigado, Leão e Camurim, Leal e Tubarão, da fiança, Baleia e Tainha, da fiança. Gigante e Feroz, da fiança. E Vencedor.

ARMAS DE CAÇADOR DE ONÇA...

Miguelão caçava onça armada de rifle e punhal, machadinha e zagaia, faca e navalha, esta para uma cobra de veado, quando enlaçasse um dos cachorros no mato fechado. A principio e por muito tempo, em vez de rifle usava clavinoto boca-de-aino, do tempo de d. Pedro, de carregar-pela-boca.

MATAVA ONÇA DE...

1) De-zagaia, acossada pelos cachorros, acuada na furra. 2) Na espera. a) Em-fosso, atirado na presa, com arremedo, oculto sob o fosso, para a onça não pressentir, amarrando viva uma criação (miunça), na frente do fosso (espera), como isca. b) Em-chiqueiro, de pau-a-pique, colado e coberto de pedra, com dois repartimentos, um para a isca (uma miunça) e outro destinado à onça, em forma de armadilha. c) De-traqueio, rastejando a onça no faro dos cachorros, acompanhado por dois companheiros, um de cada lado da verdade percorrida pela presa, passando a tocar um cocão ou que primeiro abar o rastro da onça, para que o caçador assumira a sua batida. Até enfurná-la. 3) Na-carniça, do bicho morto pela onça, que o cobre de terra, para repasto posterior, momento em que o caçador, de tacaia num girau sobre os galhos de uma árvore, contra a direção do vento, para a onça não sentir, desfacha-lhe tiro certeiro, usando uma emcha de algodão, na boca



O romancista José Bezerra Gomes entrevistando Miguelão, o caçador de onça

da arma, como mira, durante a noite.

Exímio rasteador de onça, Miguelão rastreia até em cima de lajeado, conhecendo a passagem dela pelos pedregulhos afastados pelas patas. Pelos gravetos quebrados e pelas folhas secas pisadas. Podendo adiantar ainda e por exemplo. Se a onça corre certa na trilha, está de barriga cheia (farta). Se corre zigzagando, está de barriga vazia (faminta).

VARIEDADES DE ONÇAS NORDESTINAS, segundo o próprio Miguelão, 1) Maçaroca ou cangüê. a) Lombo Preto, b) Azulada. c) Manchada, com patas azulas. d) Mestica, de Lombo Preto. 2) Vermelha (ou comedeira-de-bode). 3) Pintada (ou comedeira-de-gente). e) Preta. f) Manchada de raposa e preta e a que é chamada de cangüê vedeteiro. 4) Tigre, preta, aveludada.

TAMBÉM É POETA...

Miguelão também é improvisa-

dor e gosta de contar em versos as façanhas da sua vida de caçador de onça. Foi ele mesmo quem me deu os versos que passo a transcrever narrando nêles que Miguelão com deztoito anos de Deus tinha confiança e entrou nas cavernas...

Miguelão com sua geringonça matava sucuranas, vermelha, pintada... Matava maçaroca, lombo preto, pintada, dava banquete a urubá... Malava cangüê, diversas qualidades...

Miguelão tomava cuidado quando estava na furra que via o mocó assoviando... Era onça na trincheira que andava passeando... Miguelão na tocaia preparava suas guias ficava de cá esperando...

A onça estava esturrando (7) pra banda do nascente fazia um gargalejo (8) igual a um jumento Miguelão atirava a cachorrada Xarém e Sirigado na frente...

Neste momento Miguelão dizia ao camarada que a onça era pintada... Quem não comete perigo não conta felicidade... Quando chegava na gruta tava e cachorrada em luta com a onça azulada...

CARREGA ORAÇÃO FORTE...

O nosso parentesco embora esporádico muito contribuiu para nos por logo à vontade, a ponto de Miguelão me confessar que tinha oração forte, para caçar onça, revelando-a pela primeira vez ao leitor, como passo a transcrever, completando assim a sua entrevista:

"Fera medonha, estás press, amarrada, enlaide, nem pra-quente, nem pra-fria... Com a ordem do Senhor São Benito, com aqueles craves, foi cravada a cruz de Jesus Cristo... Com os

quinze mistérios o rosário da Santíssima Virgem... Com os quatro nós e cordão de São Francisco... Com as cinco pedras o signo salomônico... Fera medonha, eu te dou três baques acima do chão. Pêls frente eu te prendo, Por de-trás eu te amarro... Te mudo a natureza e te abraço o coração... Com a fé de Deus e as palavras de Deus. Os poderes de Deus e da Santíssima Virgem... Os poderes de Jesus Cristo e Jesus Maria José... Com os poderes de Deus Pai, Deus Filho e Deus Misericórdia e as palavras de Deus, do Pai, do Filho, do Espírito Santo, Amen... (9).

MIGUELÃO ATUALMENTE...

É um devotado agricultor que, apesar da idade avançada, é linheiro como um gato. Está vivendo no Catanduá, município de Currais Novos, sob a protecção do cel. José Florêncio, criada pela mulher (Isabel Toscano Batista, Zabel) e pelos filhos, Inácia, Justina, Isabel (filha casada), E Severina, Francisco e Miguel, solteiros.

FOREM E ENQUANTO...

Puder coçar a testa com o dedo grande, como ainda faz ter do a cova da mão espolpada para cima e prendendo o dedo mi-dinho na boca, é capaz de matar onça. Por mais temida seja ela (10)...

(1) Luiz Gomes de Melo Luf (2) Maria Idalina da Rocha e Veneranda Bezerra de Melo Napoleão, Bezerra de Araújo (4) Rita Leonor de Medeiros com Miguel Medeiros. (5) Rosália Cristina de Melo Lula com José Cristiano Filho. (6) Joaquim Seriano Gomes e Josefa Justa de Araújo. (7) urruando, segundo a oração não perder a força é crençide dá-la (ensinar) a quem por intermédio de um peeso do sexo contrario. Um homem por intermédio de uma mulher. Uma mulher por intermédio de um homem. E nubca um homem e outro homem ou uma mulher e outra mulher, diretamente. Sobrevivendo quase que através do populário, a onça por assim desaparecer do sertão nordestino, sendo rara hoje a própria onça vermelha, comum, com a direita, comedeira-de-bode, como dizera da legítima ou verdadeira, Comedeira-de-gente.

PERFIL DO REPORTER

José Bezerra Gomes nasceu a 9 de março de 1911, no sítio Brejil, Currais Novos, Estado do Rio Grande do Norte. Fez o curso ginasial no Ateneu Norte do Grande-Sertão (1927-31), licenciando-se na Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais (1936), onde fundou e dirigiu o revista Surtu, com o colarização dos nomes mais expressivos das letras mineiras contemporâneas. Publicou dois romances: Os Bretões (1938) e Por que não eu, casa, doutor? — o último com duas edições (1944-5). Tem trabalhando há anos na edição crítica das Poemas Completas, de Ferreira Itajubá, cujo empreendimento, nos derradeiros momentos e por suas proteções, obteve o patrocínio do governo norte-riograndense. É ao lado de sua amadora com a poesia, de que realizou um caderno de poemas bisexos, com o título de No mundo da lua e a ser publicado em edição limitada e fora do mercado, tem pronto um novo romance, o romance que leva à sua terra, como fez dito aos amigos mais íntimos.

SUMÁRIO

NÚMERO DEDICADO AO PRIMEIRO CENTENÁRIO DA REVOLUÇÃO PRAIEIRA (1848-1948)

Conferências de AMARO QUINTAS, BARBOSA LIMA SOBRINHO e ESTEVAO PINTO

Discurso de GILBERTO FREYRE na Câmara Federal

Artigos de ADERBAL JUREMA, AMARO QUINTAS e ANTONIO FREIRE

Trechos de JOAQUIM NABUCO, NABUCO DE DE ARAUJO, NASCIMENTO FEITOSA, ANTONIO BORGES DA FONSECA e OLIVIO MONTENEGRO

História em quadrinhos de NUNES MACHADO

Reproduções de JORNALIS DA EPOCA

Reprodução de um AUTÓGRAFO INÉDITO DE BORGES DA FONSECA

Fotografias do RECIPE DO SECADO PASADO e de VULTOS DESTACADOS DA PRAIEIRA.

Tópicos * Comentários * Bibliografia

Reportagem de JOSE BEZERRA GOMES com o mais afamado matador de onça do nordeste